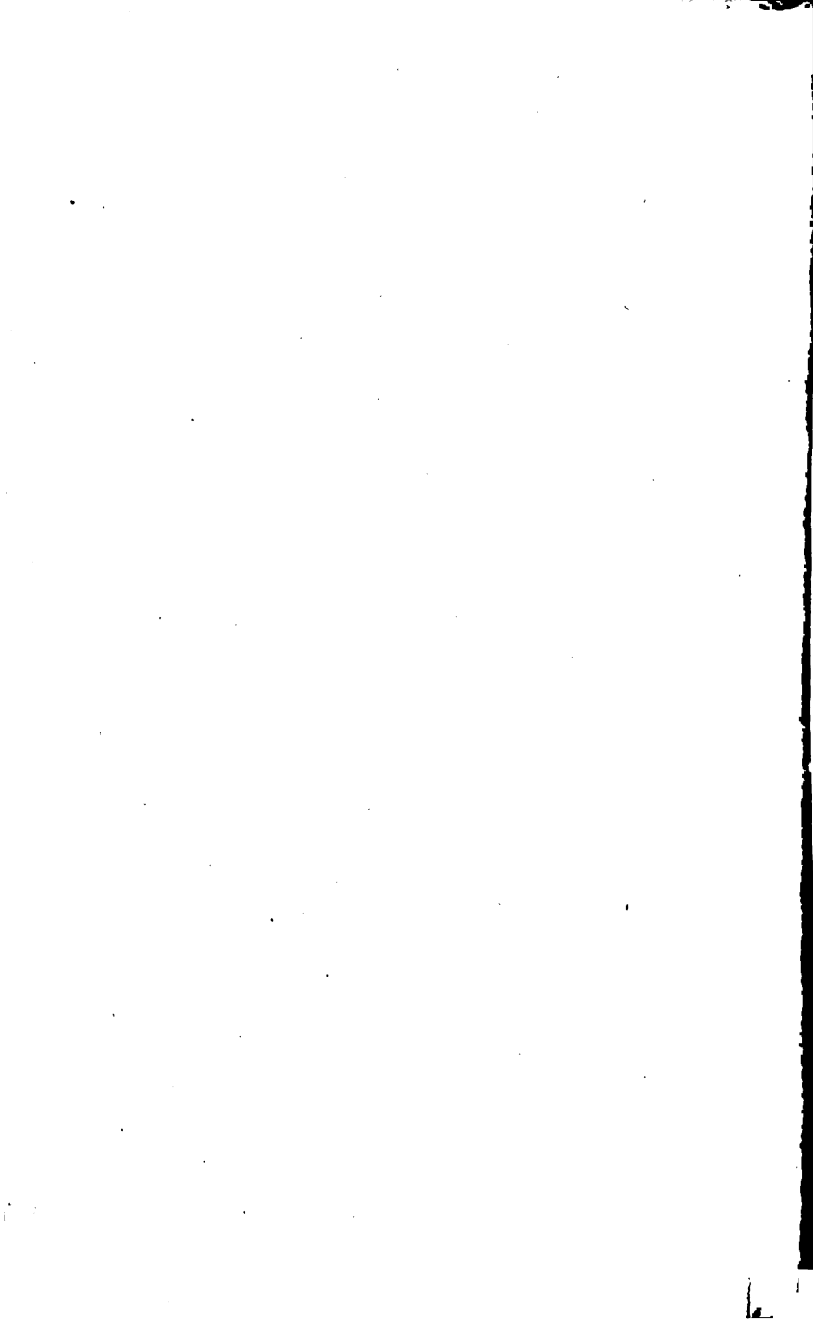
DOMICIO DA GAMA
DA ACADEMIA BRASILEIRA

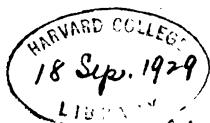
HISTORIAS CURTAS

FRANCISCO ALVES, EDITOR
135, RUA DO OUVIDOR, 135
RIO DE JANEIRO
1901

HISTORIAS CURTAS

HISTORIAS CURTAS

DOMICIO DA GAMA
DA ACADEMIA BRASILEIRA

HISTORIAS CURTAS

FRANCISCO ALVES, EDITOR
135, RUA DO OUVIDOR, 135
RIO DE JANEIRO
1901

NOTA

PARA O MEU MELHOR LEITOR

. . . .

Escolhi-o para representante d'essa especie, particularmente cara ao escriptor, de leitor affectuoso e sympathico, que ainda nas páginas falhas descobre o que quizemos exprimir, de leitor attento sobre todos, que no livro cheirando a tinta nova busca a frescura de emoção e a sinceridade e a pureza immaculada do coração que não envelhece. Em casa e por fóra a gente sempre carece d'essa attenção benevola, para acreditar na efficacia do proprio esforço. É ella que suppre a falta de encommenda do sermão inconclusivo e sem moralidade, embora

cheio de intenções e de apologos e de apologias vagas, que é o livro de imaginação.

Ha quem sempre sinta o dever de escrever para o publico, para um grande numero de pessoas, que lhe são desconhecidas, mas que imagina esperando respeitosamente, anciosamente, a emoção ou a doutrina nova trazida pela sua obra. E não é preciso ser Chateaubriand ou o Papa para ter d'essas orgulhosas certezas, que dão tanta segurança ao estylo. Nas publicações a pedido dos jornaes no tempo do Imperio quanta gente vinha espontaneamente expôr « a S. M. o Imperador e ao publico » a origem, a historia e a discussão das suas difficuldades domesticas, dos seus conflictos e pendencias com vizinhos, casos sem duvida muito interessantes, porém absolutamente particulares e pessoaes. Nem sempre o leitor do jornal tomava nota do que se estava passando de tão palpitante actualidade nos arredores do articulista, e acontecia mesmo que S. M. o Imperador lhe não dava a sua paternal consideração. Mas o homem lá tinha o seu contentamento, que era o desabafo virtual ao ouvido benigno do Chefe do Estado e

da Opinião, a exposição do seu aggravo, a reclamação do seu direito, a expressão da sua indignação, do seu enthusiasmo ou do seu desejo.

O individuo que facilmente « sahe pelos jornaes » é como o escriptor que tem certeza de ser lido, como o orador ou o saltimbanco que fala ou que joga, sem olhar para a sala, sem mesmo verificar se tem ouvintes ou assistentes : cada um d'elles crea ou diz que crea o seu auditorio abstracto.

Commigo não se dá o mesmo. Eu tenho a abstracção difficil, em se tratando de pessoas. Não sei escrever senão para as que conheço e só para ellas escrevo. Fico naturalmente muito pago da attenção que os extranhos me prestarem, mas emquanto a elles não chego, a minha sympathia está com os que vivem no meu pensamento em vulto bem nitido, povoando-me a memoria, enchendo-a de figuras, de gestos familiares, de vozes caras, que me discutem os conceitos e as suas formas, que me insufflam coragem e infundem a confiança que me falta, que me sacodem e despertam para a lida, que são a razão de ser do meu trabalho e que

nunca me abandonam ao desconsolo da solidão affectiva. A forma, a côr, a expressão dos olhos que me lerão eu careço de conhecer, de ter presentes ao espirito quando escrevo de coisas sentidas. São assim as melhores cartas aquellas em que mandamos ás pessoas amigas impressões, sentimentos e idéas de cujo acolhimento affectuoso estamos seguros. Um livro de emoção não obedece a outro estimulo. De sorte que se póde dizer que a obra de um escriptor depende grandemente dos seus leitores, isto é, d'aquelles para quem elle usa escrever.

Generalisando o meu caso para os escriptores de meia força creio que acerto. Para os genios ha outra medida e outro criterio. O arranco d'esses dá para transpôr até a barreira das linguas. Quem olha a multidão de muito alto não distingue mais as figuras; percebe apenas o formigar da gente. Mas em compensação póde assim acompanhar os grandes movimentos das massas, seguir a direcção das irreprimiveis correntes humanas. E' natural, portanto, que a expressão d'essa contemplação panoramica do

mundo seja differente da do estudo de scenas e visagens curiosas. Falam os genios a nações e a raças, em allocuções soberbas; nós falamos modestamente ás pessoas que nos querem ouvir. Eu então falo a muito poucos. Dizem que ha um passarinho que sabe contar até sete. Aquelle pobre escravo negro, que uma noite vimos morrer, cansado de comer terra, não contava mais do que tres. Qual será a contagem da sabedoria? Tres ou mesmo sete nos parece muito pouco; mas na vida do sentimento já não é a solidão, já é ter quem nos responda....

Dizia eu, pois, que o escolhi para lhe explicar as faltas e os excessos d'este livro, que é como um album, sem mais laços que os dos cadernos que compõem o volume, e que apenas encerra algumas scenas e visagens curiosas, paizagens e retratos physicos e moraes, sem tenção de doutrina nem presumpção de clareiar cantos obscuros da alma humana.

São historias curtas, são páginas destacadas do grande romance da vida, em que todos nós collaboramos, e que alguns mais ambiciosos pretendem escrever sósinhos.

De serem curtas não tenho que me desculpar, se n'ellas parecer bem indicado o desenho das figuras, discriminada, simplificada a acção moral, livre das imposturas do sentimento humilde. N'um d'esses magazines americanos em que Você contenta a sua moderada curiosidade do mundo exterior li uma theoria justificativa da historia curta. Dizia o homem que as dimensões reduzidas do conto põem-no todo sob a apreciação do leitor e facilitam a sua intelligencia immediata : no romance longo as demoras e vadiações da acção se comprazendo em incidentes e episodios lateraes fatigam a attenção de quem lê, se não fatigaram antes a idealisação do escriptor. Reduzida de area, cresce de intensidade a cultura psychologica, afina-se pela escolha comparativa, pelo estudo minucioso dos elementos da emoção, e se condensa na scena ou nas scenas capitaes e definitivas. No conto não póde haver enchimento; falta o espaço para as linhas superfluas, quanto mais para as paginas de ligação. O conto é, pois, para o autor uma disciplina e para o leitor moderno, falto de tempo e de attenção fugi-

tiva, um resumo de emoção intensa e breve.

Ora de tudo isto eu conclúo, muito contra o meu desejo de concordar com o critico americano, que quem tem talento de romancista escreve romances e que as grandes pinturas muraes não valem menos nem são menos actuaes do que os bellos quadros de cavallete. Sómente eu sinto a responsabilidade de escrever um romance, de compôr um livro com uma acção seguida e de o fazer de maneira insufficiente. Para a execução do romance um grande e prolongado esforço é necessario. Quantos são, porém, os que possuem a reserva de enthusiasmo ou de orgulho que dure annos sobre o mesmo objecto? Vivemos todos tão abertos á discussão dissolvente, tanto nos abeiramos do turbilhão do mundo, que elle nos atordoa e fascina e tira a segurança da nossa integridade. Em plena agitação podemos tomar notas, registrar gestos, delinear planos, esboçar figuras, dramatisar uma scena. Para mais seria preciso recolhimento, o orgulhoso recolhimento que não conhecem os que só na vida consciente acham a razão da vida.

Não podendo escrever grandes composições,

numerosas de personagens e de movimentos, contentei-me com a pagina de album, mais facil e accessivel, com a scena ou mesmo o simples gesto indicativo do sentimento que anima e dá vida á creatura da ficção. Penso que assim sou mais respeitoso da intelligencia dos que me leem e lhes deixo campo á imaginação creadora. Se eu não sómente esboçasse, mas ainda fixasse estas vagas figuras na sua attitude definitiva, typica, é provavel que a minha obra perdesse em transmissibilidade (deixe passar o que ahi ha de preten-cioso), e se immobilisasse e endurecesse e se isolasse. Emquanto se não precisa a indicação de uma maquette sobre o banco de um estatuario, o prazer do contemplador intelligente e afinado é completal-a ao sabor da sua invenção pessoal.

O meu desejo seria que estes contos tivessem a amabilidade maxima de fazer trabalhar imaginações, suggerindo-lhes idéas, evocando memorias, recordando e creando. Forma, lingua, composição litteraria, são coisas incertas e transitorias, e já se pode prevêr o tempo em que as paginas mais simples d'este

livro parecerão ridiculamente *preciosas*, fóra da moda, até que a distancia no passado lhes confira a veneração attribuida aos classicos.

Até lá, porém, elle poderia ser divertido, no sentido da variedade dos seus casos sentimentaes, não no da jovialidade, que lhe falta. E os motivos d'essa falta são fundamentaes.

Eu quiz escrever um livro que, senão forte e saudavel, fosse ao menos impessoal, sem sombra pessimista nem desencanto nascido da contemplação prolongada da vida e dos seus vãos cuidados.

E relendo as paginas aqui colligidas verifico que em tantos « ensayos de estylo » apenas falam em conclusão implicita a philosophia pessoal e a consequente amargura. Porque é que, sendo tão vário de assumptos, nunca parece luminoso e alegre este trabalho feito alias em camara clara? Sem duvida porque a claridade e a alegria não existem litterariamente, diria o pensador cheio de soberba e presumpção que fui aos vinte annos. Demonstrava eu então a inferioridade litteraria da alegria e da claridade por improvaveis appli-

cações psychologicas da theoria das vibrações sonoras e luminosas. Essa explicação se reduzia a apresentar as notas agudas da escala musical e as raias claras do espectro solar como menos numerosas e d'ahi, ao cabo de uma argumentação de simples materialista, como menos emocionaes e menos estheticas, portanto. O engano era puramente da observação individual, perdoavel sem duvida em quem ainda acreditava que a verdade existe por si mesma e que theorias valem fóra dos theoristas. Praticando o mundo, aprendi depois essa coisa tão simples para quem não fosse psychologo e « abstracteur de quintessence » e que vém a ser: ha diversidade nas capacidades perceptivas, isto é, ha o surdo para quem o som não existe e ha o genio musical vivendo sob a obsessão do numero e rithmo e harmonia; ha o cego insensivel ás ondas luminosas e ha o colorista que desespera de exprimir os cambiantes da luz. Se V. ainda admitte uma phrase da minha linguagem de outr'ora: eu tinha subjectivado os agentes da sensação e dado mais valor á minha sombra que á luz exterior.

Nos Conselhos de Monella vém escripto: « Si tu regardes en toi, que tout soit blanc. » E' um voto de quem sente que a sombra maior é a interior. Essa é no entanto a minha escuridão familiar, em que me movo sem tropeços, n'uma segurança relativa, pois n'ella vivo e lido e canto e falo a mim mesmo e me faço companhia e guarda contra os phantasmas da Pena, desde que a ella me acolhi, no dia da Intelligencia. Sem duvida não é sómente a minha vida que a povoa, sem duvida forças e influencias de origens longinquas, inaccessiveis ao meu conhecimento, compõem o que imagino ser a minha actividade consciente. Mas, extranhas ou ingenitas, as idéas que surgem á claridade indecisa da minha consciencia têm a sympathia maior de parecerem geradas do meu entendimento. O apagamento e a incerteza são caracteristicos da sua physionomia original ou marcas da passagem atravez de meu negrume interior. Creio mesmo que porque ahi se tisnaram é que tomam vulto e se destacam no turbilhão indistincto das formas incessantemente creadas e desfeitas na vibração cerebral.

De sorte que por se encorparem e perderem a transparencia e a leveza immaterial, por serem escuras, é que ellas são perceptiveis. Nem se deduz inferioridade d'esse incidente de coloração. E' tão alada a mariposa parda quanto a mais brilhante e vistosa das borboletas diurnas. O que importa dizer que a gravidade, o abaixamento do tom reflexivo, não é forçosamente significativa de amortecimento e depressão. Significará quando muito attenção maior, demora na contemplação, e será attitude respeitosa do espirito. A verdade — que n'este caso é o sentimento ou a opinião do maior numero — a verdade é que o grosso da gente simples e assisada extende o campo da claridade e da alegria muito além das raias de sombra e tristeza estabelecidas pelos contemplativos e melancolicos. E' assim que o jeune homme toujours triste da canção do Chat Noir, de tão falso e desajudado do senso normal da vida, faz rir mesmo os que se acham frequentemente no seu estado doentio de exacerbação da sensibilidade moralista.

Supponho que escrevendo este ultimo qualifi-

cativo toquei o amago da questão, que é funda e vasta como todas as que se referem á alma e ao sentimento das gerações de uma epocha. Não receie que me atreva a estudal-a n'esta breve nota. Peço-lhe apenas que considere um pouco a arte e a litteratura barbaras (chamo assim ás producções em que a tenção doutrinaria ainda não predomina e que se destinam sobretudo a despertar emoções), os cyclos poeticos e as canções que para nós representam a força imaginativa de um povo. E compare-as com as obras das mesmas raças em periodos de maior afinação, senão de maior civilisação, que é outra palavra com que não devemos bulir imprudentemente, obras em que já entra um excesso de alma e de preoccupações moraes. Ponha a Odysséa, os Hymnos Orphicos, o Romanceiro do Cid defronte do Childe Harold, do Intermezzo e da Legenda dos Seculos, e verá logo que a alma e as suas agonias, a duvida, a preoccupação dos destinos, a discussão dos problemas moraes n'ellas implicitos pesam sobre as obras de Byron, de Heine e de Victor Hugo e as escurecem e melancoli-

sam. Ou ha menos sensibilidade na alma antiga ou ha mais intelligencia da expressão nos modernos : a verdade é que a queixa sem resignação d'estes toma sempre ares de quem sabe o que é o melhor, e o ensina, sem esperança de que a Divindade o aprenda. D'ahi a impressão geral de desconsolo e de fadiga, a fadiga prévia do vão esforço, que resulta das obras de emoção em que se conta do homem e das suas illusões. Só a visão rapida, só o exame superficial e inattento deixa á comédia dos enganos o seu aspecto comico.

Ora, pois, se estes contos não sahiram brilhantes de forma e joviaes de humor, é que na minha humilde sinceridade não soube escrevel-os de fóra de mim, é que o meu respeito pela creatura humana não consentiu-me vêr a comédia no soffrimento. As grandes maguas e as pequenas penas valem o mesmo para a piedade. Se um sentimento anima estas páginas escriptas em annos differentes e sobre themas diversos, esse é o da compaixão pela miseria do desejo não contente, sentimento caridoso, que exclue a dureza rigorosa do julgamento. Que

exclue tambem o pessimismo. O espectaculo incessantemente repetido das fallencias da ambição pessoal serviria apenas para provar que o fim da vida não é a felicidade definitiva e consciente do individuo, porém que da esperança, do sonho do melhor, do incontentamento de cada um de nós se gera o movimento que aproveita á especie. São deducções largas e solemnes, fóra de afinação com os casos do Barão de Itapuca e do João da Matta. Mas a gente bem póde sobre um pedaço de giz refazer os systemas cosmogonicos. O ponto está em achar-se n'isso graça e divertimento. Divertiu-se V. com os meus pequenos dramas? Chorou, sorriu ou scismou sobre elles? Qualquer d'esses reflexos dos estados de espirito em que os escrevi bastaria para a sua conservação em livro. E, sendo de leitura recreativa, esse attestaria ao mesmo tempo o profundo interesse que tomei pela vida sentimental do meu semelhante, mostraria, sob a fingida isenção da ironia e a segurança artificial das phrases, toda a anciosa preoccupação do bem, e a incerteza dos fins e a agonia de não haver

remedio para as penas cujo consolo não póde vir de fóra. Sendo impessoal, seria um livro humano.

Seria...

Londres, 15 *de Maio de* 1901.

A BACCHANTE

Elle ia lentamente, meneando a bengala, com ar de indifferente, inclinada a cabeça sobre o hombro, mostrando na fadiga fingida dos gestos, na affectação de descuido nas palavras, o desdem de todo o amador, verdadeiramente amador, pelas preciosidades das collecções alheias.

Entretanto os olhos lhe desmentiam o apparente descuido cada vez que encontravam algum objecto de fórma rara, a ansa de um vaso preciosamente esculpida, o cinzelado de uma ferragem antiga, ou simplesmente um brazão desconhecido na borda de um prato esmaltado.

Mas o Dr. Van Doylen, o dono do museu, que o acompanhava, bem lhe conhecia os falsos desdens de amador, dentro do qual se acouta sempre o negociante, o comprador mais apaixonadamente cauteloso.

Por isso mostrava ouvir com religiosa at-

tenção o discurso friamente admirativo, que, sobre a *sábia* monotonia do verde de uma paizagem detestavel, lhe fazia o seu amigo, Commandante Siemens, da linha do Sul.

E resolvido finalmente a desfazer-se do malaventurado quadro, victima d'esse intempestivo elogio, vituperio indirecto, o Doutor se deleitava no prazer de possuidor feliz, vendo os relances d'olhos com que o desdenhoso, conhecedor emerito, escrutava as suas peças de valor, escondidas no fundo dos grandes armarios envidraçados.

Como na especialidade fossem ambos finos, a comédia do subentendido da vaidade e da mentira era interessante.

— Tem augmentado muito a sua collecção de esmaltes.... Sabe que os Limoges authenticos são raros? Falsifica-se muito, e muito bem, este genero....

—N'estes tenho eu confiança, Commandante. Tenho visto muito, para ser hoje embaçado. Lembra-se d'aquelle pequeno bronze em fórma de lacrimatorio, com um genio chorando á borda? Dei por elle um luiz em Marselha. Mandei restaurar-lhe a montagem. O Pinto Leite viu-o e me offereceu dez libras....

— Pinto Leite é rico.

— Tem gosto, corrigiu seccamente o Doutor.

Depois, como o outro mirasse muito um objecto tosco, elle passou-lh'o ás mãos :

— Vale o peso da prata, cinco libras. Isso é obra de algum ourives portuguez, a quem encommendaram um santo rico.... Gosta da arte ingenua? Eu acho que a arte ingenua não é arte.

A discussão durou dez minutos, mansa e sem o calor das disputas de theoristas.

Alli, com effeito, a arte ingenua era mal representada, ainda que o Commandante classificasse de ingenuos os bordados, pinturas, esmaltes e lavores da China e do Japão. Mas era só por conversar.

Tinham chegado ao fundo da sala. Van Doylen, embrulhado no seu roupão de velludo preto, que com as longas barbas brancas lhe dava um ar de magico, se tinha encostado ao humbral de uma larga porta, tão larga que parecia continuar a galeria, e se recolhia na contemplação do seu thesouro, gosando duplamente da sua posse e da admiração que elle causava. A luz coada pelas grandes vidraças amarello-vermelhas, uma luz de ouro em braza, tinha

intermittencias de sombra, das nuvens que passavam. Lá fóra a ventania torcia as arvores e a sua zoada melancolica augmentava o conforto d'aquelle interior de arte e de riqueza. Um cheiro misturado de vernizes, de madeiras perfumadas, dos estofos antigos, dos oxydos metallicos, de cousas velhas, um cheiro do passado pairava. Por traz d'elles, um pesado reposteiro, com arabescos em canutilho de ouro ennegrecido sobre o fundo carmezim, oscillava lentamente.

O commandante voltou-se;

— E as suas terras-cottas?

Van Doylen sobraçou o reposteiro, arredando-o:

— Separei-as com os outros nús. Minha mulher gosta de vir aqui com as visitas, gente que acha que os nús são inconvenientes.

Entraram. A sala, forrada de purpura carregada, quasi negra, dava em manchas suaves o branco fosco dos marmores e biscuits, o tisne dos bronzes negros, o ouro claro dos polidos, o rosa-secca das terras-cottas e o amarello creme dos marfins antigos. Começaram pelas cabeças de expressão, classificadas com arte por grupos das emoções caracteristicas. A conversa adoçou-

se então pelo amortecimento da rivalidade latente entre amadores, e reduziu-se ao quasi sussurro lento dos commentarios abundantemente, insaciavelmente adjectivados.

Os gestos, as physionomias, vivamente, energicamente dramaticas, obtinham logo o qualificativo justo para a expressão bem clara. Mas as cabeças mais finas, revelando sentimentos mais complexos, não se satisfaziam com adjectivos simples. Eram as expressões modernas que os prendiam mais tempo no estudo psychologico do sentimento revelado no gesto indeciso, oscillante e complicado de movimentos partidos de origens communs. Uma cabeça toucada á phantasia, fronte immovel de esphinge, bocca androgyna, com o sorriso perturbante, o gesto ambiguo, excitante, e a curiosidade e o saber, a alma dos dois sexos, o grande mysterio dos limites psychicos, mergulhou-os em considerações profundas sobre a questão das naturezas duplas, da reproducção, dualismo, unitarismo, symbolos antigos, aspirações mythicas das theogonias primitivas, Isis-Osiris e a poesia dos desejos divinisados....

Iam discorrendo e andando. Mas o Commandante estacou de repente, pallido e commovido.

Os olhos distrahidos tomaram-lhe a expressão desejosamente adorativa de quem se acha sob o *coup de foudre* de uma paixão ardente. Elle tinha visto a Desejada, a graça fugitiva feita estatua, o movimento preso no vôo, a realidade de um sonho que até alli se contentava em sonho. Tudo n'um relance, só a percepção do gesto, ao principio. Depois a investigação palpitante das particularidades harmoniosas o envolveu de todo na chamma devoradora do desejo.

Van Doylen já contava com esse effeito da sua Bacchante. E desviando-se, fingindo occupar-se com outra coisa, torcia a seu pezar os cantos da bocca n'um sorriso orgulhoso. Depois saboreou o seu triumpho :

— Não é exemplar de commercio. O esculptor modelou-a para a reproduzir em bronze, mas o fundidor falliu e este modelo, vendido no leilão, começou a correr mundo até chegar ás minhas mãos....

— Que a não deixarão mais?...

— Que jámais nunca a deixarão !

— Mesmo com o frio da morte?...

— Oh! Commandante, não me queira vêr morto para possuir um bocado de argilla !

O outro protestou sorrindo, mas a visita aca-

bou n'um constrangimento, que nem a despedida do Commandante, partindo para a Europa em commissão, conseguiu dissipar.

Elle viu a Bacchante em sonho n'essa noite.

A' frente da procissão sagrada, ella vinha, na divina nudez de estatua viva. Guia da festa impura, coriphéa lubrica, festa era vêl-a na embriaguez lasciva, dansando a dansa em que a razão se perde! A paizagem encantada, olympica, paizagem de sonho, invadida pela bacchanal infrene, toda se illuminava para aquella apparição radiosa. E Ella tomava todo o espaço, e só ella avultava e vivia, como entre os accessorios apenas indicados de um quadro a figura principal. Elastica e flexivel como um junco ao vento, saltava sem cessar na languida cadencia de uma musica sem som. Torcendo-se em requebros estudados, correndo todas as posições academicas, ella improvisava na plastica da carne variações infinitas, sempre novas, cambiantes ineffaveis, sobre o thema vulgarissimo da sexualidade em delirio. Grande artista que era! Por fim, como um accorde final, vibrante, ella estacou na postura extatica do modelo, levemente dobrada sobre a esquerda, a perna direita livre, torcendo alto o thyrso engrinaldado

sobre os seios erectos e a cabeça descahida para traz, com a bocca entreaberta e os olhos pesados de languidez, na amorosa offerenda ao deus novo, feminil, ao louro Baccho, ao syrio Dyonisos.

O Commandante quiz ser Dyonisos. Mas despertou.

E o amargor de não possuir a estatueta idealisada no sonho envenenou-lhe a vida d'ahi por deante. Comprou figuras parecidas, mandou fazer bacchantes, estimulou a imaginação de mais de um esculptor : só teve decepções.

Perdeu a alegria de viver, abandonou as suas collecções, tornou-se misanthropo pelo incontentamento de uma ambição que sentia illegitima.

Como misanthropo, evitou os amigos, Van Doylen inclusive. Para com esse o constrangimento era como de humilhação e de vergonha. Por isso, quando soube que elle estava doente, não foi visital-o. Disseram-lhe que tisico, e elle levantou os hombros, parecendo indifferente.

Indifferente, não : dolorosamente perturbado. Lembrava-se de que o amigo não acreditara nos protestos que lhe fizera, de não querer a

sua morte por preço da estatueta. Agora não poderia ir vêl-o, para que o moribundo não pensasse que elle era o herdeiro cubiçoso indo espiar-lhe a agonia.

E, atribuladamente indeciso, ia e vinha nas suas viagens mensaes, recebendo noticias cada vez peiores do doente. Por fim, com atrazo de oito dias, voltando de uma viagem de mau mar, demoras e contratempos, deram-lhe recado que o Dr. Van Doylen lhe queria falar, antes de morrer.

Acudiu pressuroso. Ia resgatar a sua ingratidão e desamor com toda a exuberancia do arrependimento e do affecto, que lhe brotava dos labios em palavras generosamente sentidas.

Era tarde, porém. O velho colleccionador, que se tinha feito transportar para o meio dos seus *nús*, morria vagorosamente na suprema contemplação solitaria d'aquillo que tinha sido a vida da sua vida, resumindo sensações, exgottando tudo em um longo olhar sedento, sofregamente, como quem bebe a derradeira taça. Entretanto, quando viu approximar-se o unico que com elle partilhara dos mesmos ideaes, porque a rivalidade ainda é uma communhão no desejo, elle teve um sorriso de alegria e

extendeu o braço tremulo para tomar a Bacchante, que lhe estava ao alcance, e depositar-lh'a nas mãos. Mas o esforço foi vão. A mão vacillante só poude agarrar a estatua e suspendel-a pelo thyrso. Depois, um sacudimento convulso, de impotente... e eil-a por terra, em pedaços, a esplendida Bacchante dos desejos!

O Commandante teve um só grito, um clamor, duas palavras de odio para exprimir a sua suspeita :

— Oh! egoista infame!...

Os que acudiram ao grito, o encontraram prostrado sobre os fragmentos de barro, aos pés de Van Doylen, que expirava, levando para além-mundo o espanto d'esta scena final do drama da mais terrivel cubiça que póde cancerar um coração.

27 de novembro de 1887.

ESTUDO DO FEIO

Tanto n'ella pensara, tanto para ella se preparara, que estava exhausto quando Ella veiu afinal. A anciedade augustiosa da espera, com o enfraquecimento gradual do physico, lhe tinha tirado toda a energia para dominar-se ante o horror do ultimo transe. Agora desatinava, relaxado á dôr, estrebuxando sob a garra do supremo espanto, perdida a derradeira e vaga esperança de, na morte ao menos, ser uma vez theatralmente bello.

Bello!... A obsessão torturante de um ideal illegitimo não achava lenitivo, não deixava de o atormentar nem nas vascas da agonia. Não era assim que tinha desejado entrar para o refugio inviolavel do nada. Sonhara extinguir-se, passar, deixando aos que o rodeasseam a impres-

são inolvidavel da magestade de um passamento heroico e sereno. Mas agora *preferia* qualquer morte fulminante, em que houvesse horror para os outros : um raio, uma explosão de caldeira, uma lucta fatal com un tigre n'uma jaula, ou na sala illuminada de um theatro partir de repente os pensamentos, as scismas de alegria e de amor, com um grito tragico e o esguicho rubro do sangue da carotida cortada. Ou então no cerrado de uma batalha naval, á hora critica da abordagem esmagadora, approximar-se do paiol da polvora e com o charuto classico fazer saltar o navio n'uma convulsão de catastrophe apotheosica.

E nada!... Em vez d'isso morria a um canto, na indifferença dos mais, tendo vivido sempre como um cão a quem regateiam afagos, cujas festas são importunas, porque é feio. O seu isolamento social e affectivo d'ahi provinha — de ser feio. Porque desde pequeno se revoltara contra a mentira das doutrinas moraes, elevando fingidamente uma espiritualidade, de que ninguem faz caso, da qual todos desdenham como de uma impostura psychica, se as apparencias, se a fachada physica não tem a physionomia acolhedora da materia bem dis-

posta, ordenada com bellas linhas, e nos gestos a harmonia das coisas proporcionadas. Fizera timbre de vencer a repulsão que a sua feialdade inspirava, pelo cultivo desvelado do seu moral e de afinal-o, eleval-o até á angelitude. Isso realisado — sentia-se divinamente bom e amavel — não comprehendeu por que não era amado, cuidando que ha merecimentos que a isso dão direito. Encerrou-se então na clausura de uma desconfiança geral, uma suspeita de que, reconhecida a sua real superioridade, quizessem-no abafar, persuadil-o de que não valia.

Entretanto, esse orgulho ingenuo e infundado, que é a derradeira cohesão das individualidades mui fracas, deu-lhe sempre a reacção contra as humilhações depressivas, os *maxima* soberbos alternando com os *minima* de miseria contricta. Agora, porém, tarde! só agora, na hora da suprema urgencia, a lucidez maior do espirito já quasi desembaraçado dos elementos da equação pessoal deixava-lhe perceber que tinha vivido sósinho e sem amor por falta de revelação. Por uma intuição quasi explosiva, um relampago de intelligencia de uma ironia satanica illuminando o irreparavel, elle recon-

hecia e avaliava toda a distancia que vae do ser, do sentir, ao revelar-se, ao exprimir. Um syllogismo obscuro concluia pela sua nullidade. Só existe o que se exprime. Nem sempre ha fogo onde ha combustivel. A unica realidade sensivel é a expressão. O que elle pensava ser podia ser apenas, não era. E não tinha sido porque a expressão o atraiçoara, a expressão, que era o seu physico disforme, abjecto, miseravel, a sua individualidade visivel e unica real, portanto. D'elle sahira o mal para elle, a sua aspiração envenenada pelo ambiente de desprezo social!

Ah! dôr cruel, agora!...

Como um viajante, que, ao chegar ao pouso, na baixada escura, contempla a serra resplandecente aos fulgores do occaso, a serra, que elle atravessou sem vêr que mundo era de pincaros sublimes, de abysmos vertiginosos, de encostas verdejantes, de logares de sombra pacifica e serena junto de penedias que o sol calcina desde o amanhecer, sem ter dilatado o espirito, ensaiado as azas da aspiração, vagando o olhar pelo horizonte em torno, larguissimo, elle só podia chorar a vida que não soubera gozar. Não pudera, antes. A montanha da vida lhe tinha

sido inhospita; elle passou por ella rapidamente, como um animal rojante perseguido, por trilha escusa contornando as asperas barrancas, onde a sombra vem cedo, onde a alegria não mora. O espinho da magua, a sombra do terror, sempre!...

E agora, mais, a saudade aguda, lancinante, da vida não gosada! Havia, pois, um destino de maldicção a prolongar-lhe, a exacerbar-lhe o tormento de viver até tirar-lhe a paz da hora extrema..... A ancia atroz de um desespero louco torceu-lhe, espremeu-lhe o coração para exgottal-o em convulsões de pranto. Depois, n'uma furia de destruição insensata, como o escorpião ferido voltando contra si o proprio dardo, elle retornou a fazer pela memoria as jornadas mais lamentosas da sua lugubre vida de amargura.

A ultima injuria sensivel, oito dias atraz.

N'um bond de Botafogo tres mulheres, moças, alegres, iam no banco adeante d'elle. Uma d'ellas, mais fina, mais gentil, mais nova talvez, palrava continuamente, n'uma garrulice infantil, cortada de risos sem causa, alegria contagiosa de criança contente. Era a gesticula-

ção miuda, incompleta, de cambiantes rapidissimos, o sorriso desfeito n'um amuo, a cabeça que se humilha de vergonha fingida, erigindo-se em postura tragica, logo adoçada ao gesto carinhoso da mão enluvada de amarello-havana, tocando o braço da visinha, e, por cima de tudo, fazendo harmonia, entre o encolher de hombros e o desabrochar da bocca comprimida em mesura comica, desferiam a todo instante o vôo os *perlés* irresistiveis d'aquelle riso de encanto. Elle, embevecido, esquecido de si, inclinava-se para a frente, apoiado ao punho do chapéu de sol, com o sorriso vago de quem ouve chilrar um gaturamo.... Foi uma quéda brusca. A moça, percebendo-o, voltou-se e logo se endireitou com um quasi susto, muda. As outras sorriram. O Feio, como se fosse apanhado em flagrante, só abaixou os olhos e ficou assim, bestamente, sentindo nas orelhas a vermelhidão de creança reprehendida e dentro, no coração, o frio do odio contra o mundo e contra si. Depois mandou parar o bond e desceu, pesadamente, com as pernas tropegas do terror do bem conhecido cacarejar de escarneo....

— O senhor está na berlinda por ser muito

bom moço (a humilhante pena, a detestavel compaixão de alguma velha imbecil, da baroneza ou de D. Salomé!...), por ter uma cara de xuxú maduro (risadas), porque anda feito uma aranha pelos cantos, por parecer um jacaré de papo amarello (risadas!), por ter barba como a do diabo mais velho, por ter um olho que olha para antehontem e outro para amanhan (risadas), está na berlinda por ser um cavalheiro distincto, (oh! oh!) por estar encolhido como um grande jaboty (elle se aprumou; risadas), por montar muito bem a cavallo (referencia ao tombo que levára no ultimo *pic-nic*; risadas freneticas, prolongadas...), está na berlinda por ter um beiço de botocudo, por parecer sempre andar fóra de tempo (allusão ao nascimento inesperado do bastardo? seria demais...), por ser....

Elle levantou-se bruscamente, derrubando a cadeira e, sem olhar para ninguem, entre o silencio embaraçado, ia alcançando a porta quando a pergunta de mais engraçado da roda — Dôr de barriga, moço? — fêl-o voltar para a sala o rosto demudado n'uma expressão de odio e rancor, grotesca mascara, que fez rebentar unanime, injuriosa, a vaia das risadas de homens e mulheres.

No dia seguinte tomava o trem, abandonava a sua cura, deixava o hotel onde a tão falada amabilidade das estações de aguas para elle só tinha sido desprezo e apoquentações. E com a maldade a frio, a ferocidade humana, cynicamente visivel para elle, aggravou-se-lhe o rancor contra o seu corpo miseravel.

No theatro S. Pedro, em baile de mascaras, noite de carnaval, elle, mascarado, de toga negra e gorro de magistrado na cabeça, mirava a sala onde, como n'um buraco de podridões, remechia-se sem cessar a multidão larvejante. A claridade, que offuscava, o estrondo ensurdecedor da alegria animal desenfreiada, o calor intenso, que com o bafio repugnante dos corpos em suor, dos halitos alcoolicos, dos perfumes misturados, do bodum dominante, subia na exhalação de cuba em fermentação, punham-no tonto ao principio. Depois pareceu-lhe que todos os ruidos eram dominados pelo do lascivamente brutal esfregar dos corpos no apertão das dansas. E áquella singular sensação, accordando-lhe um fervilhar de impureza interior, elle sentia uma ancia irreprimivel de gosos baixos — como a nostalgia da lama. Na

roda perto da orchestra, uma mulher grande e roliça, carne, branco e laranja, deslocava-se nas contorsões do ultimo chic da quadrilha canalha. O Feio desceu as escadas correndo para vêl-a de perto. E na valsa seguinte entrou com ella. Ia-se arrependendo quasi logo. A mulher tinha o enlaçamento rude, estreito; collava de mais; nos volteios tonteiantes deixava-se levar, suspensa dos seus hombros, suffocando-o, e, quando errava o passo dansando, os seus encontrões brutaes eram bem de besta alvoroçada, pinoteando aos trancos sob o chicote da musica estrondosa. Entretanto, elle acostumou-se áquillo e por longos minutos embriagado gosou tudo o que se encontra no esquecimento do brio. Depois levou-a a beber cerveja e, exgottados os copos, ia levantar-se para lhe dar o braço, quando ella com gesto rapido, por brincar, arrancou-lhe a mascara. Parece que não acreditava que fosse devéras aquelle o rosto do seu cavalleiro, porque passou-lhe a mão, apalpou-o, certificando-se. E logo dobrou-se sobre os rins, n'uma alta, destemperada, escandalosa risada ante a miseria d'aquella figura humildemente feia. Elle olhou para a mulher vil, sacudida no espasmo de

jovialidade maligna, que o feria na face, e, reatando a mascara, afastou-se. Nem a lama o queria!

E outras e outras!... De menino, menino feio, sem carinhos, augmentada a natural timidez com as alcunhas crueis, crescendo n'um ambiente de reprovação e desamor; homem, vivendo na agonia perenne de não ser melhor, menos feio, de não ter um amigo, um feio mesmo, para povoar-lhe a pavorosa solidão de affectos, para não deixal-o morrer de todo, abandonado, sósinho....

Era melhor morrer, sim! mas n'aquelle fundo de casa de alugar quartos, na sombra lugubre, sem alguem para accender-lhe a vela, extinguir-se, ouvindo sempre aquella torneira gottejante, melancolica, como o esvahir-se do tempo aos segundos, ferida aberta, donde o sangue escorre e não torna, sangue ou tempo, nunca mais! o ouvido involuntariamente attento, uma esperança vã, sempre desilludida! presa aos passos dos que entram, dos que sahem, extranhos, lidando na sua vida, sem saber d'elle, mas fazendo-lhe na mente, já meio louca, a dissolvente sonata dos crescendos que

vém, dos afastamentos morrendo no fundo dos corredores, até ao rufar pianissimo dos tacões rapidos descendo escadas, longe! Morrer no escuro, no dôr inconsolada, sem uma voz para enxotar-lhe os terrores da noite infinita, sem uma bocca para assoprar-lhe esperança e amor, uns olhos chorando sobre o seu corpo retorcido nas convulsões da agonia.... Não! era muito.... Não queria assim....

E un gemido de miseria suprema, fundo e alto, sahiu-lhe do peito, logo abafado por soluços dilacerantes, para resurgir guinchando n'um offego de angustia terrivel. A cabeça inquieta tinha-lhe descahido da beira do estreito catre e, assim virada, com os olhos quasi extinctos postos n'um vago clarão, reflexo de longe coando pela bandeira da porta, oscillava sempre com um gesto de recusa, cada vez mais lento, de uma brandura crescente, mas firme sempre, abrindo-lhe um sorriso os cantos da bocca contrahidos e a physionomia pacificando-se, adoçando-se, como por uma luz de piedade e renunciação, até immobilisar-se extatica, serena, quieta.... Então cresceu, approximou-se o clarão, uma vivissima e suave claridade o envolveu, mãos piedosas tocaram-no, sentiu-

se bem, a caricia de uns dedos alisando-lhe as palpebras, enxugando-lhe as lagrimas....

E na anhelada paz, no ineffavel effluvio de amor, elle repousou, afinal, com um suspiro inda entrecortado á lembrança da magua, mas levissimo, — primeiro e derradeiro resonar do somno unico, inimaginavel, eterno....

7 de fevereiro de 1888.

CONTO DE VERDADE

Em meio de uma aria no terceiro acto do *Poliuto*, quando Tamagno dizia :

Voce santa come il cielo
Di perdono a me parló,

Olympia tocóu no braço do marido :

— Acabando este acto, vamo-nos embóra....

Christiano voltou-se um pouco, e, mudo, bateu as palpebras approbativamente. No seu gesto havia resignação e fadiga. Ficou algum tempo com o dedo sobre o labio, a trincar em pedacinhos um fio do bigode, absorto, contemplando teimosamente a nuca da vizinha da frente. Depois encostou-se ao paletot dobrado sobre o espaldar da cadeira, e, tomando o binoculo, examinou de novo a sala.

Lá estavam todos os amadores sinceros ou fingidos da opera lyrica, desde o Imperador, muito quieto, a sonhar por musica, até aos estudantes, que, em pinha escura, entalados entre o tecto e os duros bancos de pau, se esqueciam das provas escriptas pavorosamente proximas.

Lá estavam representadas as salas tediosas de Botafogo e Larangeiras, na pompa dos collos nús, morenos ou brancos, immoveis, rigidamente ceremoniosos ; no abanar lento dos grandes leques sumptuosos, logo apoiados contra os peitos tufantes ; no aprumo constrangido das posturas — hieratismo do arrocho dos colletes, ridiculo sobre as réles cadeiras do antigo circo ; no scintillar das joias, pulseiras ricas, pentes de ouro, grampos faiscantes picando as cabelleiras armadas em custosos penteados ; na exposição dos vestidos de tecidos caros, ou foscos ou brilhantes, de côres, tons, matizes preciosos ; na alvura dos peitilhos, esmorecida na meia sombra ao fundo dos camarotes ; nos sorrisos pasmos de boccas imbecis ; na mentira collectiva por todas as fórmas, por miudo e por grosso, lá estava a gente que se sacrifica a fingir que gosta....

Mas que fica até ao fim!

Elle, dilettante antigo e diplomado, que tinha feito do goso esthetico a razão da vida, que alli tinha vindo, que alli ficaria até ao fim por seu prazer, ia-se embora pelo prazer de Olympia, *que era sua mulher!*

Sua mulher, uma parte do seu eu social, complemento necessario da sua existencia vazia de ambições, começava a opprimil-o com o peso intoleravel das tyrannias mansas. Elle a tinha adorado na sua belleza de estatua indifferente, entrevendo um mundo de sentimentos a descobrir além dos gelos d'aquella carne passiva. Suppunha multiplicar por ella as occasiões e a intensidade de sentir a vida boa, renovar as fontes da sensação para o seu *intus*, mudado pela paixão que regenera.

E o que o casamento lhe trouxe foi um desenvolvimento enorme, um augmento espantoso da superficie da sensibilidade. As expansões do noivado, a convicção de ventura definitiva na beatitude das horas de abandono amoroso, cégaram-lhe a natural desconfiança. Na quentura do ninho domestico desabrochou-lhe a melindrosa flor das ternuras intimas.

Elle revelou-se o que era, como nunca se

mostrara inteiro ás solicitações dos amores illegitimos: sensitivo, meigo, sem força nem grandeza, infantilmente, egoistamente amoroso — gato. Cuidava que por isso seria mais amado. Enganou-se de todo. Perdido o seu prestigio de mysterio, a mulher não achou mais em que prezal-o. O idolo-homem era ôco, inoffensivo, feito de vicios e frioleiras. Agora eram frioleiras os amores de nervoso, as preferencias sentimentaes e estheticas do pobre Christiano. Ella lh'o disse uma vez que elle se enthusiasmava por um quadrinho do Aurelio, em que a harmonia das manchas era tudo. E desde esse dia, profundamente offendido, humilhado na sua tão mal paga effusão sentimental, quiz fechar-se, concentrar-se de novo. Mas já não poude. Para Olympia, a alma do marido, como uma luva já usada, ficou aberta. Nada tinha de interessante.... Servia-lhe: era tudo.

Pobre Christiano! Tinha tanta pena de si mesmo, pensando n'isso, que uma lagrima vinha arder-lhe na palpebra, e ahi, de vergonha, sumir-se sem rolar. Tamagno canta. « Canta p'ra ahi, voz de encanto! Olympia acha que a do Almeidinha é mais doce. Por isso nos

vamos embora.... Lá para as onze e meia tu diras com a Borghi, de voz apaixonada, o *duo* do mysticismo, em que ha sons de harpas angelicas e esplendores de centos e centos de sóes, e o rapto sublime das almas aos pés do Senhor. E no baloiço das ondas de harmonia, nas volutas do incenso mystico, minha alma não subirá inebrìada... porque a essa hora estarei em casa, tomando chá com Olympia, ao pé de Olympia, como aqui, como em toda a parte, sempre!... »

O que os Goncourts dizem da sensação peregrina : ouvir musica roçando com o joelho a seda do vestido de uma mulher — amante ou outra coisa — Christiano só tinha experimentado no outro tempo, no tempo dos amores leves. A musica viva e graciosa das operettas ouvidas junto de um chapéu de espavento, na quente exhalação de um corpo curtido a perfumes, tinha sempre feições epithalamicas. Quasi toda a voluptuosidade da ingenua libertinagem de Christiano estava em imaginar partilhado o seu alvoroço d'esses noivados irregulares. Alvoroço excitante, unico! Ao estimulo da sexualidade todos os nervos vibrando, o apuro de sentir subia quasi ao

hymno, á expressão cantante das sensações extremas. O desejo amoroso punha-o no estado da embriaguez incipiente, quando, pela interferencia de vibrações desencontradas, enturva-se a percepção geral das coisas e a sensibilidade particular se afina microscopicamente.

Lembrava-se do prazer ineffavel de, perto da scena, nas peças bem vestidas, com a bengala junto ao olho, apreciar o quadro em manchas violentas, berrando para o publico, para elle adoçado, resumido na prata espelhante do castão. E de uma vez em que, sentindo no antebraço o cotovelo pontudo de uma Blanche qualquer, elle assim gosava da juxtaposição de tres tons brutaes — na scena sumptuosa, feita em grandes pannos de purpura, a entrada de tres vestidos, verde claro, carmezim vivo e violeta pallido, em setim reluzente á claridade da rampa, uma briga de côres que o irritava ao mesmo tempo que o amollecia na saudade das emoções de menino pelas primeiras illustrações que via, cruamente coloridas — o comico irresistivel das ventas de uma das cantoras, a de verde claro, arregaçadas fortemente no ataque de um *ensemble*, que o fazia rir alto, enervado,

gostosamente, escandalisando a sala e a companheira....

Mas isso era no outro tempo, quando elle era natural e espontaneo, moço, antes de casar, havia tres annos! Agora, a companhia de Olympia o obrigava a portar-se seriamente, ensurdecia como um abafador. E a preoccupação de ser conveniente, serio, o endurecia nos modos constrangidos de todo o mundo. Tornava-se desengraçado, estupido, por falta de gymnastica da expressão. Pobre Christiano! A tal teimosa lagrima quasi rolou d'esta vez. Levantou um pouco o binoculo e com as costas do pollegar direito esmagou-a cautelosamente.

Tinha-se mudado o scenario pelo do templo pagão. Storti, Visconti, Capelli, Borghi-Mamo cantavam. Depois, de novo Tamagno entrou, para o final. O còro, a orchestra, as primeiras vozes davam tudo. E Christiano nem olhava! Tinha assestado o binoculo para um camarote de gente feia, como se o interessasse a expressão attenta, muito sua conhecida, d'aquelles acerrimos dilettanti, que sorviam as operas inteirinhas, da primeira á derradeira nota da orchestra. E' que atraz de si um molle

abanar do leque de plumas inquietava-o.

Sentava-se alli, assignante de cadeira de passagem, a Bahianinha dos diamantes, uma irregular fina e gentil, seductora como um peccado venial, o que attestavam as joias de faiscante pedraria, de que ella se ajaezava como um idolo barbaro. E elles se conheciam! Tinham sido bons amigos outr'ora. Entre aquelles diamantes, talvez um par de brincos.... E involuntariamente voltava-se de manso, com medo dos seus olhos tentadores. N'esse instante Olympia dizia:

— A Fifina não tira o binoculo do Tamagno!

Christiano rangeu os dentes. Mexeriqueira, ainda mais! Adivinhava o sorriso da Bahianinha....

Esta tinha entendido o caso de seu ex-amigo, desde que notára como os dois se tratavam. E hoje, que o via mais acabrunhado, vinha-lhe o capricho de indagar d'elle, por zombaria, se as *regulares* são mais amaveis. Então, de malicia, abanando-se, torcia o corpo na cadeira, para dar-lhe no pescoço com as plumas do leque.

Christiano encavacava com tal brincadeira, feita alli assim junto da mulher. Corria-lhe

todo o corpo dos pés á cabeça, cada vez que lhe roçava os cabellos a caricia das plumas, um arrepio. Bastava Olympia voltar-se.... Via com terror mudar-se-lhe o estagno domestico pela inferneira das ciumadas. Suava!

Olympia bem tinha percebido a coisa desde o principio. Quando entrára a *cocotte* scintillante, ella a tinha mirado com o olhar attento, quasi de inveja para as joias, desdenhoso para a dona — desdem das sedentarias pelas nomades. E mulherzinha lhe havia arrostado atrevidamente o olhar, o olhar de mulher honesta! Foi ella quem cedeu. Depois, mesmo de costas, via-se examinada, e, no seu vestido de sedinha escura ás riscas brancas, sem rendas caras, no seu chapéu de palha e flores, nos grampos de ouro simples, nos brincos de perolas, no leque de setim pintado, sentia-se pobre e humilhada.

Não podia mais apreciar o *Poliuto*. Aquella musica toda tornava-se massante. Musica de Donizetti.... O despeito lhe fazia um formigueiro pelo corpo. Christiano era bem capaz de ficar até o fim.... Preveniu-o. Viu que o contrariava, mas pouco se lhe deu. Tardava-lhe ir para casa, sahir d'aquella vizinhança canalha. Tamagno nunca mais acabava.... E,

ainda mais, mudavam o scenario! Quem sabe se não emendavam o outro acto?... Christiano estava amuado. Que tinha elle a olhar tanto para o mesmo logar, o Conservatorio ou as Figueiras, em cima?... Então viu a Bahianinha, fingindo olhar para traz, dar-lhe com o leque na gola do fraque, na nuca. Elle estava gostando com certeza; tinha cara de quem gostava! Havia talvez conluio entre os dous, que elle se ia virando.... Para acabar com aquelle desaforo, foi que ella emittiu a sua reflexão sobre a Fifina.

Felizmente descia o panno. O gaz no sol do tecto e nas arandelas á roda da sala dava um pulo, e á sua claridade crua e descorante começava o reboliço dos entreactos, gente que sahe a refrescar-se, visitas das cadeiras aos camarotes, dos camarotes ás cadeiras, os intervallos de passagem apinhados....

Quando chegaram ás portas do saguão, Olympia ia enervada de tanta pergunta : porque já se iam embora, no melhor da peça... e Christiano a responder a todos:

—Minha mulher está incommodada.

Até era ridiculo!

No bond das Laranjeiras foram conversando com uma familia vizinha, conhecida. E inci-

dentemente trocaram algumas phrases amaveis. Mas quando, chegados á sua casinha da rua Guanabara, se acharam sós, junto á mesa do chá, retomou-os o constrangimento das queixas reciprocas. O peior era não poderem explicar-se. Sem saber a razão, Christiano sentia que de um para o outro havia, como entre electricidades do mesmo nome, uma repulsão mutua.

Que elle tivesse queixas, mas Olympia!... Era-lhe intoleravel aquelle silencio, e, mais por dizer alguma cousa de que por esclarecer uma suspeita importuna, aventurou:

— Por que você não quiz ficar para o quarto acto?

— Pergunte-me por que!...

Christiano não continuou. Era secco aquillo. Pan! estava partida a cadeia entre os dous. A vergonha, a humilhação da culpa implicita afogueou-lhe o rosto. Poz-se a enrolar uma bolinha de pão.

Olympia depoz a chicara. E como pela janella aberta entrasse, vinda no leve bafejar da aragem, de muito longe, atravessando o silencio, uma phrase do *Fausto*, chorosa, morrente, gottejando melancolias, o facil suspirar de mulher maguada exhalou:

— Ah! vida triste!...

E desatando n'um pranto fugiu para o quarto, ao olhar de odio que lhe lançou o marido.

Pobre Christiano! Se no mundo havia alguem caipora, era elle. Todo o seu esforço para viver feliz dava n'aquillo. Condemnado a viver no inferno vulgar domestico, na tristeza.... A tal teimosa lagrima, a companheira fiel das amarguras, assomou-lhe, grossa e pesada, ás palpebras. Deixou-a correr, e outra, e mais.... E, sentindo-lhes nos labios, sob o bigode, a friura diluente, pensava a seu pezar na alegria dos olhos amorosos da Bahianinha....

SÓ

Fez hoje um mez que me casei e não sei que singular impressão resinto de uma eternidade de vida marital. Sentir passar o tempo é envelhecer, esfriado de ardores enthusiastas, desconfiado da pureza e da inteireza das proprias sensações. Sou um marido velho e desencantado, n'um mez. A lua de mel com o seu clarão mysterioso perturbou-me um pouco, sem me cégar. Bem vejo, visiveis de mais, as falhas do espelho da minha felicidade. Hontem puz-me a achar velha minha mulher. Suspeitei-lhe nos olhos de saphira um desmaiado da viveza juvenil que me captivou e alli mesmo, nos cantos, no gracioso enrugamento que lhe aviva o sorriso, o projecto do pé de gallinha, sinistro. Assim me fere a fata-

lidade das rugas na origem material do meu amor, na vida d'aquelle rosto, na graça d'aquelle sorriso, na luz d'aquelles olhos, que me enfeitiçaram. Não gosto de caras de bolacha e Celestina tem o rosto fino, de linhas accusadas: logo alli verei o escaveiramento do meu amor que morre.

Foi mal educar-me para os estados definitivos da existencia aprender a vêr além da hora presente. Seja sensualista ou sentimentalista, o homem que se arma de luneta para explorar os campos da sua felicidade deve resignar-se a trocar o gosto pelo antegosto. Além de que sempre fui como um caçador que não come da caça que mata e caça por prazer. Caçador do ideal, commetti o erro de comêl-o. A fome, o desejo são mais sadios do que esta alimentação. Não ha como o não gosar. Poder, mas não querer, isso sim. Olhem um Rothschild a gosar directamente de toda a sua fortuna! Endoidecia.

Eu não endoideço, porque não achei no casamento a minha fortuna. Sempre pensei que seriamos dois em um e afinal somos dois em dois e eu sou só. Deu n'isto a idealisação de Celestina. Era a mulher o que eu queria e não uma mulher. Pateta que fui! podia ter todo

o variado theatro do feminismo mundano e não gastar toda a minha fortuna amorosa na acquisição de uma simples boneca de engonço!

Tambem boneca de engonço é um pouco forte, embore eu fale relativamente.... Sempre é uma mulher, apenas um exemplar da collecção, um caso particular do typo que pretendi fixar. A culpa não é della, coitadinha da minha mulher!

Mas que baque!... Aqui estou casado e só. D. Sebastianna pensava que era solteiro que eu vivia só. O diabo da velha.... O burro fui eu, que fiquei com pena de mim, pobrezinho, na solidão! Já era o feitiço do olhar azul de Celestina, o encanto d'aquelle sorriso, que era uma delicia sonhada, que me esbrazeava de ciume quando se desabotoava para outro, já era amor, esta sublimidade abstracta e chatice applicada, o que me derretia a coragem de viver solteiro.

Uma solidão mais povoada do que um cortiço, a minha! Tão inteirinho que eu andava, no meio da multidão, no deserto. onde quer que estivesse! Agora, quando estou só, estou só metade. A outra metade está só. E quando

estamos juntos estamos sós. Eu, principalmente.

Oh! esta horrivel solidão a dois!... Na alma que conseguiu fechar-se, abrigar-se orgulhosamente, defender-se dos desconsolos da vida, pela janella, que abrem as attenções maritaes e os cuidados domesticos, entram com as correntes de ar do prosaismo ambiente os mil pequenos desgostos que não têm consolo, porque são ridiculamente miudos e imperceptiveis aos outros, sem serem menos afflictivos por isso. A inintelligencia, a falta de afinação — pode haver maior tormento para quem pensou que vibraria melhor dobrando, multiplicando a sua sentimentalidade? Um espantoso castigo de adulterio foi o d'aquella italiana amarrada pelo marido ao cadaver do amante. Apostar que, se elles se não entenderam em vida, mais federia o cadaver! A's vezes, na vida de certos casaes, é a morte do amante o que empesta a felicidade do marido....

Quando me ensinaram, livros ou amigos, esta doutrina amarga do casamento resfriando o amor, propuz-me a ser marido e amante sempre, a aquecer a vida de casado com todo o fogo, com toda a ternura de que seria então

capaz, concentrado n'um só ideal todo o ardor das minhas aspirações incertas. E afinal não foi tão grande o fogo que se não apagasse.

E não foi o casamento, foi minha mulher que soprou n'elle. Não foi por querer, está visto, como quando se pisa nos callos dos outros. Mas o mal está feito, a desillusão que quebra o encanto. Encanto de Celestina, encanto que me prendeu!...

Ha dias fomos fazer umas visitas a Botafogo, retribuição de cortezia de recemcasados. No Cattete entraram para o bond e sentaram-se n'um banco adeante tres senhoras : uma velha e duas moças, conhecidas de Celestina. Cumprimentos, muita festa, etc. As moças tinham sido suas companheiras de collegio. Olhavam-me com insistencia, curiosamente. Minha mulher começou a apoiar-se mais carinhosamente, muito, sobre o meu braço, que tomou, assim como quem garante uma posse. *Seu marido*... era isso, era o marido, com que ella fazia inveja ás amigas, como em pequena com as bonecas. Quiz fazer-me de forte e resistir ao ridiculo, sorrindo com simplicidade; mas não sei sorrir com simplicidade e sorri como um palerma, atrapalhado e de orelhas

quentes, furioso. E durante as visitas os olhares de ternura, ostensivos, que me buscam do sofá, onde ella se acha, em roda de senhoras. E o meu pobre braço tomado desde o vestibulo, com um aconchego que é quasi um abraço : isto a correr para tomar o bond! — « Ai! são dous pombinhos! » Um dos pombinhos sou eu....

Mas ensinaram tudo isto ás noivas? Porque, se fosse por amor, seria muito besta.

Celestina é muito boa rapariga e me quer muito, mas não me entende. A sua alma de moça bem educada está toda occupada pelas frioleiras da vida mesquinha, que, se ás vezes têm graça, acabam por enfadar. E' um livro mal rabiscado de tolices, que não posso emendar. Não sou restaurador de livros d'alma. Minha mulher não sabe ver largo, nem sentir intensamente as coisas que não são suas. Tem a contemplação concreta demais. Assim, a arte é para ella divertimento, boniteza, manifestação da vaidade.... Reformar completamente tal idéa, para fazel-a comprehender porque uma agua-forte representando uma arvore secca pode ser mais interessante do que uma paizagem pintada com tres côres, é um tra-

balho que extenúa para tão pequeno resultado.

Pois bem, não! não seria pequeno resultado o do trabalho que me desse a companheira que eu pedi ao casamento, que tomasse parte na minha mais viva existencia, a que atravez da minha solidão povoada me acompanhasse sempre, com um espirito irmão, campo afóra, pela poesia sem fim.... Não valem ironias quando se soffre, e eu soffro duplamente, porque me enganei pensando que não era feliz e porque esse engano levou-me a ir buscar a solidão peior de uma alma que não vibra, uma alma de mulher vulgar.

Mulher vulgar.... E qual a que o não seja? Esbarrasse-me eu com alguma doutora em psychologia, que em vez de complemento.... Ora ahi está : era de complemento que eu não carecia, agora o sinto. Vivia bem quando vivia tristemente, pensando que vivia mal. Fiz uma imprudente experiencia, de consequencia irremediavel. A minha integridade individual era como um circulo de ferro, que, nas horas desalentadas, parecia-me de uma aspereza excessiva. Quebrei-o no casamento. Agora arrasto um grilhão com que não posso, pesadissimo. E para sempre....

Ah! o irreparavel..... Pois que a vida não é senão uma, porque compromettel-a n'um jogo perigoso de ventura? porque cortar as azas á aspiração indomita, se o sonho realisado não contenta jamais?

UMA RELIGIOSA BESTA

Conversa de ociosos lettrados, por pouco que se alongue, vae ter ás generalidades vagas e fugintes, ás questões sociaes ou moraes, onde as opiniões se espraiam e repartem como as aguas de um rio n'um delta pantanoso. E o estado de espirito dominante na hora e no grupo se revela na preferencia do assumpto da discussão, que cerra-se afinal sobre pontos improvaveis — a discussão favorita dos beocios.

N'aquelle dia, pelas tres da tarde, com a chuva que cahia do ceu chumbado e triste, com o vento frio, humido, endefluxante, que coava por toda a parte, com o desconforto e a sombra ambientes, entrava a melancolia no animo dos banhistas mais folgazãos.

Na sala do hotel só a mesa do voltarete se divertia, absorvida nas peripecias de um roque

accidentado. A roda das senhoras fazia crochet ou bordava, tagarellando adequadamente. Ao piano um flautista teimoso se fazia acompanhar n'um duetto desolador da *Traviata*. E um grupo mais numeroso e mais bacharelado, formando galeria a dois embrutecidos jogadores de xadrez, fallava de spleen, contava anedoctas tediosas e, a proposito de suicidios de inglezes, rebatia as tolices sentenciosas que todos se julgam obrigados a dizer sobre a covardia, a coragem, o direito dos suicidas. Um archi-bacharel, erudito e autorisado, entrou a patinhar n'uma dissertação sobre Schopenhauer e pessimismo até se atolar na metaphysica do caso, monotona e soporifera. O resfolegar abafado de um bocejo discretamente reprimido fêl-o calar-se de repente. Só ficaram a chuva, o piano e as senhoras fazendo barulho. Uma cantadeira de habaneras entoou a *Ave Maria* de Gounod. Silencio, palmas no fim. Depois o archi-bacharel discorreu sobre o mysticismo, as consolações da religião, etc. E, logo que houve intervallo, cada um começou a esvaziar n'esse balde sem fundo do sentimentalismo as miserias da sua intelligencia. Falaram, mentiram, asnearam. Toda a pieguice

das ficções poetico-religiosas, todas as formulas respeitosas do tradicionalismo, que montam guarda aos idolos do passado, desfilaram em parada solemne. As phrases feitas, muito conhecidas, condecoradas, celebres mesmo, passavam roncando, apavonadas como um cortezão em gala e cortejadas com as devidas honras. O feroz egoismo, o contentamento de si e das instituições que garantem a estabilidade das coisas, o conservatismo hypocrita mascarava-se sob as apparencias de um magestoso humanitismo: balsamo e amparo moral, allivio dos que soffrem, tolhimento para os crimes... thema com variações.

— O caso é, concluia o sabio Doutor em leis, que só a religião pode dar essa egualdade tão almejada de todos os homens em força moral. Não digo bem, Doutor? perguntou elle a um engenheiro que vinha entrando.

— Não acho, respondeu este, com um sorriso. Por suggestão transmitte-se força, artificialmente, e isso mesmo prova desigualdade. Mas em condições normaes, quem é inferior organicamente não tem elementos para a producção de uma força, que só de si para si póde servir.

— Mas isso é um materialismo desesperador!

— Não. Isto é o facto irrecusavel; natural e logico, portanto. O que o torna desesperador é a falsa promessa da religião, que nos faz nutrir ambições illegitimas. Se não fosse ella, cada um seria levado naturalmente, pela força das coisas, a conhecer o seu valor desde as primeiras experiencias e não teriamos o espectaculo tão frequente do mallogro de esforços que seriam aproveitaveis n'uma mais modesta esphera de acção. Essa ambição insensata é a religião que a produz....

— Mesmo nos que não têm religião?

— Os que não têm religião têm theologismo, o que dá no mesmo, porque da religião humillima de Christo os impotentes guardarão sempre o dogma sympathico com a incoercivel vaidade. Confunde-se quasi sempre vaidade com orgulho. Não. O orgulho só existe justificado. Por isso elle é uma força real. A vaidade é que existe *quand même*. E' informe e indigna, humilde. Tem um apego villão á vida miseravel. Para ella e por ella foram inventadas as religiões do soffrimento. Mas a que vém hoje, quando todos pensam e trabalham olhando para o futuro, quando as palavras resignação, humildade e

sacrificio são expressões vazias de factos do dominio do passado, porque cada um de nós sabe por entender ou por sentir que a vida individual não é mais do que um elemento da vida social, a que vém religiões consoladoras de miserias baseadas na estima e na elevação dos impotentes? Vém trazer anachronismos na sentimentalidade, vém atulhar de despojos lamentosos a estrada do progresso, vém abrir-nos pela compaixão, pela piedade, as cicatrizes de maguas antigas, avivar dôres herdadas, esquecidas, vém sustentar o desastroso parasitismo dos que se dizem nossos irmãos e que o não são, nem em valor, nem em dignidade.

— Então o senhor acha que os fracos devem morrer? Então nega a moral de Christo? objectou, escandalisado o bacharel.

— Certamente. Devem. E tanto devem que morrem. Como os outros. Como todos e tudo. D'onde se vê que a morte não é pena, porque é lei natural.... Mas passemos. A moral de Christo, diz o senhor... essa são os factos que a negam, que a negaram, que a negarão sempre. Onde a verdade de uma doutrina baseada em um principio que cerceia o da conservação do individuo, elemento da especie?

Isto, logicamente. Agora, praticamente : até hoje ainda não descobri uma applicação qualquer, scientifica ou industrial, d'esse principio. Praticamente, eu só devo considerar a producção, não acha?

— Mas não considere sómente a producção! Existe mais alguma coisa no mundo... a vida do sentimento....

— A vida do sentimento.... Lá vou ter. Olhe para dentro de si, Senhor-Doutor. O que vê no seu theatro interior? Vê-se a si mesmo no primeiro plano, enorme, gigantesco e... solitario. E o genero humano a uma distancia respeitosa, fazendo bastidores, quadro e outros effeitos agradaveis de perspectiva, da perspectiva da sua vaidade. Entretanto o senhor é uma bella alma.... Melhor do que eu, que, sem que me tenham feito mal, estou aqui a dizer enormidades....

Mas posso contar-lhes entre os casos que conheço de inefficacia da religião para fazer alguem bom e forte, senão de depressão que ella produz, o de um amigo que foi meu e que o não é mais, desde que se convenceu de que eu era um impio e elle uma muito boa pessoa que a sorte tem perseguido.

Quando entrei para a Escola, no bom tempo, já lá o encontrei, que estudava Mathematica para se bacharelar primeiro, para se doutorar, para ser lente mais tarde e conselheiro. A aspiração de um amador da sciencia pura e exacta paira por essas alturas do Ideal. E' preciso dizer que entre os collegas, amigos e admiradores ou admiradores simplesmente, que eram quasi toda a Escola, ninguem duvidava que o Justino Rocha merecesse e obtivesse no futuro taes consagrações honorificas do seu talento e do seu trabalho. Desde a Algebra elementar até ás Series, até mesmo nas cadeiras de applicação, não havia discussão de questão obscura ou controversa — controversa, sim! a sciencia exacta tem d'estes contrasensos — não havia meiada de muitas pontas em que a opinião acatada do Rocha não pesasse no espirito ordinariamente pouco inventivo dos decifradores de problemas. Entre Comte, o lente especialista, e o Rocha, as opiniões balançando, formavam-se partidos. Quem nunca esteve n'uma escola de mathematicas não imagina o prestigio das autoridades em questões em que só deveriam influir o raciocinio inductivo e deductivo. Pois apezar da força da autoridade official, o partido do Rocha

era muitas vezes mais numeroso. Argumentavam com a tradição de Souzinha. O Rocha seria o Rochinha, gloria da geração presente.

Humilde caloiro que eu era, muito tempo vivi na admiração d'aquelle astro que brilhava para mim das alturas de quinto anno. Protegeu-me um dia de uma vaia e isso fez-me seu amigo. Era feio, desengraçado e lapuz. Eu o achava sympathico e philosopho, absorto na sua sciencia, despido de mundanismo... tudo o que se diz por bemquerer dos amigos desfavorecidos. E como eu muitos, que afinal fizeram o mesmo que eu : desenganaram-se, quando com elle praticaram nas coisas da vida de cada dia. Tive-o por explicador de Calculo no anno seguinte. Conversavamos, discutiamos. A sua philosophia era nulla. Nem mesmo S. Thomaz de Aquino. Uma estreiteza de idéas infantil, uma dialectica mesquinha, obscura e confusa, nenhuma iniciativa, nada do que o embate de idéas desperta na imaginação; nem creação, nem systematisação. Para quem tinha entrevisto Kant e conhecido Stuart Mill isso era uma grande decepção. Comecei a suspeitar do seu valor. Elle alardeava o seu gosto pelas mathematicas puras. Um dia zanguei-me :

« Quem gosta de uma coisa sem valor esthetico nem applicação pratica é burro ou pedante. » Discutimos e fomos ao fim : brigámos. E depois de brigados, friamente, colligindo factos, conclui que o Rocha não era nem pedante, nem... muito burro : era covarde. Era fraco, Doutor! Gostava da sciencia abstracta instinctivamente, como por uma predisposição do seu desazo nas cousas praticas. Era impotente : com elle a sciencia tinha de ser esteril. Boa condição para ser catholico, não é? Os conflictos religiosos só se dão nas applicações e conclusões scientificas. Elle era ultramontano e fervososo. Mas a caridade evangelica não dava-lhe para abafar a inveja feroz e villan, venenosa, que os castrados têm da virilidade alheia. Tudo o que uma alma pequena encerra de crimes em funcção implicita revelava ás vezes a inveja d'aquelle sapo mathematico e devoto na apreciação de um trabalho um pouco melhor de algum amigo ou simplesmente na interpretação cautelosamente malevola de qualquer facto pouco explicado da vida alheia. Então bem vêem que o seu catholicismo lhe não trazia nem a resignação pela sua inferioridade intellectual e physica, nem o estimulo para elevação moral

até se nivelar na fraternidade pelo amor do proximo. E' o que já lhes disse das religiões de consolação : consolação das miserias reconhecidas, que chega a legitimar baixezas. Quando o criterio da moral é substituido pelo arbitrio de uma vontade omnipotente e incognita, que só se move aos rogos de uma adoração insensata, um ente d'estes pode escapar á reprovação social no refugio da sua consciencia, consciencia de uma plasticidade lamacenta, feita de bocados de preceitos, do pó das theorias e da humidade das lagrimas imploratívas, quando a augustia lhe expreme o coração. Perdoem-me o escorregão na solemnidade; não era para ahi que eu ia.

O Rocha tirou carta de engenheiro e foi ganhar a vida pelo officio, porque lhe faltaram recursos para esperar o resto das honras que a Escola e a sociedade lhe deviam. Perdi-o de vista. Mais tarde, quando nos encontrámos e precisámos um do outro, demo-nos de novo. Havia muito tempo que elle estava desempregado. Dava licções e fazia pequenos trabalhos para viver. Notei que encontrava cada vez mais difficuldade para empregar-se. Attribui a causa d'isso ao seu caracter e acertei. Rocha

não tinha senso prático, nem estimulo, nem brio para o trabalho. Era molle e cheio de susceptibilidades. Os chefes não sabiam o que fazer da sua inutilidade obstruente. Todos os que o conheciam evitavam-no e os que o não conheciam logo se descartavam d'elle. Então, sem reconhecer a sua incapacidade, a humilhação das preterições frequentes, que o condemnavam á inercia e á miseria em beneficio de outros mais activos na concurrencia do trabalho remunerado, accendeu e evidenciou a pobreza, a fraqueza do seu caracter. A vaidade de estudante distincto sangrava em pus de inveja.

E era virulento aquillo! e era corrosivo quando cahia sobre uma reputação menos abrigada pela publicidade da sua vida! A maledicencia hypocrita era tão baixamente criminosa que ás vezes eu não sabía se devia ter compaixão d'elle, se da victima especial de um odio tão generalizado. Tão generalizado que estendia-se aos *inimigos* philosophicos. Fez projecto um dia de escrever uma obra que destruisse a de Comte. Eu, fingindo tomar a serio a ameaça, lhe aconselhei que, em vez de fazer obra de destruição, fizesse de construcção.

Então planejou uma continuação de Lagrange! Mas tinha deixado de estudar e se deixara invadir por um sentimentalismo que lhe dava para ler Chateaubriand e Lamartine constantemente. O completo relaxamento da energia abandonava-o ao catholicismo observante, á carolice. Não dava licções nos dias de folga da Egreja e por fim já falhava frequentemente, por preguiça. Deixava-se ficar em casa, remoendo sonhos e ideaes. Um d'elles era ir a Dublin ouvir as licções de Analyse do professor Toodhunter. Outro era ser padre, porém casado : isso provinha das leituras do Eurico. A sexualidade, muito fraca n'elle, como as demais funcções, eivava-se de mysticismo, idealisava a mulher como redemptora dos infelizes como elle. E, emquanto não vinha a redempção, ia-se enchendo de syphilis. Os alumnos, vendo o pouco interesse que lhe inspiravam, mesmo nas epochas de exame, iam pouco a pouco o abandonando. A miseria o roia. De desleixado que era no vestir tornara-se em quasi maltrapilho. Diminuiam-lhe cada vez mais os meios de acção, portanto. Quando encontrava amigos mais felizes e no caso de lhe prestar serviços, abaixava a cabeça rancorosa-

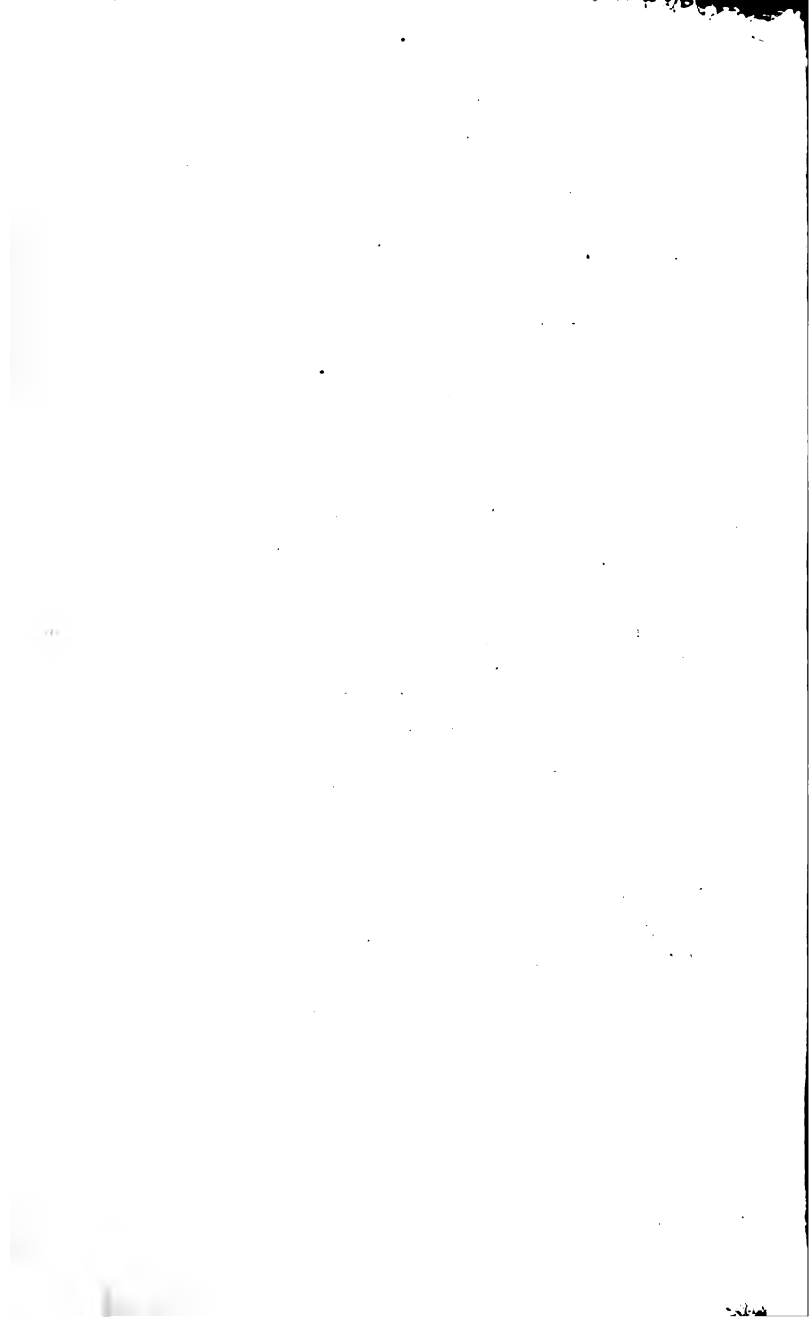
mente. E explorava os outros mais accessiveis, a quem um nickel faz falta. Só nas egrejas levantava a cabeça, elevado entre a plebe infima prostrada, sentindo o seu theologismo superior ao grosseiro fetichismo da ralé. Uma quinta feira santa encontrei o Rocha á porta de uma sacristia, absorto.... Pensei que estava embebido nas scismas proprias do logar e ia passando sem lhe falar, quando elle me agarrou pelo braço e indicando uma moreninha catita e namoradeira, disse-me convictamente — « Vê como é bonitinha?... » Depois, com uma saudade, uma cantiga de ideal na voz — « Creia você, Siqueira, que eu me consideraria feliz se visse pela primeira vez n'um logar d'estes a moça que eu tivesse de amar! Seria o melhor prenuncio para mim. »

Correram mezes e annos; estive varias vezes no Rio, sem vêr o Rocha. Uma tarde o encontrei na rua do Passeio, que vinha de uma licção. Ia jantar : levou-me para vêr a sua casinha, a sua familia, a unica que podia ter, o arrimo indispensavel de todo o homem que soffre.... Era uma casinha de porta e janella na rua da Ajuda, suja, escura, infecta, com todo o desconforto da pobreza nas cidades, mais o des-

leixo das existencias irregulares, em que não ha o gôsto, que é prova de uma moralidade mais elevada, nem a certeza da fixidez de estado para estimular a melhoral-o pelas materialidades reconfortantes, o aceio e o arranjo sequer ao menos. Cumprimentei com a cabeça a mulher, alguma mulher apanhada na rua, de uma vulgaridade repulsiva, desalinhada, grosseira, sem um traço seductor, nenhum attractivo, nem mesmo alguma expressão agudamente viciosa. E hesitava em chegar-me para a mesa coberta com uma toalha manchada, á qual sentou-se o esfomeado ganhapão. Magro, triste jantar! O Rocha comia aquillo, calado, vorazmente, esquecido quasi de mim. Mas quando o estomago bem ou mal cheio imprimiu-lhe a alegria physica dos animaes fartos, o homem, effusivo, e excepcionalmente parola, começou a contar-me a sua vida, com uma mistura — bem nova n'elle! — de cynismo e de descuido, que junta áquelle repugnante concubinato acabava de me arredar d'elle de uma vez. Aquella mulher elle, invertendo as posições do seu antigo ideal feminino, redimira do vicio. E não se arrependia d'isso, porque tinha a sua consciencia para lhe dizer que procedera bem, como

christão.... Não pude mais conter-me « — O' Rocha, olha que Magdalena devéras só houve uma; e o Christo valia a pena de seguir-se! » Elle embatucou olhando para mim e eu, pegando no chapéu, virei-lhe costas. Já de fóra da rotula ouvi-lhe um engasgado — Materialista... — que seria o exordio do libello contra mim. Mas uma risada aguda e escarninha da mulher cobriu-lhe a voz. Soube tempos depois que ella o abandonara, deixando-lhe um pequeno por lembrança. Dizem que está perdido na caxaça.... Não é um bonito exemplo de revigoramento religioso?

Ninguem respondeu. Fez-se um grande silencio. Por fim um dos jogadores de xadrez mudou lentamente um pião e, indeciso, estudando a posição, sem levantar do taboleiro os olhos nem a mão, foi dizendo preguiçosamente, separando muito as syllabas, como se concluisse um juizo interior — « O que se póde bem chamar uma religiosa besta! »

E bateu firme a peça.

CONSUL!...

No Café de Londres, ás onze horas da noite. Chove desabridamente. Entre a zoada dos aguaceiros, que lavam a rua, ouvem-se raros os passos apressados de transeuntes invisiveis na sombra. A espaços um ronco rapido e surdo, como um rufo de tambor molhado, assignala a passagem de um guardachuva por baixo do jorro de uma gotteira que transborda. Corre um sopro glacial de tedio e desconforto pelo café profusamente illuminado, em que já pouca gente resta. O silencio só é quebrado pelo ruido dos talheres e da conversa de tres rapazes cavaqueando n'uma ceia economica ao fundo. O homem do contador cochila.

Sentado a uma mesinha, em frente ao prato vazio, em que um osso descarnado de gallinha commemora a passagem de uma canja, está um homem que scisma sobre um jornal. Nós

todos conhecemos esse homem, que todos têm encontrado no seu caminho. E' o eterno mal preparado para o successo, que ficou a meia viagem da celebridade ou da gloria, a penna solta que o vento leva, que o vento traz, e que se julgou aza ou aguia, voando em sonho. Esse, pallido e ossudo, envolto em pobres roupas de tristeza, grande corpo alquebrado e gasto no rolar da vida, é um dos muitos desclassificados sociaes, uma molecula da massa humana, que parece ter actividade propria, mas que na realidade é inerte e passiva, arrastada como um seixo na corrente. A consolação d'esse irresistivel arrastamento é a crença de que somos nós mesmos que o produzimos. Felix Tavares pensava que o seu destino era elle que o fazia e tinha confiança n'elle como um convencido do valor da sua obra. Tambem não descontava o futuro; não troca-lo-hia por uma prosperidade immediata que o detivesse a meio caminho. Meio caminho do ideal é sempre a distancia a que estamos d'elle — a tocar-lhe, a vislumbral-o apenas entre a bruma do sonho, conforme o enfebramento do desejo e as suas depressões. Assim a vida dos captivos do desejo se multiplica pelas decepções.

Felix Tavares é professor de linguas e cultiva as lettras. Escreve para um jornal de provincia chronicas fluminenses, que são para o seu immenso talento um exercicio comparavel ao dos solfejos e garganteios com que um cantor de primo cartello disciplina a voz. A grande aria parece que é agora que elle a vae cantar. Um alvoroço indizivel enche-lhe o coração, por isso. Rufa-lhe dentro um tambor glorioso, cadenciando a marcha agora definida das aspirações outr'ora desordenadas. Elle lhes ouve o formidavel tropel, sente-as dispostas em cunha irresistivel de phalange antiga e não duvida mais nem um instante de que o tempo chegou da sua revelação. Uma linha de jornal e um grande homem se evidenciava....

Voltando do seu giro pelos theatros, tinha entrado no café para ceiar. Engolia as ultimas colheradas da sua canja, quando deu com os olhos na noticia de um jornal annunciando a morte do consul do Brazil em Callau. Pulou-lhe o coração. Já uma vez solicitara improficuamente um consulado, mas esse era um lugar muito importante para lhe ser dado, a elle que n'esse tempo não tinha empenhos.

Hoje as coisas estavam mudadas: o seu nome tinha feito caminho na consideração publica; o vehiculo da imprensa o transportara triumphante e por largo tempo. Porventura não era elle o incomparavel escriptor das *Respigas da Historia* com que semanalmente se adornavam as columnas do *Aymoré*? Um jornalista lhe dissera um dia que a sua burilada prosa era a correcção sem igual. Elle bem scismava n'isso quando súava trabalhando nas suas chronicas, mas não ousava affirmar a si mesmo senão que um potente sopro de philosophia as animava. E sem vaidade, achava naturalissimo que fosse um mestre da Forma: sempre d'ella cuidara nas suas manifestações philologicas, nas suas relações grammaticaes. Em concurrencia com essa apreciação tão sympathica, o echo de uma insinuação malevola, de que elle escrevia como um mestre-escola, bailou-lhe muito tempo na mente. Depois o seu merecimento real triumphou e, livre de dúvidas, recomeçou a esperar serenamente a hora de agir, como outros esperam o premio de bem fazer.

Agora era a occasião. Aquelle consulado que vagava não havia quem o ambicionasse senão elle; só elle lhe conhecia o valor e tinha as con-

dições para aproveital-o. O Governo ainda fazia um bom negocio dando-o a um cidadão prestante e de reputação firmada, que se não separava da patria senão para servil-a melhor no extrangeiro : adquiria assim e por pouco os serviços de um auxiliar precioso.

Consul em Callau!... era uma idéa de genio, simplesmente. D'alli bateria as azas o seu. Ia emfim poder começar os profundos estudos ethnographicos, archeologicos e historicos, que até agora só pudera fazer de imaginação, roido por uma inveja baixa da gloria dos Ladislaus e dos Rodrigues....

Ah! já se suppunha correndo triumphalmente a America Hespanhola, descobrindo ruinas, rebuscando em archivos e livrarias fradesças, investigando na lingua do povo os vestigios das civilisações desapparecidas, na minima radicella das linguas americanas primitivas.... Os consules devem ser favorecidos particularmente para esse genero de pesquizas. Se mesmo em outras especialidades elles se aproveitam tanto das suas posições!... Merecimento individual áparte, que lhes não sabia negar, o nome dos Eça de Queiroz, dos Rio-Branco e dos Batalha Reis se allumiava principalmente á cla-

ridade das suas posições consulares. Sem presumpção, merito superior era o seu, que não carecera d'essa luz para brilhar, que ia fazer honra ao seu consulado, sem nunca haver sahido do Brazil. Sentia toda a força das individualidades feitas por si. Via tão claro no futuro, que o seu destino alli estava simplicissimo: seria o Champollion da civilisação dos Incas. As idéas vagas que tinha sobre a materia, puras hypotheses de scisma que até alli tinham sido para elle, apresentavam-se agora irrefutaveis. E por baixo das lacunas tenebrosas, que as isolavam como ilhas no alto mar, elle lhes sentia as ligações systematicas, como quem, sem sondar, advinha os contornos dos mundos submersos. A advinhação genial era tudo; as sondagens eram apenas confirmações ociosas, uma redundancia de prova. Entretanto, para o publico ellas eram de muito effeito e mesmo indispensaveis. Por isso ia a Callau, para dar aos seus trabalhos uma data, que ainda mais reforçasse a sua doutrina, para que ninguem duvidasse do que elle viu com os seus expertos olhos. O melhor da fama de Champollion lhe proveiu d'essa circumstancia certamente. As suas communicações ganha-

riam um prestigio immenso, se fossem datadas dos logares, e em orthographia azteca...

E que livros que escreveria! livros solemnes, monumentaes, impressos luxuosamente, á custa do Governo.... O Imperador mandaria chamal-o quando voltasse, para conversar com elle nas linguas primitivas. Como já estariam distanciados Baptista Caetano e Beaurepaire!... Iria em missão especial á Academia de Sciencias de Pariz....

Pariz!... A palava magica volitou-lhe quasi um minuto pelo cerebro, como uma borboleta de fogo, arabescando um debuxo phantasista. Depois veiu desfilando a serie de scenas, que para elle representavam a ideal cidade, para a qual o tinha amadurecido a sua nova posição. Foi primeiro a sua leitura n'uma sessão extraordinaria da Academia, sob a cupola solemne do Instituto, a consagração da sua grandeza pela grandeza alli presente do espirito latino. Depois um sarau mundano e o grande americano, o amigo de D. Pedro, a celebridade do dia, recebendo a homenagem da velha Europa decadente, e as conversas de espirito em que o extrangeiro dava a réplica viva e fina e nova e original, n'um francez puro, contrastando com

o *argot boulevardier*. Depois o turbilhão, a orgia sensual e do espirito, o amor e as suas palpitantes intrigas, a vida transformada n'um drama, em cem dramas, de que elle já mal acompanhava as tramas complicadissimas, n'um aturdimento de gritos, de risos, de phrases em varias linguas, de beijos e suspiros, de tiradas heroicas, de musicas vagas, de espadas que tinem — o alarido triumphal das apotheoses de sonho.

Tiniram no relogio do Café as doze pancadas da meia noite. Entraram dois freguezes conversando e sentaram-se a uma mesa perto do nosso consul.

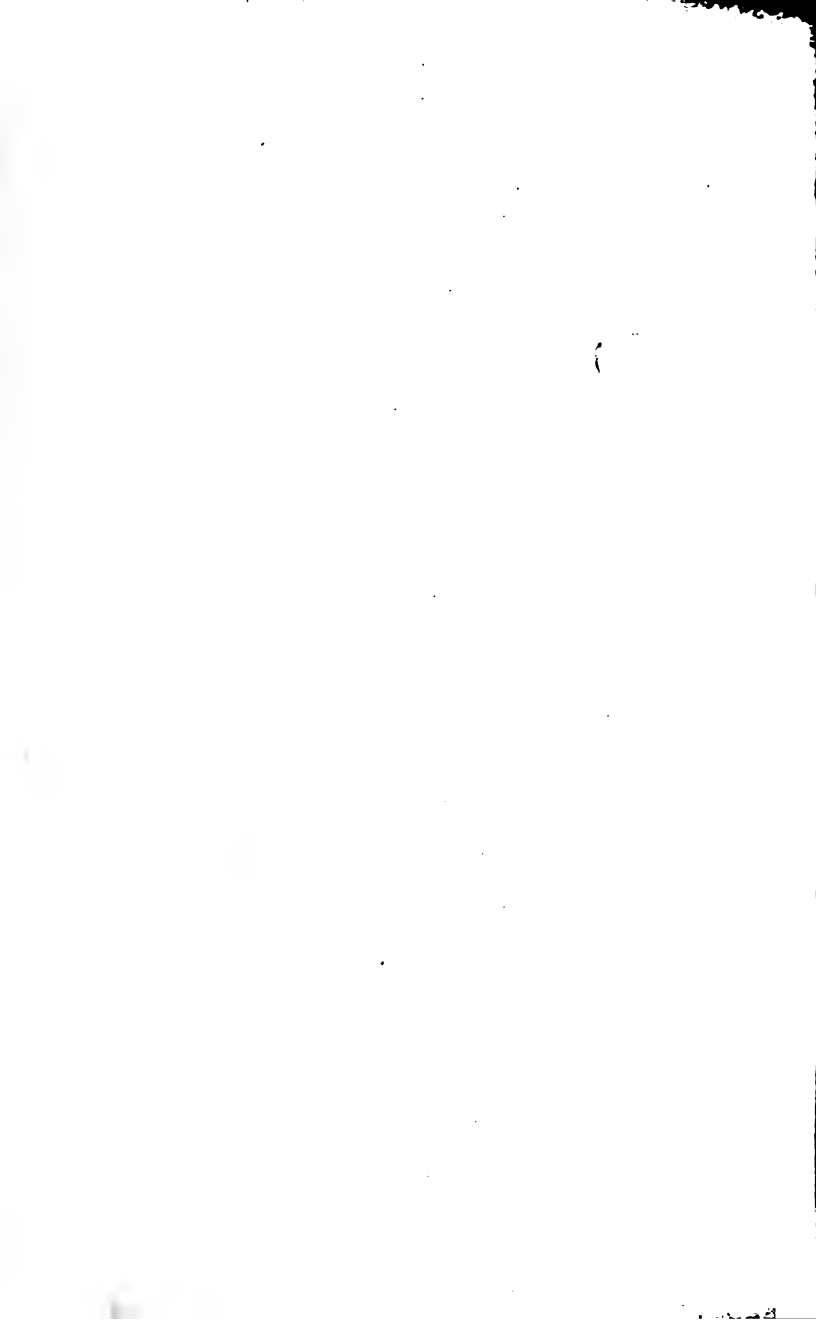
« Então, está decidido?

— Está. O Cotegipe me tinha promettido o primeiro que vagasse; vagou este, fui lembrar-lhe a promessa e elle a cumpriu. Não é grande coisa, mas serve para começar.

— Não, o consulado de Callau dizem que rende.... O que lhe invejo são as mulheres bonitas, que o Perú é a terra d'ellas, parece. Você é um felizardo! »

Tavares endireitou-se, pagou a canja, levantou a gola do paletot e a barra das calças e,

abrindo o guarda chuva, afundou-se na escuridão : foi continuar ao travesseiro o seu sonho tão orgulhoso conjugado no futuro e agora todo desconjunctado em condições lamentosas.

Rio, 18 de Março de 1886.

OUTR'ORA

Foi por uma tarde triste de Maio que João da Serra tornou a vêr a casa em que nascera.

As emoções da volta á casa paterna têm sido desmoralisadas pela exploração litteraria. Hoje é preciso ser um coração simples ou um espirito forte para sentil-as com pureza e sinceramente, sem disfarces nem adulterações. E' raro que um bacharel esteja n'uma d'estas condições. João da Serra era um bacharel recemformado. A sua volta á fazenda quasi abandonada pelos seus e que elle mesmo deixara aos doze annos, não era uma phantasia de poeta; era uma jornada de viagem mais longa e nada mais. Entretanto, como á frontaria dos edificios, á superficie dos monumentos, que os estios douram, que os invernos tisnam, o tempo superpõe á segunda visão das cousas e dos loga-

res da infancia uma patina prestigiosa, que é o sentimento da vida que sobre tudo aquillo passou. Sentimento personalissimo, de uma pungencia motivada, romantismo áparte. Quando somos capazes de experimental-o é que já por dentro nos vae qualquer cousa em crepusculo e as horas d'alma melancolicas vém chegando. Sem falar no enternecimento de quem torna a encontrar-se — e quão mudado! — dentro do horizonte dos seus primeiros dias, que não mudou.

João da Serra estava n'esse estado d'alma : muito sacudido por sensações renovadas, amplificadas, a que elle resistia, por achar indignas da sua sensibilidade de homem feito e ao mesmo tempo amollecido com essa repassagem da geographia da sua infancia. Tambem se poderia dizer e talvez mais rigorosamente ainda : amollecido e sacudido pelo cansaço da longa jornada, pelas oito horas de trote da sua mula viageira. Ha ahi com que se anormalise a sensibilidade mais calma e regular. Passadas duas horas de marcha, a vigesima ponte vermelha, sobre cujo estrado de madeira as patas ferradas da Estrella cadenciaram dois compassos de samba já não foi mais do que uma mancha vaga

na visão e um rufo incerto de tambor perdido entre montanhas. E o resto da viagem uma succesão interminavel de voltas de caminho, desenrolando-se em paizagens pouco variadas: por traz da cerca forrada de trepadeiras salpicadas de campanulas roxas e alaranjadas, a casinha de palha e barro, com o seu coqueiro e as suas bananeiras ao canto, as larangeiras carregadas de fructa amarella, sobre um fundo de montanhas sem caracter.... De tantas que assim viu mal poderia elle dizer ao fim de meia hora se foi um cãosinho rusguento que veiu ladrar-lhe ao focinho da mula ou se um bando de garotos a lhe pedir vintens. Na sua memoria ficava tudo confuso, mal impresso, como as entrevisões de sonho. Horas e horas a andadura do animal o embalou, sem que elle sahisse da mesma mazurka da vespera em Botafogo — uma conversa preciosa e longa como um romance mundano de Balzac. Depois, quando sahiu d'ella, com o derreiamento atroz entrou-lhe a sensação de que os doze annos de ausencia tinham sido dias e de que aquella tinha sido e era a eterna, de sempre e para sempre, paizagem dos seus dias vazios, envoltorios vãos reduzidos a um vulto minimo sob a pressão formidavel do tempo. E

com a idéa de não ter vivido voltou-lhe a humildade antiga, os sentidos, a contemplação de menino. Estava preparado para o ajoelhamento ao limiar da morada paterna....

Não se ajoelhou, porém. Ao virar um morro, viu-a de leguas de distancia, como um ponto branco perdido n'uma paizagem larguissima, por onde se lhe espraiaram os olhos e o bando das saudades. E mal se tinha affirmado n'ella, com a vista ainda offuscada pela grande luz do descampado, uma voz que o interpellava quebrou-lhe a emoção : « Agora é só mais um instante.... Em boa hora esteja com Deus Nosso Senhor na sua casa, seu Joãosinho! »

Joãosinho procurou com os olhos o que assim o interpellava e viu, sentado á beira da estrada, confundindo-se quasi com a côr da herva secca, sobre a qual as suas roupas tristes e a sua posição prostada não faziam vulto, um velho muito velho e muito pobre, que elle não conhecia. Analysado, era uma bella academia de santo, enrugado, emaciado, encanecido, uma cabeça dolorosa e um grande corpo ossudo, accusando-se em linhas violentas, quasi tragico, por baixo das roupas remendadas e sem côr. No todo era uma mancha parda, em que, desde

os pés poeirentos calçados de alparcatas até ao rosto exsangue e terroso, aos olhos de uma tinta indecisa, amortecidos e a meio occultos sob as pesadas palpebras rugosas, notava-se o desbotamento absoluto de toda a côr cantando as alegrias de viver, sentia-se a poeira das jornadas sem conta sob os sóes implacaveis, a sombra e o tisne das longas invernadas ao pé do fogo nos pousos, a passagem eloquentemente silenciosa dos annos....

João da Serra estacou a mula e tocou no chapéu:

— Boas tardes, meu velho. Não sei d'onde me conhece....

— De pequenino, na sua casa. Agora, que está homem e barbado, é o retrato do seu pae! Depois, bem conheço a mula.... Eu sou o José Ramos, o Poeta.

Na memoria do bacharel foi como se aquelle nome abrisse uma janella, á qual se debruçou sofregamente. Um salto de vinte annos para traz e o viajante achou-se um homemzinho de quatro annos, vivendo a vida resumida e originalmente intensa da contemplação infantil. Pôz-se a refazer o scenario d'esse longo sonho e, ainda bem lhe não precisava a memoria a

grande varanda escura dos serões antigos, já um vulto apparecia n'ella, que lhe abria para o fundo, para longe, para as regiões inexploraveis dos sonhos sonhados, a fresta da phantasia sobre os campos da legenda inverificavel, perspectivas moventes, extranhamente illuminadas, por onde a sua almasinha independente e rebelde ás correcções da realidade gostava de esvoaçar, ébria de liberdade, de loucuras inconsequentes. Esse vulto, já velho, já encanecido, já triste das tristezas seculares, era o do José Ramos, poeta.

João da Serra o esquecera, esquecendo os seus primeiros dias. Com elles elle jazia sepultado, sob infinitas camadas superpostas, na estratificação incessante do Tempo irreprimivel. E agora lhe apparecia de repente, no minuto mesmo em que avistava o seu ninho antigo, apparecia-lhe como um espectro familiar guardando-lhe o horizonte da infancia. O abalo foi tão forte que o cavalleiro ficou um longo minuto, tomado de emoção, com a mão na crina da mula, firmado no estribo esquerdo e um pouco curvado, no movimento de quem se apeia. Depois, reflectindo, indireitou-se na sella e disse ao velho :

« Se vém cá para casa, dou-lhe garupa e o levo. »

José Ramos respondeu, sem se mecher :

« A Estrella não dá garupa, Nhosinho; e eu já não sou cavalleiro. Lá para as dez horas estou chegando. Sempre é bom mandar prender os cachorros.... »

Mas já o bacharel tinha descoberto o que procurava com os olhos : uma rabeca, que elle bem conhecia, alli estava embrulhada n'um sacco; via-se-lhe o punho ennegrecido, ao pé do alforge do forasteiro.

« E uma serenata para mim em chegando : não se esqueça, poeta... » disse, pondo-se a caminho.

Una risadinha frouxa foi a resposta. O velho tambem se arrumava para partir.

Algumas horas depois, tendo jantado, João da Serra sentou-se nos degráus da larga escada de pedra que dava para o terreiro, a conversar com o pae, ou antes, a ouvil-o discorrer sobre questões de politica geral européa. Mas evidentemente as tricas e finuras de Bismarck e Gortschakoff lhe não occupavam a attenção. Havia n'essa hora questões mais graves para o bacharel : saber por exemplo, de quem era a voz

grave, quasi solemne, do escravo que, passando, depois do *louvado seja*, perguntava affectuosamente pela saude do senhor moço. Já de alguns indagara, que julgava reconhecer, e o pae lhe respondera que tinham morrido.

Eram lacunas sentimentaes, falhas na vida da sua infancia, que parecia retomal-o áquella hora familiar da passagem dos escravos *salvando* aos senhores. Mesmo os grillos antigos tinham ficado e a roncaria dos sapos na varzea escura, em que vagavam phosphorescencias de pyrilampos. Na grande sala desguarnecida e nua. sem um quadro nas paredes, sem um tapete no chão, sem um ornato sobre as mesas, uma unica vela ardia tremula e triste a um canto, projectando sobre o tecto em telha van a sombra obliqua da grande travessa do meio. Como elle conhecia aquillo! como elle sentia identica a impressão d'aquella casa soturna hoje, soturna ha vinte annos! Menos soturna outr'ora, talvez, quando não podia comparal-a a outras mais confortaveis, não tão impressivas. Depois, havia alli coisas que só para elle tinham uma voz, que lhe recordavam, que lhe contavam historias indiziveis. Historias singelas como as que mais o são, cosidas de uma só linha, na sequen-

cia das creações do desejo, historias mais cantadas do que contadas e por musica sem tom nem thema, rithmada ao pulsar do coração. Justamente quando o pae do Joãosinho entrava na intrincada questão dos Balkans, um como longo suspiro correu pela folhagem do arvoredo que vestia a lombada do morro ao nascente e uma aragem leve levantou-se, a bafejar primeiro, como se fosse o halito da Noite, a soprar depois, ás lufadas sem força, preguiçosas, como um distrahido abanar de leque. A chamma da vela teve um sobresalto e começou a agitar-se, inquieta ou importunada por aquelle sopro e as sombras das vigas contra o tecto puzeram-se a dansar silenciosamente um passo incerto e sem cadencia. Ou a cadencia era marcada por aquella aldraba, que lá para os fundos, no escuro de um quarto aberto, martellava por traz de uma janella, desolada, lugubremente.... Pancadas abafadas, cavas, rapidas, como o pregar cauteloso de um esquife : até a indicação dos golpes falhos, das martelladas em falso.... Definiu-se então a harmonia imprecisa n'um fundo de marcha funebre não instrumentada. Os suspiros do vento, a agitação da luz, a gesticulação desvairada das sombras familiares eram

explicados por esse esquifamento cujas martelladas se ouviam. Sómente, de quem era ou de que era o funeral? João da Serra o ignorava, mas presentia-o, pois que uma immensa piedade, pena a que só faltava um nome para explodir em pranto, lhe amollecia o coração. O pae concluia a sua dissertação :

« Se como eu tu tivesses acompanhado de ha trinta annos para cá a marcha da Questão do Oriente, estarias convencido de que d'alli hão de vir todas as complicações e quem sabe mesmo se uma transformação completa na carta da Europa. »

O bacharel murmurou, oppresso :

« Aquella aldraba....

— Ainda te lembras d'ella? Põe-se a bater assim sempre que venta de Léste. Mas tu deves estar cansado : vae dormir. Aqui a gente se levanta cedo. »

João da Serra deitou-se pensando no vento de Léste. Era outro evocador, outro esquecido, outro que não mudara, como o *poeta*. As historias, as cantigas, a voz surda e quebrada de um, como as rajadas, a roncaria oceanica do outro e o seu longo sussurro desabrido, fóra d'alli perdiam toda a influencia. Mas escutem

só esta voz que fala nas copas das arvores retorcidas, sacudidas, descabelladas agora pela rajada irosa. Arripia o pensar que aquelle estrondo póde querer dizer alguma coisa! Alguma coisa... muitas coisas, coisas terriveis, que gestos furiosos acompanham. De encontro ao fundo do horizonte, pallejante agora á sahida da lua, a ramada alta de uma coirana figura, um longo perfil humano, uma face dolorosa. Aos empuxões do vento um ramo superior feito em mão espalmada esbofeteia aquella face, cruelmente, encarniçadamente.... Ha recúos, movimentos de lucta, retorcimentos tragicos — e o esbofeteiamento prosegue odioso, pungente, opprimindo a contemplação como um pesadelo. O alarido silencioso de um drama horrifico passava pelo ar. João da Serra sentia-lhe os echos pavorosos no cerebro percutido por baques, choques, golpes surdos, ais, suspiros de agonia, choros dilacerantes, e, peior do que tudo, a ancia offegante das fadigas sobrehumanas e a espaços um som que o gelava de horror, um *han* inexprimivel, como de peitos de titans esmagados sob o desmoronamento dos céus.

Muito tempo durou aquillo — minutos ou horas. Depois, o vento acalmando, a zoeira do

coqueiral foi diminuindo e as copas das arvores retomaram as suas linhas serenas. De tempos a tempos ainda vinha uma lufada sacudil-as, como o soluço que sobrexiste aos grandes prantos. Mas finalmente tudo se aquietou e atravez do largo panno de vidraça sem cortinas João da Serra teve a visão em recorte negro do horizonte das suas noites de outr'ora. Havia mudanças, reconheciveis pelas linhas dos caixilhos estreitos, que lhe quadriculavam o céu: montanhas sumidas sob ramos que cresceram, arvores novas, um tecto de casa a um canto.... Mas o aspecto geral era bem aquelle; nem lhe faltava o prestigio do luar, nem, para completar-lhe a volta ao passado, lhe faltava a musica! Alli a tinha elle, a musiquinha ridicula, que lhe dizia tanto no outro tempo, que ainda mais lhe dizia n'essa noite.... Como envelhecera a rabeca esganiçada e rouca! como enfraquecera e se tornara hesitante e falha a arcada do menestrel! A toada elle conhecia bem, e, se havia notas perdidas, mais recuava isso a musica na distancia, na edade, dando-lhe a feição ineffavel das ruinas vislumbradas entre brumas. João da Serra levantou-se e foi olhar pela vidraça. De pé junto á cancella do terreiro branco de luar o

José Ramos, de rabeca sob o queixo, lhe enviava a serenata pedida. Alguma musica de canção d'outro tempo, monotona no seus requebros, afogada n'um vago tremor e doloridamente desafinada. A claridade da lua fazia negro o vulto do poeta musico e um ponto brilhante na extremidade do arco dansava-lhe á roda, como querendo envolvel-o n'uma filigrana luminosa. A mão empunhando o arco descahiu, a cabeça inclinada para a rabeca ergueu-se e se apresentou direita á luz da lua : o menestrel cantava. João da Serra levantou a vidraça e, debruçando-se, levou as mãos em concha ás orelhas, para entender o que cantava o velho. Conhecia! conhecia! Era a canção da cortezia á entrada da casa hospitaleira, a solicitação redigida sem humildade em versos de rimas pobres, mas cheios de confiança, com um sentimento antigo de hombridade nas relações entre o pobre e o rico.

O pobre de pé no chão
Tambem é filho de Deus....

Era bem aquillo. Sem azedume, lembrando ao rico o seu dever... pagar-lhe-hia em canções o agazalho. E a rabeca estribilhava rapida, contando as estrophes, que a voz ensurdecida e tre-

mula do cantor desfiava plangente. Por ultimo a copla da boa-vinda ao filho da casa, uma improvisação pobrissima. A porta se abria e o menestrel entrava. Tinia louça na sala de jantar, ouviam-se algumas phrases cochichadas para não incommodar ao dono da casa, e depois tudo recahia no grande silencio da noite cheia de vozes, que tanto perturbava ao bacharel.

Era a noite d'outros tempos, a mesma luz, os mesmos sons, os mesmos aromas e a sua agonia era de sentil-a tão assim. Os annos decorridos, as coisas que aprendera, os passos que dera no caminho da vida não representavam pois um progresso, que assim volvia e involuntariamente á penumbrosa e confusa psychologia da sua infancia? Metaphysico, elle admittia a identidade das essencias, mas não a identidade dos modos. E agora esse recordar tão intenso, não podendo ser a renovação da vida irrenovavel, só podia ser o estacionamento, a não passagem do tempo, a irrealidade da sua existência emquanto andara por fóra... e quem sabe se mesmo emquanto cá estivera! Eram umas conclusões apavorantes, mas não havia meio de as corrigir. Se elle já sentia que não era dono do corpo que tinha, sem poder fazer concordar

a sensibilidade nervosa com a percepção d'ella! Nem a alma que tinha de creança se achava á vontade n'aquelle grande corpo de homem extranho. Havia alli zombaria de algum máu genio. Lembraram-lhe as historias de encantamento e com uns restos de logica a guial-o entre escuridão da loucura, começou a implorar ao Tempo a sua libertação d'esse tormento, ao Tempo que se encarnara no velho menestrel. E com ais e soluços, n'um pranto de afflicção immensa, levantou um clamor :

« Velho, soccorro! Livra-me d'esta miseria de não ser eu quem sou! Tempo, que tudo fazes, que tudo podes, muda-me no que devo ser. Faze-me mais novo ou mais velho... mais novo e mais velho... differente... mas harmonisado o corpo com a alma! Transforma-me, Poeta... para que eu não soffra mais este tormento de não me amar! Soccorro, que me não entendo! E morro, se me não acodem com luz... »

O pae do allucinado lhe acudiu, quando já rasgava o corpo com as unhas, furiosamente, a tropeçar pelos moveis no escuro, procurando o quarto em que devia dormir o menestrel.

Veiu um medico, curaram-lhe a febre, que durou longos dias, com accessos de delirio, e

algumas semanas depois no Rio de Janeiro, em roda de lettrados, João da Serra explicava o seu caso de allucinação. Um dos ouvintes um pouco distrahido perguntou, para ter uma historia completa :

« Mas que tinha de particular o José Ramos para assim te impressionar?

— O José Ramos, menestrel, não existia. Quando o vi sentado á beira do caminho, já era a febre que me trabalhava. Tinha morrido ha mais de dez annos o velho que andava pelas casas contando historias, ensinando a fazer doces e ajudando a comêl-os. O meu delirio foi que o idealisou....

— E pedias ao Tempo a solução de uma grande questão, João, disse outro. Não era sem razão o que pedias....

— Pois a loucura não é a razão deslocada?... concluiu o philosopho do grupo.

Pariz, Junho 1890.

A CANÇÃO DO REI DE THULE

A sensação da harmonia é muito difficil de explicar. Ha casos em que ella se obtem por afinação — e é a normal, que se póde definir como um effeito de convergencia psychologica. Ha outros em que ella se opéra por contraste, por anteposição, senão por opposição de elementos emocionaes que se chocam — e é como o resultado de reacções mutuas, complicadas, producto de uma dynamica obscura e mais prestigiosa por isso. A maior parte dos que não gostam ou não são capazes de sahir dos limites da esthetica equilibrada e sadia entendem e apreciam melhor a harmonia dos contrastes. Sómente a interpretação varia a respeito dos elementos realçantes e da coisa realçada, logo que se sahe da musica. As leis geraes d'essa harmonia não sendo convéncionadas, resta uma

fluctuação de valores, uma indecisão de planos que não permittem attribuir causas nem definir effeitos. Seria o memo querer criticar um quadro em que as figuras mudassem de posição, de tom e de valor, logo que se attentasse n'ellas.

Já pelo simile se entende que este effeito esthetico não é obtido por processos de arte, nem por arranjos intencionaes : vinho champagne bebido em cuia ou marimba com acompanhamento de grande orchestra não produzem o effeito agradavelmente contrastado do ingenuo e rustico ou grosseiro e primitivo em contacto com o refinado e luxuoso. Mas quando elle se encontra por acaso, não ha quem o não saboreie e guarde na memoria. E são raros os que não têm algumas d'essas scenas de um pittoresco abstracto das coisas fóra do logar, disparatando e ganhando em valor. Eu tenho discussões de metaphysica travadas entre um homem que trepado n'uma arvore pucha um cipó e outro que a golpes de machado decepa um tronco, em plena matta virgem, e tenho casos de singeleza d'alma, passados em recintos menos singelos : champagne em cuia e marimba com orchestra, espontaneidade áparte. Hoje

é d'esta ultima sensação que vou contar um caso.

Era no Pedro II, uma noite de representação lyrica. Descia o panno sobre o terceiro acto do *Fausto*. Ao estrepito das palmas chamando fóra os cantores, aos bravos e acclamações retumbantes, despertava o theatro do silencio recolhido, em que cahira ao languido arrular do duetto final. Nos camarotes as mulheres levantavam-se, correndo-lhes ainda pelo corpo o voluptuoso espreguiçamento d'aquella musica de amor. Esvaziavam-se as torrinhas, clareando o negrume das alturas, onde pouco antes, no escuro das roupas de homem, só se viam rostos superpostos em triplice fileira, immoveis ou agitados, semelhando uma prateleira de mascaras em theatro antigo. A platéa se escoava em rastilhos negros, semeados aqui e acolá das manchas claras dos vestidos. A desabrida claridade amarella do *sol* de gaz embebia todas as tintas, que não fossem ouros e pedrarias faiscantes, sombras violentas de casacas realçando a alvura dos peitilhos deslumbrantes ou rosadas carnações das mulheres nos camarotes, offerecendo-se aos binoculos como opulentos bouquets de carne viva. Um tenue véu de fumo vindo dos corre-

dores pairava, nimbando de resplendores as arandelas de gaz.

Toquei com o joelho o meu companheiro de serão, que ficara quieto, a olhar para deante, como se o interessassem muito os estremecimentos do panno de bocca empurrado de dentro pelos machinistas mudando o scenario.

— Sahimos um pouco, Antunes? Vamos desentorpecer as pernas.

O Antunes era um expansivo e excellente companheiro, a quem a musica impressionava demais, opprimindo-o, fazendo-o taciturno. Não me admirou por isso o olhar vago e como apagado, que elle me lançou, como se despertasse de um sonho. Levantei-me e sahi para o vestibulo, nesse momento atulhado de gente que passeiava e fumava, conversando. Com o calor e o fumo suffocava-se e o suor amollecia os collarinhos.

Na vozeria confusa que soava, os ouvidos um pouco prevenidos podiam distinguir os trechos de conversa mais asnaticos, insultando a arte e o bom senso. Aqui e alli grupos calorosos *discutiam* a opera e os cantores.

— Então que tal, commendador? tem gostado?

— Assim.... A gente vae bem; a opera é que é um tanto fria....

— Fria! Nem me diga isso brincando, commendador! Uma opera de tanto movimento! Uma opera mesmo de apparato.... E tão bem escripta! E' talvez a obra prima de Gounod!

— Pois sim, mas eu sempre gosto mais do Meyerbeer.

— Ah! Meyerbeer....

Adeante um grupo de estudantes falava das cantoras:

— Ah! a Scalchi! exclamava um que se insinuava como frequentador dos bastidores. Vocês vão vêl-a no *Propheta*!...

— Qual Scalchi! não me falem da Scalchi! Uma clarineta que só não desafina nas notas médias. Vocês lá viram contralto! Se tivessem ouvido a Biancolini....

E logo reclamações e uma discussão ruidosa.

Adeante:

— Ah! se o Castelmary tivesse menos edade....

— Ou mais voz.

— Ou isso....

— Mesmo assim, na parte dramatica ninguem o excede! affirmava muito convicto um do

grupo, referindo-se ao falso satanismo dos esgares e piruetas com que o baixo alegrava o seu papel.

Entre dous elegantes :

— Então, que me diz da Margarida, Doutor?

— Hum... eu sempre gostava mais da Repetto....

— Ah! sim. A Repetto para estes primeiros actos, em que é preciso delicadeza.... Mas a Borghi brilha d'aqui por deante na parte dramatica. Ah! é artista antes de tudo esta mulher!...

Sempre a parte dramatica! E o Antunes vém ao theatro lyrico, porque não póde aturar os dramaticos....

Refugiei-me no botequim e pedi um grog.

— Dois, emendou o Antunes, sentando-se á minha mesa.

— Afinal vieste! Pensei que continuasses a cochilar com aquella dormideira do duetto.

— Nunca dormi no theatro, respondeu-me elle descontente; e então ouvindo o *Fausto*....

E descansando os braços sobre a mesa :

— E então que tal achaste a aria das joias?

— Bem cantada, respondi; ainda que a Borghi ande muito longe da minha Gretchen ideal.

— Como figura ou como cantora?

— Como cantora italiana, como Margarida lyrica, que, por melhor que seja, nunca será mais do que um arremedo da outra. E então esta é tão feia, que até nem moça parece....

— Pois justamente o que hoje me tem impressionado no *Fausto* é esse ar de velhice que a Borghi-Mamo dá ao seu papel. E' exacto! accentuou o Antunes, vendo-me sorrir; cantada d'essa maneira a musica fica de saudade, parece vir de longe no tempo como na distancia e não é mais que um acompanhamento da recordação. Não sei como te explicar a impressão que me causa uma certa tremura suspirosa de algumas phrases da Borghi: sinto a legenda que vive, que me remeche por dentro. E tive ainda agora mesmo, ouvindo o terceiro acto, uma sensação rarissima: esqueci-me de que tudo aquillo era uma composição trabalhada, súada, uma combinação dos penosos esforços de muita gente applicada em chegar a um designado effeito e senti unicamente a poesia do assumpto. Era uma coisa exquisita....

Fez uma longa pausa batendo com a colherinha no gelo do grog e, a meia voz, como acompanhando a scisma, continuou:

— Para mim quem cantava a canção do *Rei de Thule* era Enganinha.

— Quem vém a ser Enganinha?

— Ah! tu não sabes. Foi uma tia velha que tive e que me contava historias. Morreu. Chamava-se Maria das Dôres, mas todos em casa a tratavam por Enganinha.... Já estão cantando o quarto acto. Vamos?

Deixei-me ficar sentado.

— Se me queres contar a historia, prefiro ficar.

Elle, que se tinha levantado, hesitava e, meio inclinado para a frente, com as mãos no espaldar da cadeira, lançava em torno o olhar pela sala vazia. Ao balcão um velho janota chupitava um cognac. A porta do theatro, abrindo-se aos retardatarios, deixava escapar a espaços rajadas subitas do acompanhamento da orchestra vestindo a nudez desolada da voz do soprano. Na rua passavam os bonds, um ruido surdo, tropel de animaes a trote largo e campainhas tilintando cadenciadamente. E os ultimos vendedores de balas e de librettos espaçavam os prégões. Afinal o Antunes sentou-se e pôz-se a falar.

« Não é uma historia, é por falar. Mesmo

parece que ella foi uma d'essas creaturas sem historia, tão serenas que vão pela vida, gente que se não queixa dos espinhos que encontra no caminho. Dizem que no Abril da sua mocidade fôra de uma belleza sem par : eu já a conheci desbotada e murcha. Parece que era uma velhice precoce essa e que desgostos profundos lhe tinham arrazado a mocidade. Desgostos amorosos, creio, porque recusou casamentos e, quando falava do passado, pulava por cima da mocidade, para só referir-se á infancia. Bella infancia, que sem duvida teve! D'ella lhe ficara a imaginação, de poeta, encantadora. E foi talvez porque a deixaram crescer tão entregue ao sonho que assim a maltratou a realidade da vida. O caso é que, velha e morta para illusões e para a alegria, os olhos ainda se lhe accendiam um pouco em certos pontos das bellas historias que nos contava. Eram historias fóra da tradição das contadeiras antigas e cheias de innovações de estylo e tom. Mesmo as velhas e sabidas, ouvidas da sua bocca, nos pareciam melhores. Contava attentamente, sentidamente, como se acreditasse na realidade d'esse mundo de phantasia peregrina, cujas paizagens encantadas os seus

heroes, os nossos heroes, percorriam n'uma galopada vertiginosa. Tambem, era de festa para nós a noite em que, sentados no chão aos seus pés, debruçados nos seus joelhos, rodeando-a de afagos e de pedidos, obtinhamos d'ella uma historia — que havia de ser bem comprida... recommendavamos todos. E se a noite era invernosa, maior era o encanto. Os aguaceiros rufando contra as vidraças e a folhagem, entornando-se dos beiraes do telhado e estalando nas pedras da calçada com um interminavel acompanhamento de castanholas caprichosas, faziam fundo aos zunidos lamentosos da ventania desesperada. As arvores surradas pelos refegões do temporal faziam uma roncaria de mar grosso. Uns sopros frios, que vinham pelas frestas, agitavam a chamma triste da candeia. E no grande silencio que se faz em nós quando nos apavoram os grandes rumores da natureza, no meio de toda essa desolação, a voz mansa e um pouco velada de Enganinha parecia-me immaterial, uma voz de narrativa que falasse por si, desenrolando-se n'um sonho de esplendor — *Atraz da montanha azul, toda plantada de arvores de ouro, encontrou um palacio tão bonito, tão bonito,*

que cégava os olhos, como uma joia de diamantes. O cavallo rinchou e logo se abriram todas as portas e janellas do palacio e estrondou a mesma musica que o principe tinha ouvido em sonho. Então elle apeiou-se e subiu a escadaria alastrada de flôres, entre duas alas de pagens, que cantavam o hymno da boa-vinda. Quando entrou na grande sala, parou extasiado pela formosura da princeza, que lhe vinha ao encontro.... A entrevista dos noivos, as galas e luzimentos das festas nupciaes eram contados maravilhosamente, melhor do que jámais pude encontrar entre as mais bellas paginas dos escriptores de imaginação luxuosa. E' verdade que, quando os li, já tinha perdido aquella deliciosa impressibilidade de creança, para quem tudo é novo e interessante. Mas havia uma coisa nas historias da minha velha romanceira, que me tocava as fibras mais reconditas do coração, impressibilidade de creança áparte, e essa era a profunda sympathia da sua voz. Digo sympathia por não ter outra palavra que exprima a infinita seducção d'essa musica falada, que, por mais calma e pacifica que fosse, parecia passada de paixão. Era uma voz que parecia entrançada de varios accentos,

como ás vezes têm os agonisantes, menos o lamento miseravel; tão harmoniosa que, ella falando baixo, nós tinhamos a illusão de todos os tons do drama, do murmurio carinhoso ao clamor tragico; voz em que a sua alma vibrava mais do que no olhar maguado e manso. Não sei que poder me prendia áquella voz, que me impedia de pensar em coisa differente do que o que ella dizia; sei que para mim as peripecias phantasticas das historias e as aventuras maravilhosas das princezas encantadas se tinham dado realmente e Enganinha as vira pelo menos, para as poder contar tão bem como fazia. Lembro-me da ultima que nos contou, uma noite em que estavamos bem fatigados de correr as roças, acompanhando-a na visita ás novas plantações. O dia terminara por uma d'essas tardes turvas em que chora uma saudade dentro de nós, como se já tivessemos vivido esse dia n'outra vida e fosse da sua memoria a melancolia que nos afflige. Enganinha tinha andado mais calada ainda que de costume, com os cantos da bocca mais descahidos, mais profundamente vincados pela expressão de amargura que lhe era habitual e com gestos bruscos e olhares rapidos, andando sem descanço

n'uma actividade febril, de quem busca escapar á obsessão de um pensamento doloroso — uma scisma que a fazia parar ás vezes, absorta, de olhar fixo.... De noite nos reuniu em torno do seu alto banco de espaldar direito e, depois de nos tomar conta da doutrina christan que aprendiamos, começou a contar.... Não era uma bonita historia como as de que gostavamos; era como um pesadelo de tristeza, que angustiava. Mas Enganinha dava tanta vida á narrativa, contava tão bem a pena da princeza encantada na torre, ouvindo a cantiga do noivo que andava á sua procura e ella sem poder responder, porque a tinham feito muda, tão vivamente mostrava o desespero da desditosa amante, vendo afastar-se a esperança do seu coração, que nós todos tinhamos os olhos razos d'agua e a garganta travada de soluços, mas não queriamos que a historia acabasse. Por fim a princeza recuperou a voz e conseguiu cantar, quando o principe já ia muito longe. O rumor do vento na folhagem lhe abafou o canto. Era uma toada singela e saudosa o que Enganinha cantou : lettra e musica esqueci-as. *A canção do Rei de Thule* cantada pela Borghi-Mamo lembrou-me tudo isso. E vamo-nos

embora, que está acabado o acto » concluiu apressadamente o Antunes, levantando-se e fugindo á multidão, que invadia de novo o botequim, continuando a implacavel apreciação da peça e dos cantores.

Fevereiro 1886.

OBSESSÃO

... Não quero ser perdoado aqui n'este mundo, que o meu castigo nunca será tão grande como foi o meu crime. O medo que tenho (e d'esta agonia mesmo é que me vém cá por dentro um vislumbre de esperança de que me seja contado o soffrimento), o que me acabrunha tanto o animo é a idéa da justiça eterna. O peso dos ferros, o cansaço do trabalho não me fazem nada. Olho para o chão, porque não me atrevo a olhar para o céu. Em tantos annos, que tenho passado a pensar assim calado e de cabeça baixa, ainda não descobri em mim uma qualidade, que me faça digno da misericordia divina. Não sou manso, nem limpo de coracão, nem padeço de fome e sêde de justiça. Em vez de me humilhar, de me abandonar ao arrependimento, endureço-

me contra os tormentos, que me não tocam senão no corpo : o rigor da punição não começa em mim a expiação, que me seria contada no dia do juizo. Diz-me o padre capellão que a minha esperança está em me arrepender tanto, que o resto da minha vida n'este mundo seja o meu purgatorio. Mas não posso. Tenho feito tudo para me confessar a mim mesmo culpado sem restricções, para me arrepender no seio da religião, como uma creança castigada se arrepende, sem procurar explicar a sua falta. Na creança é descuido, inconsideração de quem tem a preoccupação instinctiva do futuro e não está para remoer factos consummados. Em mim, porém, o facto consummado é a minha propria vida precipitada no abysmo do crime. Não posso, não ha em mim humildade de espirito, desejo de arrependimento sufficiente para me fazer confessar o meu crime, sem procurar explical-o. Explical-o a mim mesmo primeiro, como uma necessidade moral, ao mundo, depois, como uma satisfacção do meu orgulho de homem humano, que se não conforma com a idéa de que haja dentro d'elle abrigo para os impulsos caprichosos do acaso — outra necessidade. E eis-ahi : explicar os

seus actos é uma tentativa de defesa, fóra do caminho da contrição.

Eu bem sei d'isto, sei que me perco para sempre, se morro na impenitencia final; mas o pavor das penas eternas, que todas as noites, á hora terrivel, me alaga em suores de agonia, não faz mais do que ensurdecer por minutos a ancia atroz d'esta interrogação sem resposta, que me vae fazendo louco, mettida em cada particula animada do meu ser, saltando ao menor movimento dos meus nervos, substituindo-se á vontade, cuja acção ella destruiu, gritando a cada golfada vermelha que me illumina o cerebro: Porque fiz o mal, conhecendo e sentindo o bem? porque fiz soffrer e matei quem era minha vida e minh'alma?

. . . .

Foi logo depois do nosso casamento que o mal me entrou no corpo. Ou que tomou conta de mim, por me achar sem defesa, que até então ás investidas d'elle eu tinha resistido sem custo. O mal não foi o amor, que é o sentimento santo; foi a luxuria destruidora, que, disfarçando-se com elle, envenenou-me o sangue e a alma. No dia, no minuto em que tive minha mulher senti, com um calafrio de

pavor mortal, que tinha deixado de me pertencer. A felicidade seria que o abandono da minha vontade fosse em favor d'ella. Não foi. Na apparencia ella era a esposa amorosa e submissa, soffrendo mesmo por não comprehender as minhas violencias, os meus transportes loucos. Eu me odiava por não saber dizer-lhe como a adorava, como desejaria fazer-me ar subtil, effluvio magico, para que ella gozasse da felicidade que merecia. Em vez d'isso a brutalisava. A principio sentia-me mais tranquillo quando as lagrimas lhe apagavam nos olhos o fogo em que me abrazava. Mas depois comecei a sentir uma voluptuosidade nova em vêl-a inquieta e apprehensiva sob os meus olhares duros e cheios de maldade, afflicta e desfeita em pranto com as minhas palavras asperas e accusações injustas. Uma vez, n'uma desolação profunda, observou-me que preferiria que eu lhe batesse. Desde então as minhas mãos perderam a macieza das caricias, os meus dedos se acostumaram ás contracções bruscas, que lhe deixavam marcas na pelle delicada e mais frequentemente, em vez de a beijar, mordia-a. Uma noite peguei-a pelos hombros, que eram um mimo, e puz-me a sacudil-a tão violen-

tamente que ella desmaiou. Pensei que a tivesse matado e fugi espavorido. Passei dois dias pelos mattos n'um tormento horrivel, até que, me approximando da casa, vi-a sentada á entrada da varanda, conversando com a mãe. Ajoelhei-me aos seus pés e lhe pedi perdão, chorando de alegria, de arrependimento, de amor. Durou poucos dias a felicidade. Quando comecei a sentir com o enervamento a volta das furias brutaes, pedi-lhe que fosse passar uns tempos na fazenda da mãe, emquanto eu ia em viagem á capital, tratar de negocios.

Logo que nos separámos, a affeição mansa, uma ternura que parecia dissolver-me o coração em lagrimas, tomou conta de mim. Nas tres semanas que andei por longe poucos dias houve em que lhe não escrevesse cartas amorosissimas. E ella me respondia pelo mesmo tom. Na ultima dizia-me que soffria muito por me não ter ao pé de si, que passava os dias a chorar, com o coração apertado por presentimentos, ralado de saudades, penando mais do que no tempo em que vivia sempre a tremer, por não saber se eu lhe queria mal com as minhas iras inexplicaveis.

Apressei os meus negocios e cuidei de ir

passar a Semana Santa na fazenda, todos juntos. Mas metteram-se contratempos de permeio, que me atrazaram. Só cheguei na sexta feira, depois da comida do meio dia. Quizeram mandar pôr a mesa para mim, mas não consenti em quebrar o jejum, que tencionava offerecer ao Senhor das Agonias, pelas minhas, que não voltassem mais. Passei duas horas a ler as orações e a meditar sobre a sublimidade do dia. A' tardinha convidei minha mulher, a mãe e um irmão e fomos dar um passeio pelas roças. Estava um d'esses ares de que a gente nunca mais se esquece. Tinha chovido na vespera e a terra estava muito fresca, muito cheirosa. Eu lhe sentia bem o cheiro pujante e suavissimo, differente do das plantas, que é menos profundo, que, a força de cantar em varios tons, distrahe-nos, em vez de nos tomar a alma inteira. Pelo aceiro de uma queimada recente, ao pé de um capoeirão de machado, eu passei como enlevado n'uma rajada de orgão. Não tão absorto que não visse dentro do matto, na sombra que já deixava o sol baixinho, umas florinhas brancas balançando-se sem que houvesse vento. Cochichavam de certo sobre coisas extranhas, que se passavam lá para dentro, no

escuro da Noite maliciosa que já ahi vinha, coisas que eu não queria imaginar, mas que me enturvavam a mente, pondo-me um como tremor no coração. Sahimos para o campo e, emquanto os outros iam descendo devagar para a varzea, eu e minha mulher, caminhando pela lombada, fomos nos sentar na ponta do morro que desce a pique sobre o rio. Tambem o rio tinha o que quer que era de inquieto : a scintillação dos reflexos lá para a volta, onde havia umas grandes arvores de galhos tortos, quasi sem folhas, parecia uma tremura de medo ou um chôro de tristeza. E o espelho da agua ás vezes se embaciava, como se deitasse um olhar apprehensivo para o céu. Máu céu tingido de uma côr incerta, do vermelho ao azul-cinza, que cansava os olhos, que ia se abrindo, abrindo, como se a vista levantasse cortinas meio transparentes e por fim esbarrasse n'um muro de crystal fosco com relampagos deslumbrantes fulgurando por traz. Quando eu tirava d'elle os olhos, a terra me parecia phantastica, toda lavada n'uma amarellidão brilhante com bordados negros. E de vez em quando uma aza immensa de sombra sacudia o vôo sobre aquillo,

Havia vozes no ar. O vento me soprava nas

orelhas umas syllabas de historias do outro lado da memoria, que nem mesmo em sonho se chegam a saber bem. Então n'aquella tarde eu não queria dar-lhes ouvido, que me pareciam vagamente peccaminosas. Já dentro de mim ellas levantavam um reboliço voluptuoso, um amollecimento de desejos, que é o incontentamento, a revolta da carne contra a serenidade do pensamento puro. Minha mulher me falava, dizia-me : « Meu querido.... » Puz a cabeça sobre os seus joelhos ; o meu coração transbordava de piedade, de ternura ; suspiros de uma angustia infinita me sacudiam o peito em soluços. E ella, inclinada sobre mim, apertando-me nos braços, euxugava-me com beijos os lagrimas nos olhos.

Euxugava-me as lagrimas e levava-me a claridade. Fiquei cégo e pequei. No dia da Paixão sublime, áquella hora religiosa, o meu pensamento em vez de subir para as alturas atolou-se no lodo do peccado carnal, sob os olhares das primeiras estrellas. Aqui é que a minha razão se perde. Não sei se o crime seguiu-se ao peccado como continuação da obra diabolica ou se foi a reacção contra o peccado que me fez criminoso. Lembro-me apenas de que n'um

momento ouvi uma voz soluçosa, profunda, suave, suggestiva, que me dizia, que me ordenava irresistivelmente : « Mata-me agora, que eu quero.... » E quando ella se calou e um silencio se fez em mim, que me despertou, vi junto dos meus olhos um rosto deformado e roxo, olhos espantosamente revirados, uma bocca aberta d'onde a lingua negra e inchada sahia n'uma careta horrivel. As minhas mãos cerradas em garrote em torno do pescoço d'Ella ainda assim estavam, hirtas e duras. Comecei a ouvir uns galopes surdos, uivos, risadas malvadas e um farfalhar de azas no escuro do meu cerebro, como se o inferno tivesse logo tomado conta de mim. Perdi a noção do mais. Disseram no tribunal que me encontraram dormindo ou sem accordo, ainda agarrado ao cadaver da minha victima e que a custo desprenderam-me as mãos do seu pescoço....

Condemnaram-me ás galés; os annos embotaram-me a agudeza do tormento, a dureza do castigo me brutificou ; mas tudo o que me resta de actividade de espirito se concentrou sobre esta questão insoluvel da responsabilidade da minha culpa, que eu não quero, que não posso tomar sobre mim. E depois de levar-me

a um espantoso crime, o espirito de rebeldia, desdenhoso de me possuir, esvoaça emtorno de mim perpetuamente, para que o abandono do meu coração humilde e arrependido me não deixe illuminar-me ás claridades da Graça. De que serviria então um perdão dos homens a quem não está certo de que a justiça eterna o absolverá ?

POSSESSÃO

— ... Tia Annica tambem lhe mandou muitos abraços, muitas saudades... Tem tanta pena de não poder vir passar com você uns tempos! Diz que só de os vêr tão bem casados, tão unidos, tão felizes, lhe passariam todos os achaques da velhice e as scismas dos desgostos antigos....

— Coitada da tia Annica....

— As suas cartas lhe fazem muita falta, agora que ella está tão só. Ainda o primo Luiz sempre foi de poucas lettras, mas você, que escrevia tanto e tão bem, antes e depois.... Ella guarda as cartas na caixinha da costura, para as reler, e ás vezes fica um tempo immenso de olhos postos n'aquelles papeis, que ella sabe de cór, como um livro de versos. Diz que ainda não houve romance que lhe interessasse tanto como a historia do seu casamento....

— Já tudo me parece tão longe!...

— Ella conta as peripecias com enthusiasmo; a parte que tomou na conspiração para que Madrinha desse o consentimento....

— Mamãe nunca quiz.

— Por causa de umas historias de Alcazar, não foi? Tia Annica sabia que andava n'isso mais intriga do que outra coisa e que, mesmo sendo verdade, Luizinho era um moço de brio: não ia agora.... O caso é que ella sente-se toda orgulhosa quando os nossos parentes conversam sobre vocês. E' como se falassem bem de uns filhos mimosos.... Faltam agora os netos. Vocês quando é que pensam n'isso? O tempo passa depressa sem sentirem, não é? Olhe que já lá vão cinco annos, Ninita....

— A quem o diz você, Amelia! Eu que conto os dias....

— Os dias que não são bem azues.... As nuvens descansam os olhos da claridade demais.

— Quando ella é demais. Não tive tempo para cansar-me dos dias claros, minha prima....

— Ora, então, Ninita, não é para chorar.... Se eu soubesse que se affligia assim... Vamos....

— E' prima, é para chorar, sim.... E' para chorar que eu vivo, por castigo de ter deso-

bedecido áquella santa que está no céu! Se não fosse pensar que me separava d'ella de uma vez, quanto menos me custaria acabar com a vida!

— Que loucura, Ninita! Pode-se bem chorar sem offender a Deus! Então, já se viu!

— Você tem razão : é um desatino.... Que eu já tresvario de tanto soffrer. Mas a gente quanto mais esperança pôz.... Tia Annica vive tão satisfeita, pensando que tudo me sahiu conforme nós esperavamos, que era tão natural que fosse! por isso é que deixei de lhe escrever, não é por ingratidão. Não tenho coragem para lhe dizer a verdade, embora me desabafasse....

— Pois desabafe agora : tem um coração que lhe escuta....

— Prima, que differença das esperanças!...

Isto era por uma manhan muito clara e alegre, na sala de jantar de uma casinha da rua Silva Manoel. Entrava muita luz pelas janellas abertas sobre um quintalinho triste, com as suas plantas sem trato e as ruas sujas. A sala, egualmente descuidada, por arrumar, com um vago aspecto de máu logar. Os moveis em desordem, maltratados, pareciam mais de uma

taverna que de uma casa de familia. Uma garrafa de cerveja quebrada ao pé do aparador, grande numero de outras vazias em cima e pontas de cigarros e cartas de jogar por toda a parte tapetando o chão, completavam a apparencia suspeita da casa, que devia ser toda assim : no gabinete contiguo via-se um cão dormindo sobre um sofá de palhinha encardida e usada, n'um ninho de jornaes velhos e livros desapparelhados. Sentia-se como um cheiro de desconforto, o máu ar dos logares em que se não vive feliz.

Pela porta aberta do corredor entrava com o grito de um vendedor de jornaes o ruido de carroças passando interminavelmente. A mulher que chorava levantou-se e foi fechal-a. Era alta e de boa compostura. Ganhava em estar em pé e andava bem. Sentada tinha umas posturas acabrunhadas de corpo quebrado pelo soffrimento. A bocca era afflictiva : descahida, torcida, amargurada. Os olhos muito pisados tinham uma expressão indecisa entre a queixa e a resignação; eram antes melancolicamente distrahidos, como se tivessem tomado o geito dos olhares longos acompanhando o vôo das scismas. Era descorada e quieta, como uma

doente. Nas azas da nariz direito e fino corria-lhe ás vezes um estremecimento rapido como de um desejo logo abafado. Não era bonita, mas tinha uma expressão. E as roupas lhe iam bem, simples e honestas, sem abandonos de victima da fatalidade, como sem esmeros improprios.

A visita chegava da roça e o mostrava, bem que não fosse uma caipira. Era bonita, morena e nedia; ar de saude e contente; no leque, na gola do corpinho, na capa do livro de missa e na portinhola do carro parado á porta tinha um monogramma com uma coroa fidalga — o marido era barão. Casada de pouco, ella tinha imaginado encontrar a prima n'uma situação feliz em que as orgulhosas alegrias da sua pudessem expandir-se, echoando sympathicamente. E, afinal de contas, não só a sua felicidade era de uma apparencia quasi impertinente, mas ainda, por dizer que os seus parentes cuidavam que ella vivesse muito feliz, a prima desatava em pranto. A expressão da Baroneza era entre penalisada e contrariada. A outra continuou :

— Ha mulheres que se enganaram nos seus calculos de futuro, Amelia, mas tanto como eu, ha poucas debaixo do céu. Você ainda se lem-

bra das nossas festas na chacara? era capaz de pensar que me encontraria um dia como me vê? Não havia nada que fosse bom demais para mim, hein? nem sonho que não pudesse fazer.... Não sendo feia, tendo fortuna e uma mãe que só vivia da minha alegria.... Tão mal que lhe paguei! Começo a acreditar que são coisas que têm de ser, para que cada um carregue a sua cruz n'esta vida. De qualquer modo mamãe tinha de ser infeliz, desde que se me metteu na cabeça casar com o Luizinho. Ella morria logo atraz de mim — e eu morria, esteja você bem certa, se me não dessem o meu tormento — e morria sem me ter visto contente. A's vezes mesmo penso que foi melhor que ella morresse logo. Lá do Reino da Gloria ella vê no meu coração ainda melhor do que eu. E se viva fosse, seria uma agonia o seu viver, porque eu nunca lhe havia de explicar bem o meu modo todo especial de soffrer. Eu dizendo isto a você parece uma loucura — se pudesse mudar a minha sorte, eu não queria outra. Basta que lhe explique que em toda a minha agonia o soffrimento pessoal, por mim mesma, é quasi nada comparado com o que soffro por elle, de o vêr tão miseravel e eu sem lhe poder valer....

— Mas não entendo.... Acalme-se para me falar, Ninita!

— Prima, eu me casei com um desgraçado, que não tem o respeito de si mesmo nem dos mais, e não posso imaginar-me casada com outro que não fosse elle! Se agora me dissessem : — « Teu casamento não era verdade; foi un pesadelo de cinco annos; passemos uma esponja no passado, que não reste mais memoria d'elle », eu pediria de joelhos que não fizessem tal ou que me matassem então, porque arrancarem-me o meu martyrio seria como se me arrancassem o melhor, o mais intimo da alma, que se faz de soffrimento, por amor, por odio, por impulsos de coração. Já estou feita assim....

N'este instante ouviu-se, vindo do interior da casa uma voz de homem, que cantava uma copla de canção franceza :

Vivent ces nuits d'orgie,
Où la raison se perd,
Dans un joyeux concert
Formé par la folie!

Ninita interrompeu-se, mais pallida ainda

e depois continuou com a voz tremula e commovida :

— E' assim que elle accorda todos os dias, tão contente, sem saber que as suas cantigas me offendem como injurias.

— E' o Luizinho!...

— E' meu marido.... Aquillo é um socego de coração como se esta casa fosse um ninho de amor, elle um homem de bem e eu uma mulher feliz! Quasi me põe doida o desejo, que ás vezes tenho, de lhe dar razão, para socegar-me a mim tambem. Mas para isso seria preciso sahir das regras, viver como uma affronta a Deus e ao respeito do mundo. Elle vive assim, porque não tem consciencia : eu, se fizesse o mesmo, seria uma criminosa, em vez de uma desgraçada. E a fogueira de ciumes em que me consumo, Amelia! Aquella canção de que elle se lembra assim que se levanta é o grande successo da Bellony, a alcazarina com quem elle gasta tudo o que lhe cahe nas mãos rotas....

— A Bellony? mostraram-m'a hontem de tarde em Botafogo, que passava governando o seu carro. É bonita, mas tem um ar ordinario!

— Pois d'ella eu só tenho os restos. Restos

d'ella e de outras. Até das minhas escravas, emquanto as tive em casa, até da minha cozinheira.... Apanhei-os um dia, chegando da rua sem ser esperada. Imagine com que nojo.... Amelia, quando nós duas passavamos horas e horas a falar de amor, de paixão, de coisas que não entendiamos, pensavamos que todos os sentimentos se purificam quando o coração se nos inflamma com o ardor d'elles. E era um engano : por experiencia sei que ha sentimentos que mesmo na fogueira da paixão não se alimpam. O meu amor pelo meu marido me envergonha a meus proprios olhos, como um sentimento indigno, e nem a minha dignidade de senhora, nem a minha consciencia de christan me deixam entregar-me a elle sem remorsos. No entanto, com toda esta agonia de ciumes, de vergonha, de medo da miseria e de peiores transes, não posso imaginar-me vivendo com outra coisa no coração....

N'esse momento ouviram-se os passos de alguem que sahia pelo corredor e a mesma voz de ainda ha pouco, continuando a canção, foi se afastando :

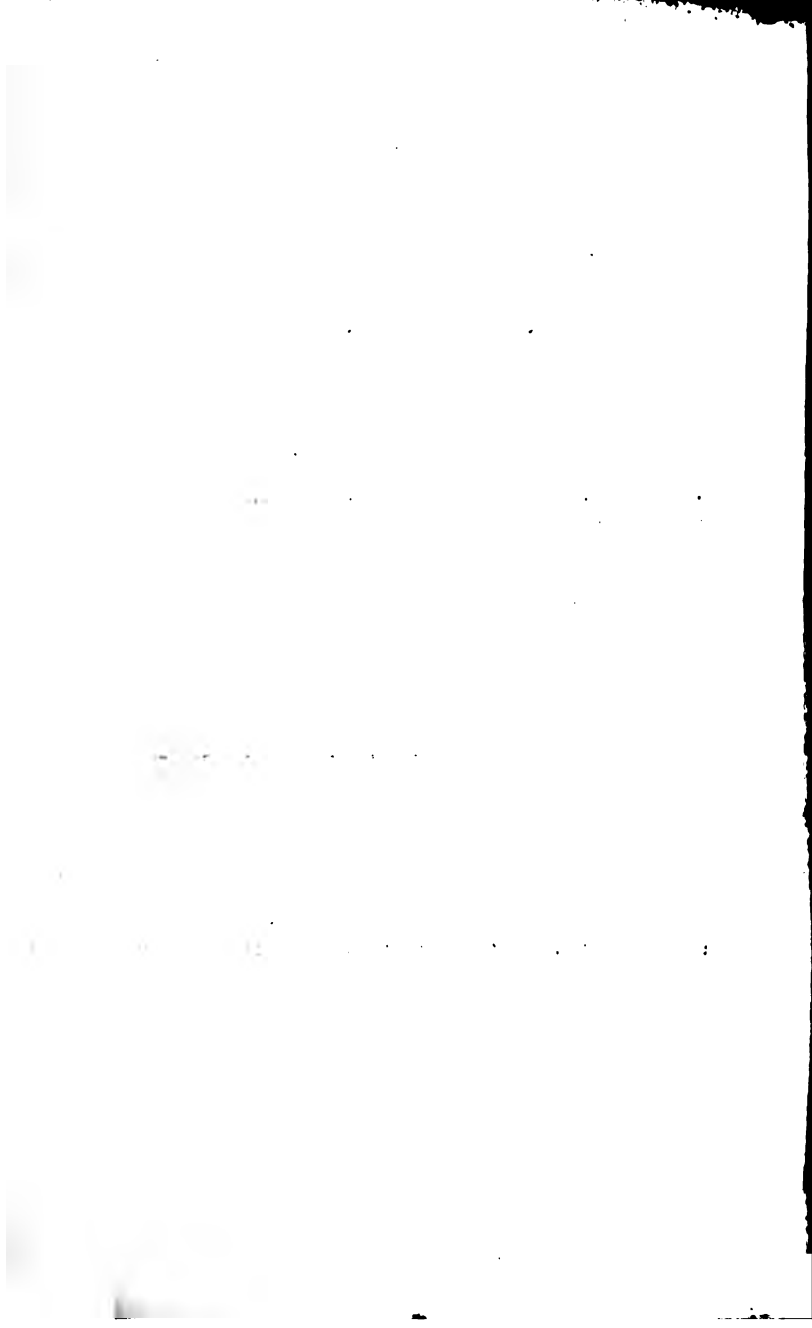
Vivent le vin et l'amour
Qui viennent tour à tour
Charmer
Les chagrins de la vie!

E a grade da porta da rua rangeu e tornou a fechar-se. Ninita abaixou a cabeça um momento, escutando. Depois pegou na vassoura encostada a um canto da sala e pôz-se a varrer as cartas de jogar, pontas de charutos e phosphoros meio queimados, que alastravam o chão. Mas logo parou, e deixando-se cahir sobre uma cadeira, disse para a prima, com um grande sentimento na voz :

— Não conte á nossa gente como me viu, Ameliasinha. Diga-lhes que me não veio visitar, se não quizer comprometter-se e mentir ainda mais. Para que dar desgostos desde já á nossa pobre tia Annica? Depois, com que coragem ia você dizer-lhe que a sua Ninita querida está feita dona de casa em que se joga por dinheiro e se tira barato, que de manhan é ella quem varre a casa, quem pega na vassoura com as suas mãos de duqueza, para vêr se com a humilhação da sua sorte enxota o que lhe resta de brio, que é o que mais a afflige na sua miseria? Prima, eu estou fazendo esforço para lhe

não sujar os ouvidos com a minha confissão, mas não posso mais conter-me : por um beijo, um carinho d'aquelle homem, que é de todas menos meu, que nem passa, antes de sahir, pela sala em que estou para me dizer bomdia, pelos restos que as outras me deixam e que eu careço de andar mendigando para ter de longe em longe, eu não tróco a posição, que me quizessem dar, de fortuna, de consideração, de socego, mas sem este amor, esta paixão damnada em que me abrazo como no fogo do inferno.... Chego a pensar ás vezes que é o espirito maligno que me possue, que me faz estrebuxar nos espasmos d'esta bemaventurança atroz!...

. . . .

Pariz, juilho 1890.

MARIA SEM TEMPO

Era magra, pequena, escura. Tinha a extrema humildade dos que vivem longos annos sob o céu destruidor, sem pensar ao menos em resistir á sorte, com a passividade inerte da folha que o vento róla pelos caminhos. Era assim mirrada e secca e sombria, como se tivesse perdido a seiva ao ardor dos estios, como se guardasse das noites sem estrellas o negrume cada vez mais denso.

Era louca, porque só tinha uma idéa, e a creatura humana póde não ter idéas, mas não póde ter só uma. A sua era o angustioso desasocego das maternidades mallogradas. Perdera um filho e o procurava. Andava pelos caminhos para buscal-o e só levantava a voz para chamal-o, anciosamente, carinhosamente: « Luciano! Meu filho!... » E escutava longo

tempo por traz das cêrcas, no aceiro dos mattos, á entrada dos terreiros das fazendas, nos desertos e nos povoados, onde quer que a levasse a sua dolorosa esperança. Aquella figura miseravel, toda feita n'um gesto indagador, com a mão abrigando os olhos, á espreita, ou levantando o chale que lhe encobria a cabeça de cabellos hirtos, para ouvir melhor a resposta ideal, aquella encarnação de um desejo sempre illudido enturvava o esplendor do mais radioso meio dia.

Gente compassiva, donas de casa a quem se apertava o coração ouvindo echoar pelas estradas o seu reclamo desolador, quizeram retêl-a, dar-lhe amparo e agazalho : « Aonde vae, Sinhá Maria? Fique com a gente, mulher! Por estes sóes que matam, assim ao desabrigo do tempo, o que faz uma creatura de Deus? Descance uns dias e vá então.... » Mas a louca se escusava resolutamente : « Não tenho tempo, minha senhora. Vou ao encontro do meu Luciano, que me disse que havia de voltar. Como não tenho mais casa, preciso de estar no caminho. Não vá elle passar emquanto aqui estou.... » E se precipitava para fóra exhalando o seu grito : « Luciano! Meu filho Luciano!... »

E Maria Sem Tempo não era uma lição, nem um castigo, nem um exemplo. Se alguma coisa ella provava, era que ha soffrimentos que nada provam e que nada justifica, que *são*, pela razão obscura d'aquillo que tem de ser. A sua miseria nem mesmo era tragica, porque não exclamava, não luctava, não indagava. O céu rigoroso era-lhe como um senhor cruel, que a pobre escrava não entendia e sob cujos golpes se encolhia apenas. Vivera para ser mãe: soffria d'isso, como d'isso outras jubilam.

Quem a encontrava pelos desertos, longe de todo o amparo, ás horas tristes do dia, pensava logo com piedade na solidão da sua alma. Mas se iam falar-lhe, ella se não mostrava agradecida á sociedade que lhe queriam dar: recahia logo no seu silencio absorto, tão occupado pelo seu sentimento.

O meu Luciano! dizer estas palavras era para ella o mesmo que sentir-se viva. Dizia-as alto, gritando, clamando, enchendo as grotas e os recantos das florestas com o seu alarido de araponga louca; dizia-as baixinho, suspirando, fundindo o coração n'um ajoelhamento de prece, na prostração suprema do supremo amor. E ás vezes, caminhando horas ao longo

da praia, com os cabellos sacudidos pelo vento do largo, vacillando sobre a areia branca e infirme que entontece, ella cantava ao mar em furia a canção monotonamente sublime da sua pena sem fim.

Elles eram dois humildes e mansos e os soberbos e violentos lá de longe fizeram uma guerra para mal d'elles, uma guerra de tantos annos durando já que os cabellos da mulata tiveram tempo de embranquecer. E o seu Luciano sempre por lá, longe da sua velha, que só tinha a elle no mundo, e que não pudera oppôr-se a que partisse, porque com o poder de homens, que o vieram buscar n'aquella noite, tinha-se juntado todo o poder celeste, estrondando n'uma trovoada de arrazar o mundo. Quando chegaram os homens malditos, ella estava com o filho rezando o *Magnificat*, á claridade da vela benta accesa em frente ao registro da advogada contra o raio. A voz d'elle tinha uma toada grave e cheia de fervor, que lhe quebrava a ella a friura do medo no coração. Ai! não era dos raios e coriscos do céu que a pobre mulata devia receiar! N'um silencio entre dous refegões de vento, bateram de repente á porta. Luciano foi abrir e logo um homem

entrando, antes de dizer uma palavra, lhe foi deitando a mão. O rapaz deu um pulo, esquivando-se, mas o outro gritou e a casa se encheu de gente armada, soldados, que subjugaram o seu filho e o amarraram. Ella conhecia um dos homens, o que tinha entrado primeiro : de joelhos, como tinha ficado deante da santa, arrastou-se aos pés d'elle. — « Seu Capitão, não me tire o meu filho, que não commetteu crime. Tenha piedade de uma pobre mãe.... » O Capitão, meio embaraçado, sem convicção, resmungou umas phrases, falou em defesa da patria, em honra nacional offendida, dever de todo brasileiro e não sei que mais. Mas a mulher não lhe deu ouvidos; viu que lhe tiravam o filho para a matança nos campos do Sul e desatinou de todo, a pedir, a supplicar, de rastos pelo chão, beijando os pés e abraçando pelos joelhos os seus carrascos, sem poder mais chegar ao filho das suas entranhas. O Capitão começou a se incommodar com a scena e deu ordem de partir, apezar da tempestade no seu auge. Então Maria se indireitou, arquejante sobre os joelhos, e viu, enquadrado pela porta aberta sobre a noite negra cortada de relampagos, o seu bello rapaz, que, sem chapéu, de

roupas rotas mostrando o peito nú, levantava para ella as mãos algemadas, n'um gesto de adeus, e lhe dizia com voz tremula e sentida : « Não se desconsole, Mãe, que ainda hei de voltar.... » N'esse instante um fuzil cégou-a e o estampido immediato de um trovão derrubou-a por terra. Quando tornou a si, estava sósinha no meio da noite escura. Parece que esta lhe entrou devéras pela mente, e lhe apagou as ultimas claridades que lá luziam. Ella se desinteressou de tudo o que occupa as vidas mais humildes, desprendeu-se por uma inattenção absoluta dos factos que podem servir de marca aos dias, perdeu a noção do tempo, perdeu as suas affeições menores, enclausurou-se, absorveu-se no seu unico sentimento transformado em culto, endoideceu.

Como sempre fôra uma pobre intelligencia, a sua loucura não se caracterisou senão por uma teimosia especial, passiva, mas inflexivel, uma recusa absoluta a ceder aos argumentos dos que queriam convencêl-a de que o filho não andava por aquellas bandas e que não era gritando pelos caminhos que ella havia de o recuperar. Elle lhe dissera que havia de voltar.... Essa promessa lhe não deixava logar no espirito

nem para a idéa da morte. Quando lhe disseram que Luciano morrera n'um combate, que um voluntario, que voltava ferido, o tinha visto cahir ao seu lado no campo e ao seu lado morrer no hospital de sangue, ella sacudiu a cabeça, incredula. A força da idéa fixa venceu-lhe a timidez natural e lhe tirou todos os escrupulos e receios que a pudessem deter no cumprimento do seu fadario. Na abstracção poetica é assim um caracter heroico.

Os signaes physicos de loucura estavam nos seus olhos perdidos como os de um cão de caça, desattentos ou muito attentos, mas sem sympathia, e nos cabellos hirtos, erriçados, como n'um perenne arripio de pavor. O resto, mãos e pés de nomade selvagem, miseria profunda do corpo desprezado, fizera-o o ascetismo inconsciente da sua existencia errante. A voz cantante, plangente antes, arrastava-se apoiando demais em certas syllabas, como quem chama. E falando baixo tinha umas inflexões escuras, vindas mais de dentro, o tom reflexivo de quem pensa em voz alta.

Sonhava muito, quando dormia, e prolongava o seu sonho, sempre o mesmo, pela vigilia. Era com o dia da volta d'elle que sonhava, com

a hora em que, avistando-o, lhe dissesse : « Bemdito seja Deus, meu filho, que te torno a ver! » Elle abaixaria os olhos deante do seu olhar carinhoso, com os seus modos tão bonitos de bom filho e depois lhe contaria o que tinha visto pelas terras longes, a historia da sua ausencia, as grandezas do mundo, as lindezas das outras gentes, tudo o que ella nem podia imaginar que fosse, tudo evocaria o som da sua voz, cuja lembrança bastava para lhe encher a ella os olhos de lagrimas. E voltariam a levantar a casa arruinada, o ninho velho d'onde a má sorte os enxotara, a refazer a vida antiga, humilde e pobre, que ella não trocaria pela de uma rainha, com Luciano....

Sonhava, e procurava o seu sonho, correndo as estradas. Mas não se afastava dos sitios familiares, algumas leguas de circuito, tres municipios, a patria. Mais longe já parece que a lingua mudava ou pelo menos mudavam os costumes. Eram mais duros para a pobre mãe, como se ella pudesse fazer mal, ou não entendiam-na e desconfiavam. Um dia chegou ao pé de uma cidade muito bonita : as casas tinham vidros que faiscavam ao sol; nas ruas passava muita gente, toda calçada de botinas, os homens

de gravata ao pescoço, as mulheres de chapéus com flores, todos muito soberbos; carros e cavalleiros passavam a toda a pressa, fazendo muito barulho nas pedras da calçada. Appareceram uns soldados e a pobre Maria fugiu espavorida. Era alli sem dúvida que moravam os que lhe tinham arrancado o seu Luciano. Disseram-lhe mais tarde que ella quasi tinha estado na Praia Grande, que era para onde iam os *designados* para o recrutamento militar, mas que não era alli que elles batalhavam.

O invencivel terror do desconhecido a impediu de ir procurar o filho aos campos do Sul. O Sul sabia ella onde era. De lá vinham as peiores borrascas. E os tiros de canhão, que diziam de gala na Cidade, para ella eram batalhas mais perto, a guerra que se approximava. Se com a guerra lhe apparecesse um dia de repente Luciano! Quando o ar estava pesado, o tempo de *oraça*, ella escutava estremecendo o troar surdo dos canhões que salvavam no Rio, avaliando a approximação da guerra pela sonoridade mais clara dos tiros, que lufadas de aragem quente e banzeira traziam.

Um dia de verão, depois do meio dia, ella vinha subindo da restinga do mar para a terra

firme. Não passava ninguem pelas estradas. O sol de fogo retorcia a folha das arvores e fazia ferver o miolo da doida vagabunda. No grande silencio da calma acabrunhante só se ouvia o zumbido do enxame de mutucas importunas, que acompanham a gente pelos caminhos á beira dos charcos, e o canto de gallos longe. O chão escaldava; a doida movia rapida os magros pés descalços e caminhava de braços levantados, sustentando o chale acima da cabeça. Mas de instante a instante parava, com um gesto de impaciencia, e se abaixava para atirar uma pedrada ou um punhado de areia aos cameleões cinzentos, que vinham pôr-se á beira do caminho, debaixo dos gravatás de folhas de serra e flor vermelha, e lhe faziam signaesinhos bregeiros com a cabeça, quando ella passava. Sobre a ponte do Paracatú parou para ver uma cobra verde, que se lavava no magro fio d'agua que ainda corria. Depois entrou na sombra do caminho estreito, com arvores dos dois lados, um desfiladeiro entre a lagoa e a barranca de um morro a pique, e se deteve a colher os cachinhos de jatitás verdes para refrescar a bocca sequiosa. Passou um cavalleiro pela estrada e no ouvido ficou-lhe a cadencia do

meio galope, acompanhamento da toada favorita de Luciano, quando falquejava no matto :

Os olhos de Joannita
São pretos como carvão....

Fôra ella que lh'a ensinara, em pequenino. Vinha de tão longe a cantiga do *Mineiro da serra!* Vinha de antes das tristezas d'ella.... Cerrou-se-lhe a garganta e retomou a estrada.

Já ia pondo a mão á cancella do campo do capitão Rosa, quando um tiro de canhão atroou os ares; depois outro e outro e em seguida um estrondo prolongado, como o de uma casa desabando.

Maria Sem Tempo pensou na guerra. Chegara emfim! A artilharia destruia as grossas muralhas da casa da fazenda. Só lhe admirava aquelle silencio depois da catastrophe. Deu a volta para ir espreitar pela outra cancella, e não entendeu mais nada, quando viu a casa em pé, o gado no campo e na lombada do morro do Cantagallo o eito de escravos no trabalho, manejando as enchadas, em que o sol faiscava. Alli estava tudo em paz; no céu nem uma nuvem quebrava a dureza do azul impla-

cavel : d'onde vinha então aquelle troar de canhões?

A doida approximou-se da fazenda, mas sahiram-lhe cães bravos ao encontro e ella regressou do meio da ladeira. Deu então volta ao morro pelo lado do brejo, para entrar pelo engenho. Mas ao passar pelo campinho de dentro, onde se soltavam os animaes de sella e as lavadeiras estendiam a roupa a córar, pareceu-lhe que ouvia devéras a cantiga do *Mineiro da serra*, a cantiga da saudade, que lhe entrava pelos ouvidos, em vez de resoar-lhe apenas na memoria esvaida. Transpôz a cerca de bambús em moitas sussurrantes e encontrou um cavouqueiro, dos que alli andavam a arrebentar pedra para construcção, que descia da pedreira e vinha jantar. Maria perguntou-lhe anciosamente : « O meu filho? é o meu Luciano quem está cantando? » O homem respondeu : « É o Luciano, sim; mas não vá para lá agora, que elle vae pegar fogo á mina. » A doida não lhe deu mais attenção e embarafustou pelos cafesaes acima. Chegando á entrada da pedreira, viu um rapaz meio pendurado de uma corda de nós, que acabava de arranjar os estopins e punha fogo á mina. Ella

gritou : « Meu filho? És tu, meu Luciano? » O Chico Macahé, que já ia marinhando pela corda acima, voltou-se espavorido : « Meu Deus! que faz ahi, Sinhá Maria? Fuja, que ahi vae pedra! Corra, suma-se depressa, mulher! » E como ella estacasse attonita, elle lançou mão de uma pedra para afugental-a. A mãe louca viu o gesto e, pondo as mãos na cabeça, despenhou-se pelo cafesal da grota. Alguns segundos mais e a mina rebentava e Maria sentia cahir-lhe em torno uma chuva de pedras miúdas, em quanto ao longo da pedreira as grandes lascas desabavam fragorosamente.

Maria Sem Tempo cahiu extenuada sob uma grande mangueira no meio do campo. Na perturbação da emoção profunda todas as idéas se lhe confundiram e o desvario completo entrou-lhe na mente.

Era aquillo a guerra e era o seu filho que a fazia contra ella. O homem dissera que era elle e a cantiga a não enganara. Para se encontrarem d'aquelle modo vivera ella tão longos annos, penando pelos caminhos! A' idéa de que pudera ter morrido aos golpes do filho estremecido, um calafrio sacudiu-a toda con-

vulsivamente e por fim as pernas se lhe inteiriçaram. Depois, a necessidade de abandonar toda a esperança quebrou-lhe as derradeiras forças. Uma toalha de gelo expremeu-lhe o coração n'um grito de agonia infinita e Maria Sem Tempo morreu.

Algumas horas depois formava-se uma trovoada e um raio cahia sobre a arvore que abrigava o cadaver. A tempestade passou e os escravos que, voltando da roça, foram vêr o tronco lascado descobriram a morta. Os respingos da chuva lhe tinham coberto o rosto de terra e os olhos esgazeados já pareciam olhar do fundo da sepultura. Um dos escravos se abaixou para lh'os fechar, dizendo : « Coitada de Sinhá Maria! Vá que ella agora descance de procurar o filho!... » E outro, velho, resmungou, sem saber que tão bem dizia : « Esta morreu de ser mãe.... »

Dezembro de 1890.

UM POETA

Á DOCE MEMORIA DE SEBASTIÃO

— Adeus, meu cravo cheiroso. Estuda bem, para eu ficar contente quando voltar. E não te esqueças de que lá na Cidade eu sempre hei de saber noticias tuas. Quando me não escreverem, o coração me dirá....

— A benção, Mãe.... Fico tão triste! Não vá eu morrer agora, sósinho....

— Tu não ficas sósinho, meu amor. Tambem é por ti mesmo que vou, para cuidar melhor de ti, voltando.... Adeus, Sebastião, meu Jesus....

— Adeus, Mãe! Vae ser tanto tempo! Diga aos outros que me lembro bem d'elles.

A canoa já vogava, arfando ao impulso cadente dos quatro remos, abrindo no espelho

azulento da lagoa quieta o largo sulco, que ás vezes tarda mais a apagar-se do que nos olhos os signaes dos adeuses chorosos. Fóra do abrigo do morro, desdobraram-lhe a grande aza branca ao vento da manhã e, meio pendida sobre a borda, ella afastou-se para o largo, para as bandas de oeste, para a outra banda orlada de montes em serra, com casas de paredes brancas alvejando aos primeiros raios do sol, com penedias selvagens recortando o ceu, para os ninhos das tempestades terriveis e dos crepusculos augustiantes, para a Cidade, que nos tira os caros e que nos manda em troca pavores, soffrimentos e agonias.

Sebastião demorou-se um instante, de olhos turvos e bocca descahida, em pé na areia humida da beirada, com o coração afflicto pelas coisas que nunca podemos dizer aos que partem. Depois assobiou aos cães que por alli andavam, affectuosos e inquietos, assistindo áquella incomprehensivel separação, e, mettendo as mãos nos bolsos, dirigiu-se para casa atravez do campo todo orvalhado, em que o sol faiscava.

A manhã não podia ser mais alegre de côr, de luz, de cantos, de frescura. O sol glorioso subia de traz da crista rendilhada do coqueiral

da serra e extendia por cima das grotas ainda em sombra as fachas luminosas, em que as brumas se ennovellavam subindo. O ar, deslocando-se em corrente franca nos boqueirões das serras e nos descampados, oscillava indeciso nos recantos e abrigos, com uns bafejos tepidos, cariciosos, agazalhantes. Sebastião sentia-o cochichar-lhe ao ouvido umas phrases entrecortadas, obscuramente consoladoras, da consolação lastimosa que aconselha o pranto. E á medida que subia o morro, elle diminuia o passo, com um peso de saudade no coração, um amollecimento de creatura abandonada, que não sabe mais o que fazer de si. A meia encosta parou e virou-se para a lagoa: avistou a vela branca já muito diminuida na distancia, a fita alvacenta bordada de verde escuro dos comoros, acima dos quaes se alteiava a espaços a franja scintillante da arrebentação do mar; correu os olhos d'aquelle azul profundo, metallico, ao anilado claro das serras esfumadas no horizonte a oeste, levantou-os ao céu sereno e passado de luz e os abaixou de novo sobre a agua, já toda arripiada e escura, manchada pelos frisos do nordeste soprando fresco. Pareceu-lhe que tudo lhe tremia na visão, as lagri-

mas subiram-lhe á borda das palpebras e o pranto o suffocou. Sebastião atirou-se por terra e mordendo os pulsos para não gritar, sacudido por uma convulsão, chorou a sua primeira grande magua.

Era um menino de dez annos, franzino e descorado, com esse ar de pobreza physica que afflige tanto vêr nas creanças. No seu rosto muito pallido, de feições demasiadamente finas para a sua idade, os grandes olhos mansos se abriam com uma expressão de receio, de humildade e de tristeza. E' que aquelles bellos olhos, muito negros sobre uma esclerotica muito branca, não tinham nunca visto nos outros olhos essa estima que se percebe quasi instinctivamente e que primeiro nos leva em pequenos á consideração de nós mesmos. Sebastião era um pobre menino fraco, ainda mais infeliz por sentir que por tal o tinham e como tal não havia quem lhe desse valor. A nossa vida physica tambem se resente da falta da sympathia ambiente, que parece completar a harmonia das vibrações de que se compõe uma existencia. E as creanças, que se impressionam tanto pelas menores coisas, exigem mais do que qualquer outra creatura esse conjuncto de

interesse, de confiança, de incitamento a crescer, a viver comnosco e da nossa vida, carecem de sentir justificadas as suas existencias pelo nosso amor. Sebastião só tinha a mãe que lhe queria e essa o deixava. Era por uns dias, diziam. Mas uns dias de desamparo affectivo o mal que lhe iam fazer! Quem é que o escutaria, quando elle quizesse conversar, sobre as suas sensações vagas da vida, sobre as suas penas e as suas affeições, sobre as coisas puerilmente profundas que lhe absorviam a mente dias seguidos e o desinteressavam do que mais preoccupava aos outros? Quem o acompanharia na solidão das noites escuras que fazem tanto medo? Quem o consolaria dos máus dias de escola, em que a sua pobre cabecinha desattenta não pudesse aprender a lição do mestre? A mais gente da casa só sabia censurar ou desdenhar. Elle sabia que não era por mal, era porque o não entendiam. Mas justamente a que o entendia no seu coração partia. Cada lufada do vento que lhe sussurrava ao ouvido seria mais um sopro na vela branca da canoa que lá se ia sumindo para as bandas dos Cardeirinhos, mais caminho que a sua saudade tinha de fazer para seguil-a. Vento

máu, que assim lhe pagava as canções que em seu louvor compozera....

Sebastião era poeta, como costumam ser as almas solitarias. Poeta contemplativo, admirativo, a expressão das suas admirações era de uma simpleza primitiva, quasi balbuciante. Não era conclusivo, não tinha idéas em ligação, não tinha fórma intencional, não era artista. Era um exclamativo. E as vagas explicações subjectivas ou comparativas que elle dava das suas affeições completavam-lhe o caracter elementar de poeta lyrico. Só as suas affeições, o que era bom para elle.... Cantava as bellezas da fórma, da côr, do som, do aroma, do movimento, das vibrações sympathicas : as sensações amaveis. Vivia illuminado pela grande claridade do amor mystico da natureza serena, com a pena unicamente de que os outros não sentissem como elle. Porque os outros não entendiam como elle a vida, andava n'aquella lida esteril de ir á escola todos os dias, e alli passar horas escuras, no constrangimento dos esforços de que nada se espera. Obedecia sem impaciencia, sujeitava-se sem revolta, porque era naturalmente humilde; mas soffria por não entender aquillo que aos outros parecia necessario — tra-

balhar para ter mais trabalho em viver, ajuntar, n'uma superposição fatigante, aos cuidados da propria existencia o cuidado das existencias alheias. Se isto fosse egoismo, seria uma contradicção paradoxal n'um coração amoroso. Mas não era egoismo, era sinceridade de sentimento. Elle não tinha vontade sufficiente para impôr á sua affectividade enthusiasmos mercenarios. Percebia o que lhe estava ao alcance, dentro da esphera de attracção da sua sensibilidade. O resto, o mais tinha para elle a não existencia das coisas não descobertas. E para as necessidades affectivas da sua alma, as unicas que elle podia resentir, não via utilidade em andar a descobril-as.

Só a mãe lhe entendia as canções sem metro, de uma esthetica obscura, porque o ouvia com o coração, amorosamente. A's vezes quando ella estava cozendo, sentada na sua banquinha baixa de espaldar entalhado, á sombra da varanda, elle vinha deitar-se no chão aos seus pés e conversavam. A conversa era sobre o que o poeta cantara n'esse dia, o assumpto da derradeira estrophe do seu poema infindavel: sobre a aragem pesada do aroma dos espinheiros em flôr; sobre o adejo lento e sereno das grandes borbole-

tas branco-aniladas, que passavam de encontro á sombra verde das cêrcas tecidas de trepadeiras em flôr, mensagem de paz aos corações aflictos, segundo os entendidos em agouros ; sobre a zoada do mar, que no silencio era como uma multidão immensa cochichando em lingua extraordinaria, cheia de resfolegos e de estrondos ; sobre os colhereiros que á hora do crepusculo passavam para léste e, muito alto, batiam gloriosamente as azas de rosa em pleno sol, quando já estava em sombra toda a varzea ; sobre os cantos da alvorada sylvestre ; sobre o céu e as suas côres....

Um dia elle cantava a larangeira em flôr : « Gosto de ti, larangeira verde, de flôres como o jasmim, com o cheiro ainda mais claro e mais alegre em côr. Gosto de ti com tuas folhas, com tuas flôres, com tuas laranjas que são côr de ouro e tão doces ! No teu galho mais alto o sabiá vém cantar a saudade do sol, quando o céu começa a escurecer... » E a mãe o interrompeu :

— Tu cantas sempre as creaturas de Deus e falas no céu, que é bonito e grande, mas não falas nunca em Deus, que é maior e melhor e mais bonito do que tudo quanto ha.

Sebastião pôz-lhe a cabeça sobre os joelhos e, com os olhos nos d'ella, gravemente, respondeu:

— Ainda sou muito pequenino, Mãe. Quando as pessoas grandes conversam, eu quasi nunca entendo. Deus deve ser para as pessoas grandes, que não têm tanto medo d'elle como eu. Dizem que é Deus quem leva a gente que morre.... Não é para se cantar uma tristeza.

— Tu tens pena dos que morrem, filhinho?

— Tenho.... E um medo de morrer tambem!

—Se tu morresses, meu anjo adorado, seria para ires cantar no céu com os outros anjos a gloria divina.

— Não sei, Mãe.... Ha tanta coisa que eu não sei! Quando me falam n'ellas é que eu penso.... O resto do tempo penso só no que vejo. E é melhor.... Olhe o céu, que, elle só, tem tanta côr e tanta figura differente, desde que amanhece até que não posso mais saber a conta das estrellas, de noite sem lua.... E as nuvens, então, que nunca são parecidas.... Aquellas côr de cobre, reluzentes, que estão de tarde assistindo ao entrar do sol, não são irmans das miudinhas que voam como uma

pennugem branca pelo céu bem azul... Só as nuvens chegam para cantar todo o dia.... Eu não sei pensar no que não vejo, Mãe!

— Porque te distrahes com o que vês e não fazes como os outros que querem aprender.

— Os outros querem aprender e aprendem porque põem n'aquillo o sentido. Mas eu não posso querer....

— Teimando sempre, meu bem....

— Bem teimo, mas custa tanto.... Não sei para que serve aprender. Eu faço mal vivendo assim, Mãe?

Era um grito de coração agoniado. O menino sentia obscuramente que havia qualquer ordem que era preciso seguir como um caminho atravez da vida. E elle era um distrahido, um preguiçoso. Não conhecia o tal caminho, nem tinha o menor desejo de tomal-o. Para ir aonde? A vida extranha sempre faz receio. Porque não ficar como estava, n'aquella serena humildade de ignorante? porque não consentiam que passasse os dias na beatitude contemplativa, sob os céus resplandecentes, entorpecido pela embriaguez dos perfumes errantes, embalado pela harmoniosa vibração das coisas que sem viver nos falam; porque, se não fazia mal, só

de tempos a tempos podia vir pôr a cabeça sobre os joelhos da mãe e esquecer as suas penas?

— Porque o tempo passa e nos deixa atraz, se não trabalhamos, filho.

— O tempo que passa não me leva então, Mãe?

— Antes de ti me levará a mim. Para não soffreres tanto, quando eu te faltar, é que aperto comtigo. Não se é menino toda a vida.

Sebastião se lembrava agora das promessas que fizera á mãe n'aquelle dia e que renovara ainda na vespera da partida d'ella para a Cidade. Eram os tempos duros que vinham. Enxugou as lagrimas que lhe enturvavam os olhos: já não viu mais, alvejante sobre o azul cinzento da lagoa, a vela que lhe levava o coração. Foi como se dentro se lhe apagasse uma luz. Tudo o mais que viu, tirando os olhos d'aquellas bandas, pareceu-lhe sombrio e pezaroso. Os anuns brancos esvoaçavam piando lamentosamente pelas balseiras do brejo. Uma lugubre buzina de pescador soava do outro lado do morro.

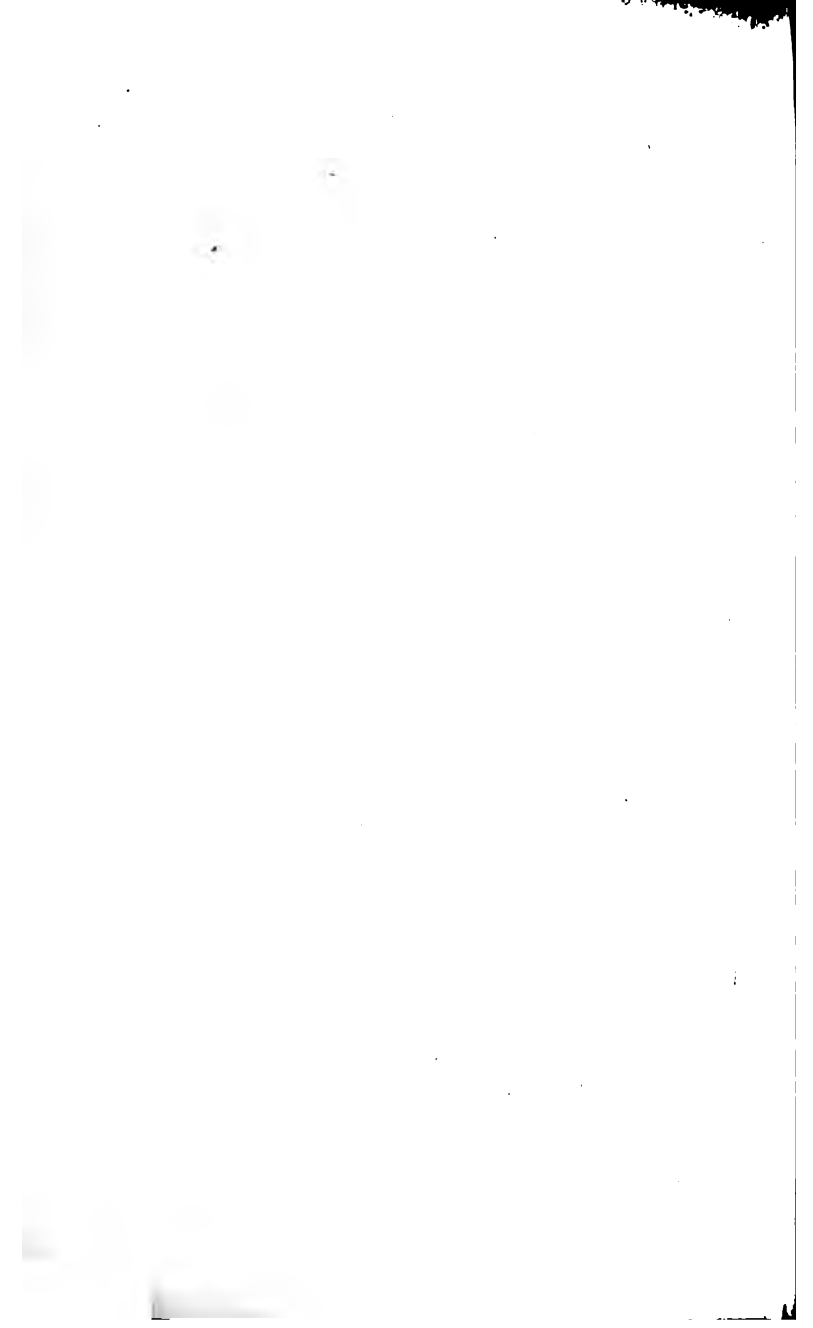
Em casa falavam pouco e discretamente, opprimidos todos pela emoção da partida. Sebastião escondeu-se n'um quarto para chorar.

Lá foi chamal-o o pequeno pagem que o acompanhava á escola. Não caçaram borboletas pelo caminho n'esse dia, e, á hora da lição, Sebastião sabia a sua. Em casa não houve quem lhe perguntasse por isso. Depois do jantar foi trabalhar na construcção do seu engenho movido por areia, que era a admiração do pagem. Era á sombra da grande figueira brava, mas o inverno lhe despira as folhas e o sol passava pela ramagem entrelaçada. Sebastião, sentado por terra, assentava as lascas de bambú, por onde a areia que movia as rodas se escoava. Sentia-se aquecido pelo sol, que o ia entorpecendo, adormecendo-lhe a magua. As palmas dos coqueiros sussurravam mansamente, como um abrir e fechar de leques preguiçosos. Subia uma quentura tremula da terra.

As claridades de ouro, que lhe faziam a illuminação dos sonhos, começaram a brilhar. Mas não era a luz serena das outras vezes; eram relampagos quasi dolorosos de tão vivos, de tão rapidos, de tão carregados de visões. E não eram todas visões amaveis, como as que a memoria excitada evoca nas creanças. Vinham aos pares, uma sombria com uma luminosa, realçando-se, avultando, com uma realidade fati-

gante. Elle começou a pensar no que não via, a sentir o incognoscivel, a soffrer. Teve n'um minuto o cansaço esmagador de todas a fadigas futuras, sem os repousos intermédios, e desejou, com toda a energia de uma aspiração unica, *pediu* que esse espantoso soffrimento lhe fosse poupado. O remedio, que é a fusão no Todo absorvente, não teve desde então mais resistencia á sua acção suggestiva.

Sebastião viu-se de repente de bruços sobre o seu engenho, derrubado por uma vertigem. Levantou-se estonteiado, quiz chamar, um vento forte lhe soprou dentro da cabeça e apagou-lhe tudo. O menino cahiu de costas, com os olhos abertos, banhados de sol, fixos nos céu azul, em que umas nuvemzinhas brancas corriam. Quando lhe encruzaram as mãos sobre o peito d'ahi a dois dias, os que o puzeram no seu esquifezinho choraram. Elle se tinha chorado antes, quando á beira da lagoa sinistra sentira que lhe tiravam o coração. O poeta das sensações suaves não podia resistir ao choque do primeiro pezar. E morreu ignorando a pena de morrer, como quem repousa do mal de viver antes de ter vivido.

Janeiro de 1891

A PSYCHOLOGIA CORRENTE

— ... As illusões sentimentaes, as illusões poeticas da vida, são feitas de ignorancia e de desejo. Notem bem que o desejo é sempre a determinante da illusão : elle é quem se aproveita da nossa ignorancia para afeiçoar a realidade á imagem dos nossos sonhos. Para as necessidades affectivas e estheticas do homem as illusões são preciosas e mesmo quem corre o risco de as perder é mais feliz do que o que as não possue. Entretanto, ha gente cujo officio no mundo parece ser o de destruidor das illusões alheias. Ninguem pensa no mal que faz, obrando assim. Um individuo bondoso e compassivo só em ultimo recurso dirá a um marido que a mulher o engana, a uma mãe que o seu filho acaba de ser esmagado por um carro na rua. Mensageiro de desgostos serios é um

papel que repugna a todo o mundo. Como se todos os desgostos não fossem serios.... Esse mesmo typo compassivo e bom virá sem ceremonia pôr em duvida a authenticidade do meu Courbet ou do meu Corot de cinco mill francos, ou insinuar que a mulher divina que se digna de acompanhar-me á taverna e ao theatro duas vezes por semana não é senão uma vulgar cocotte.... E, por falar n'isto, vamos indo, Suzon, que são quasi nove horas.

Os dois se despediram, tomaram as roupas de agazalho e partiram. Na roda de escriptores e artistas, que quasi todas as noites se reuniam para jantar na taverna Sylvain, na sala do rez do chão, á direita, só ficaram duas mulheres e tres homens acabando a sobremesa, quasi silenciosamente. A sala se esvaziara e o movimento dos criados de serviço cessara. Na mesa que restava, o secretario do *Écho de Paris* lia as noticias da sessão da camara no *Soir* e o Catulle Ferrez revia as provas do seu artigo para o dia seguinte. O terceiro homem sorvia os ultimos goles do café, com muita pausa, os olhos postos no vago, scismando. Defronte d'elle uma das mulheres, a Raucourt, da *Comédie Française*, muito magra e descorada, com uma figura de

santa antiga, grandes olhos meigos, grande bocca sem labios e o toucado e o trajo de uma pobre, discorria sobre o caso de uma amiga commum que naufragava quasi no porto do matrimonio, ao cabo de uma longuissima viagem a Cythera.

— E que cousa ridicula, interrompeu a outra. Porque apanhou-a n'uma mentira innocente, aquelle imbecil de Huguet....

— Não ha mentira innocente! corrigiu a Raucourt.

O Ferrez interveiu :

— Todas as mentiras são innocentes, quando vêm encobrindo ou disfarçando os *embêtements* da vida....

E a discussão travou-se sobre a questão controversa e complicada da culpa, das intenções, da sinceridade, questão de principios, frequentemente attrahida para o terreno dos factos, exemplos pessoaes, casos testemunhados e bem ou mal interpretados. A Raucourt já com um pouco de calor nas faces, apoiada á mesa sobre os ante-braços e inclinada para a frente, falava muito depressa, quasi sem tomar folego, como se dissesse tiradas apaixonadas no theatro. E dava muita vida ás historias que trazia

por documento ás proposições que enunciava, como quem sente e se convence da verdade das suas opiniões. Um paradoxo agudo do Ferrez a fazia pular e encarniçar-se na sua defesa da franqueza na lealdade! As mulheres desconfiam instinctivamente da falta de sinceridade do negativismo dos paradoxos. O outro casal seguia o tiroteio, ora se afastando, ora de mais perto, conforme o interesse das phases da discussão. Mas acabaram todos por perceber que o conviva silencioso não se divertia com aquillo e, a conversa esmorecendo, a Raucourt perguntou de repente :

— E a Laura lhe tem escripto, Bercheux?

Louis Bercheux, pintor decorador quasi celebre, homem de boa companhia e melhor prosa, não estava n'aquelle dia nas boas condições para a conversa. Tinha cuidados. Respondeu que a Laura não tinha escripto e não pegou no fio da conversa. Mas a Raucourt insistiu :

— E' em Bruxellas ou em Amsterdam que ella tem os parentes?

Bercheux ficou vermelho e olhou desconfiado para os lados, antes de responder n'um tom quasi irado :

— Se quer que lhe diga, não sei se é lá ou em outra parte, nem mesmo se a Laura tem parentes no estrangeiro!

— Como assim?

— A Laura é a mentira em pessoa, vocês bem sabem....

— Nós sabemos?

— Vocês sabem, sim! berrou o Bercheux n'um assomo de impaciencia, que fez sorrir o Ferrez. Vocês sabem tão bem d'isso, que não têm feito outra cousa, desde que aqui estamos, senão falar em mentira, franqueza, culpa e desculpa, intenções, psychologias e todo o trem de philosophias idiotas. Cuidam que não percebi para onde atiravam os seus paradoxos. Agora pouco me importa que vocês tenham descoberto a minha miseria de viver no meio das mentiras da Laura. Pensei muito no que disse antes de sahir aquelle animal psychologo do Gérard. Sómente, as illusões que eu tenho sobre a minha amante não são feitas de encommenda, pela medida dos meus sonhos. Eu mal tenho tempo para construir um ideal de mulher, entre tanta labutação do meu officio. As minhas mulheres têm de ser conformes aos padrões convencionaes, finas ou

fortes, de caras energicas, de feições meigas, louras ou morenas, de gestos simples, de expressões pouco *nuancées*, sacrificada a realidade ao servico da symbolica restricta dos meus paineis decorativos. Para isto a Laura chega-me de sobra, que é um bom modelo....

— Talvez seja pelo habito de mudar tantas vezes de caracter, por tomar tão facilmente a *pose*, que ella perdeu a noção da verdade e mente inconscientemente — observou um do grupo.

— A Laura perdeu mais do que a noção da verdade, perdeu quasi a noção de sua identidade. Desconfio que é uma imaginativa, simplesmente. Mas não foi dos seus habitos de modelo que lhe proveiu essa deformação moral. Creio mesmo que foi o que mais me interessou n'ella, essa incerteza a respeito do seu passado e até da sua vida actual, logo que ella se ausenta.

A Raucourt objectou:

— Por curiosidade, tratando-se de uma mulher que passa, isso é admissivel. Mas n'uma companheira de vida....

— N'uma companheira de vida airada, da vida não séria, por mais que o affirmem as

ironias poeticas de Catulle, n'uma camarada de viagem pela terra da fantasia, ninguem póde desejar cousa melhor. Você é uma perola, Raucourt; você é boa e affectuosa e intelligente, artista; mas como é toda coração e sincera antes de tudo, não tem senão uma voz, uma feição, um caracter. Quem não tem caracter é que póde fingir que tem muitos. Assim é a Laura. Eu ás vezes penso se acaso ella não realisa o ideal da mulher que se deve amar, que tenha a unidade na variedade.

— Oh! devasso!

— Sem pilhéria. Quando conheci aquella mulher foi em Aix-les-Bains, ha cinco annos, eu vinha da Allemanha e ella por lá tinha andado. Disse-me que tinha cantado na Opera dé Munich. Discutia Wagner como aqui o Catulle. Tinha os cabellos ruivos, o olhar duro de quem tem uma missão social, a voz cheia de intonações germanicas....

— Você está nos fazendo um retrato barbaro, Bercheux!

— Sem garantir que seja parecido.... Ella tem tido tantas apparencias! Uma vez vi-a com um pequeno no parque. Disse-me que era seu filho e de um marquez siciliano com quem

andava. Uma creada despedida escreveu-me ha dias que o pequeno, que eu acabei por adoptar, é filho da porteira de uma casa em que ella morou na rua des Martyrs, nos seus tempos miseraveis. Tomou aquella creança, por empregar a sua affectividade desoccupada, e por fim o menino lhe embaraçava a vida. Metti-a em confissão uma noite, á sahida do baile da Opera, ao fim da ceia, aqui no Sylvain. Nunca um gabinete reservado de taverna viu tantas lagrimas, nem tão bem choradas. Com as nossas mãos entrelaçadas por cima da mesa, muito tremulos e suspirosos, em um estremecimento delicioso, chorava ella como uma creança, chorava eu como um bezerro. Foi talvez essa a melhor noite dos nossos amores. O creado que nos servia é que fazia uma cara de espanto! Eu nunca tive um tal descaramento de ternura. Para a consolar, disse-lhe que isso me fazia querer-lhe ainda mais. Não sei bem se é isso, mas apeguei-me mais a ella. E agora ando desconfiado de que o pequeno seja mesmo seu filho e que ella tivesse querido simplesmente, confessando-me o contrario, distender os nervos n'uma scena theatral de generosidades encobertas e aproveitar o meu enterneci-

mento para uma declaração de amor. Ha tanta mentira n'aquella vida! Eu acho indecente andar inquirindo do passado e das acções de uma mulher que não é nossa. Acêrca do que ella foi e do que fez não tenho informações certas. Então aceito resignado as illusões que ella me dá....

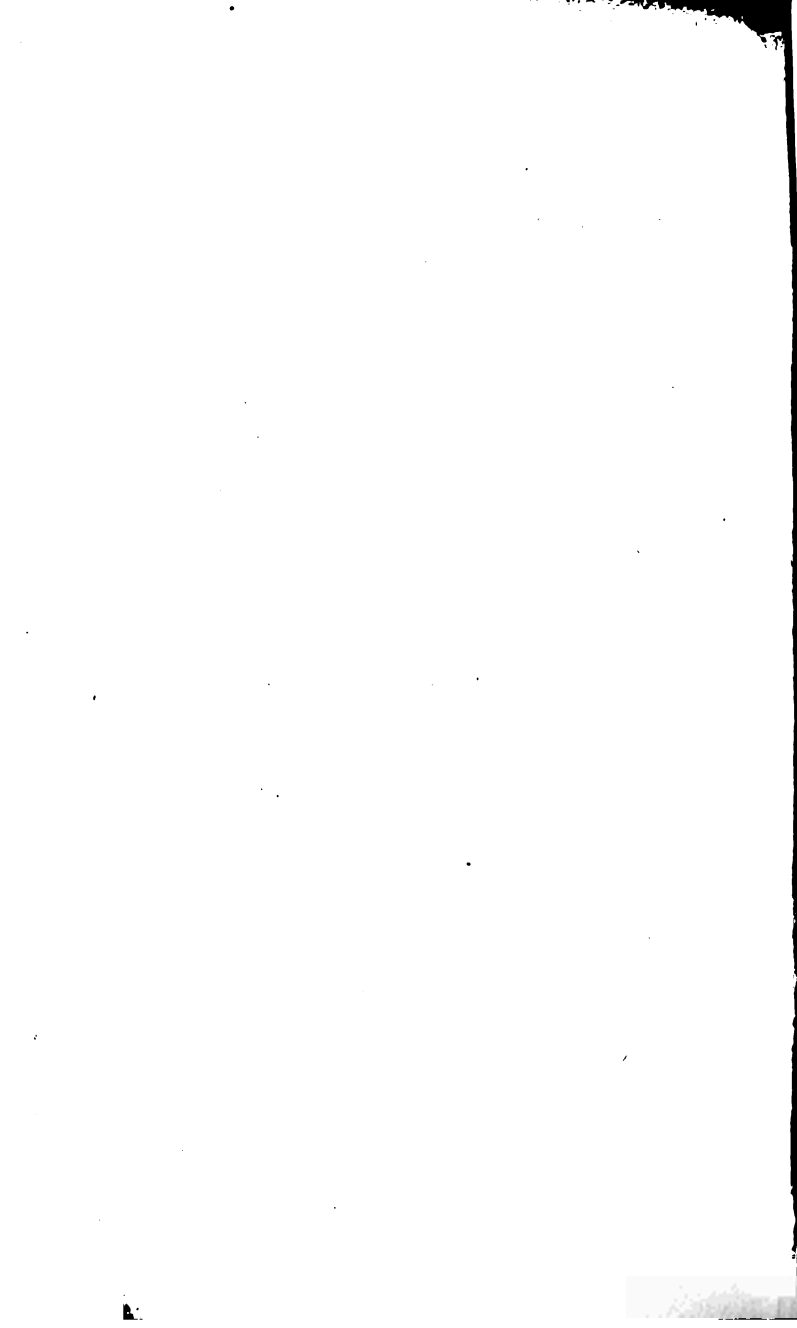
— Resignado, você disse resignado, Bercheux!

— Enganei-me, era encantado que ia dizer. As mentiras de Laura, mudando para mim de cada vez a sua physionomia, fazem d'ella uma mulher de várias vistas, coisa preciosa para um decorador, como vèem. Gosto d'ella por não conhecel-a....

— Não será simplesmente por isso que se chama *um rabicho* que você gosta d'ella?

Levantavam-se todos e os creados vinham ajudar a vestir as capas e paletots. Bercheux pôz cuidadosamente o seu lenço á roda do pescoço e levantou a gola do sobretudo. Mas antes de se separarem, á porta da taverna, elle disse, n'um aperto de mão á Raucourt :

— Talvez seja....

Pariz, 25 de março 1892.

CONTENTE

Todo o homem tem a sua impostura, sympathica ou antipathica, perversa ou innocente, conforme o fundo do sonho pessoal de que ella se originou. Tambem os limites são pouco definidos entre a mania innocente e a impostura orgulhosa. Psychologicamente devem classificar-se do mesmo modo o homem que se attribue subtilezas e finuras excessivas e que vive na repugnancia de tudo o que é baixo e grosseiro, embora indispensavel á vida, e o que brutalisa toda illusão, n'uma apparente insensibilidade á poesia. Impostores uns e outros, differem os dous no modo de o ser. E o vulgo, o profano vulgo, que é de uma sentimentalidade extremamente logica, faz sem hesitar justiça a essas differenças, sympathisando ou antipathisando com os *poseurs*.

E' assim que na nossa roda de *intellectuaes* trabalhamos ha muito tempo, e em vão, para fazer conhecido e admirado o nosso illustre José Vicente. Conhecido e admirado, já não queremos do publico, mas que elle seja dos amigos, dos *outros*, dos não intellectuaes. Mas não pega a nossa estima e admiração, desservida pela propria exageração dos termos por que ella se exprime.

— O José Vicente não é o que vocês pensam, disse no outro dia alguem impacientado pelos elogios que lhe faziamos n'uma roda, — é um balão que vocês têm assoprado e que um dia lhes rebenta na cara.

Protestámos todos calorosamente. E cada um trouxe um novo argumento, um facto documentando a opinião que temos sobre a superioridade intellectual e moral do nosso José Vicente da Cunha Maldonado. Para completar a defesa, o dono da casa contou a historia, fez a biographia simples e sem accidentes d'aquelle typo de homem calmo e contente da vida.

O José Vicente nasceu n'uma fazendola qualquer em Minas, frequentou os cursos de duas escolas no Rio de Janeiro, não chegou a formar-se em nenhuma e, como tinha feito estu-

dos ao lado, estudos de litteratura e de sciencias imaginativas, começou a escrever nos jornaes e a fazer a nossa admiração com a sua prosa cheia de altos e baixos, retorcida, entrançada de cousas sublimes e de banalidades, prosa original, em summa, e que lhe deu bilhete de passagem para a Europa, como correspondente do *Cruzeiro*.

No dia da partida, no tombadilho do *Tagus*, que o levava a Southampton, um dos amigos que foi acompanhal-o a bordo, levado pela emoção propria dos adeuses, abraçando-o á despedida, chorou. E o José Vicente, muito calmo e risonho, disse-lhe que sentia-se orgulhoso de vêr correrem lagrimas por elle, lagrimas de affeição que não pensava merecer, que só agora ia dizer para o que viera ao mundo e que no meio das tristezas da separação partia muito contente....

Contente tinha vivido até alli o José Vicente. Mas o seu contentamento era como uma gratidão á existencia, puramente. O primeiro acontecimento feliz da sua vida tinha sido o annuncio do pagamento da sua prosa a tanto a linha na *Gazeta*. Depois foi a viagem á Europa. Desde então elle não se *descontentou* mais. Creou para

nós o caracter do homem feliz, que não só não se queixa como envergonha á gente de se queixar. E' uma especie de caçador de explicações para as pequenas miserias e contrariedades que nos affligem. E passa como exemplo vivo de estoicismo, impassivel perante os dissabores, os desgostos publicos, sereno, contente.

Soffre muito do estomago, tem ás vezes crises de dyspepsia que o arrasam. Nós lhe dizemos :

— O' José Vicente, você está ficando magro, está desfeito....

E elle com o seu gesto de atirar cuidados por cima do hombro :

— E' uma crise. Ha tres dias não me pára almoço nem jantar no estomago.... Isto passa....

Não sabemos quando passa. E' natural que não passe de todo, porque o vinco da bocca ás azas do nariz se lhe afunda cada vez mais, e as olheiras symptomaticas da devassidão gastrica cavam-lhe lamentosamente á roda dos olhos tristes as sombras em que se enterram as alegrias do olhar.

José Vicente discorre :

— Não sei o que têm os senhores para se apaixonarem por discussões sem fundo e sem sahida. Antes de vir para a Europa, eu tinha

chegado á persuasão de que tudo isto estava liquidado e posto a limpo por aqui. Agora verifico que, em philosophia como em politica, cada homem que pensa se considera um reformador. Mas, por isto mesmo que nós todos sentimos, sinceramente, não vale mais a pena deixar as coisas como estão? Pensemos na maior utilidade que é a utilidade prática das cousas práticas : nós já vencemos o maior inconveniente das cousas defeituosas, que é o nos termos acostumado a ellas; na escada esburacada da nossa vida nós já sabemos os degráus que faltam. Imaginem quantos inconvenientes mais graves, quando nós desmancharmos toda a escada, para refazel-a inteira. Ficamos sem passagem, sem sahida e sem entrada, por uns tempos. Por quanto tempo? Comparada a completa paralysação dos movimentos com a difficuldade actual dos movimentos, o que mais vale? E os senhores sabem que prodigios de gymnastica physica e mental produzem as difficuldades sobre nós, sobre a gente elastica, productiva e capaz de reactividade....

— Fale por si, amigo!

— Falo por mim, que sou um pobre rapaz bem ajudado; falo mais pelos que, como os

senhores, têm força e talento e elementos de bom exito em qualquer obra. A melhor obra é esta da transformação pela melhoria das coisas que nos servem.

— O' José Vicente, então se eu amolar uma perna de tesoura, para transformal-a n'uma navalha, de que preciso?...

O orador não se dignou responder á interrupção e continuou a sua dissertação:

— Nós somos, como as creanças, mal agradecidos, esquecidos do merecimento que attribuimos, primeiro que se realisassem, aos nossos desejos. A ambição do melhor nos infelicita.

— Tu então não és ambicioso?

— Eu, sim; tenho a ambição de conservarme como estou, modestia á parte. Quando a gente atira ao alvo longe, faz na mira o desconto da declinação. No tiro aos nossos desejos ninguem faz esse desconto e se atira direito, sem pensar nos desvios e nas forças perdidas em caminho. Commigo deu-se o contrario da declinação. Eu atirei-me a ser mestre-escola na roça e sahi jornalista em França.

— De sorte que não te importava regressar ao Rio, para ires ser mestre-escola ou outra coisa por lá?

— Não, de certo. Todos os officios são bons para quem os sabe exercer. Não tenho posição de que me desvaneça, nem donde seja decadencia desistir. Aqui, como no Rio, os elementos de socego eu tenho em mim....

— Pois então, meus senhores, uma vez que esta noticia a ninguem aqui é desagradavel, annuncio-lhes que o *Cruzeiro* foi ante-hontem vendido — interrompeu o interlocutor de José Vicente — e que do seu magnifico serviço de collaboração européa só foram conservadas pela nova direcção as cartas do Calamatta na Italia, do Werner na Allemanha e do correspondente financeiro de Londres.

José Vicente levantou-se e chegou-se para a cheminé:

— Como é que você teve a noticia?

— Um telegramma do gerente ao Prince....

— Quem é que fará a correspondencia de Pariz?

— Você, se a quizer fazer de graça. Isto entrará provavelmente nos planos economicos da nova direcção....

— Deixemo-nos de pilhérias....

— Você se zanga, Maldonado?

— Porque Maldonado?

— Porque é o seu nome em primeiro logar e porque n'este momento elle parece assentar-lhe melhor. Ha uma radical triste.... Você não está contente, José Vicente?

— Ora, a surpreza, sabe....

E despedindo-se, sorrindo :

— Pois vou fazer as malas para a minha escola na roça....

Sahimos juntos. Da antecamara, eu, que tinha ficado atraz, ouvi um dos da sala dizer :

— *C'est égal*.... O José Vicente levou um baque....

Na rua caminhámos algum tempo silenciosos e já eu ia começar a falar sobre o novo modo de vida que o José Vicente poderia escolher no Brazil quando elle tomou-me o braço, com a mão tremula :

— Você que tem amigos no Governo não podia me arranjar alguma commissão por aqui, ó Cincinnato?

Fiquei espantado :

— Pretendente? você pretendente, Maldonado?

— Para ficar em Pariz, sim! Pois você lá póde imaginar-me mestre-escola em Minas ou professor no Rio de Janeiro, dando licções nos

externatos, n'aquelle calor, n'aquelle ambiente malevolo, irritante, ouvindo asneiras desde a manhan até á noite, sem estimulo para o trabalho, sem prazer no repouso...

— Oh! José Vicente! e então a sua boa philosophia?...

— A minha philosophia, disse elle com immensa desolação, não é boa senão para os casos de menor importancia, não para mim, nas condições em que me acho. Você não sabe que não posso deixar aqui a Antonietta....

Havia uma Antonietta! Fiquei envergonhado, como se tivesse ouvido uma phrase indecente em roda polida. Era o balão da impostura do José Vicente que me rebentava na cara.

Desciamos a avenida dos Campos Elyseos. Na noite fresca e limpida as linhas parallelas de lampeões de gaz brilhavam como infinitas contas de um collar de ouro. Os ultimos carros voltavam, rodando surdamente sobre a calçada humida, entre o tropel cadenciado dos cavallos de luxo. Os primeiros hortelões entravam na cidade, dirigindo para o mercado os seus carregamentos de nabiças e cenouras. Pariz dormia ou ia dormir. E, ouvindo a historia banal, deprimente, desoladora dos amores ignorados do

José Vicente, eu já o via professor não pago de portuguez nos cursos commerciaes, traductor de rotulos pharmaceuticos, guia interprete de hoteis internacionaes, servente, escripturario, só para não deixar Pariz e a Antonietta. O meu grande, o meu admiravel José Vicente da Cunha Maldonado, prégador de resignação para as afflicções alheias e de quietismo contra o salutar incontentamento que nos aguilhoa, era um miseravel destroço de uma energia que se não fundava em si, de uma reputação que ia desfazer-se mesmo antes de sahir da nossa roda creadora!

Assim foi que vim a conhecer mais um genero de impostura.

Pariz, 7 de abril de 1892.

RECAPITULANDO

As praias do mar largo têm a melancolia solemne da immensidade. D'ellas para fóra parece que o coração se esvazia na visão dilatada da planicie sem limites. Mas, vistas de fóra, desde que surgem no horizonte, ellas dão a mais profunda impressão de tristeza, de solidão e de abandono.

A bordo de um transatlantico, que, vindo da Europa, se approximava da costa do Rio de Janeiro, um passageiro francez fazia esta observação e concluia, explicando :

— E' que de cá de longe não sentimos o movimento e a vida que vae por terra. A melancolia vém d'este silencio....

Outro passageiro ajuntou :

— E tambem do apagamento na distancia dos pequenos traços e accidentes do terreno.

Com taes linhas de montanhas e costas a perder de vista não ha paizagem que se não encha de céu; e o céu é sempre triste.

— Justamente, continuou o francez, que o paiz tem ares de ser bonito e rico. E' pena que d'aqui não possamos distinguir as plantações que cobrem aquelles montes tão verdes. Que é que se planta n'esta região?

Um passageiro que, apoiado á amurada, mirava attentamente a terra atravez de um binoculo, incumbiu-se da resposta.

No seu tempo alli havia cafesaes nas terras desbravadas de pouco. As mais antigas e as baixadás eram occupadas por plantações de milho e outras culturas de consumo domestico e local. Mesmo os terrenos encharcados das varzeas, que do mar elles não podiam ver, eram utilisados para os arrozaes. Era uma rica e prospera terra, em que numerosas propriedades representavam grandes rendimentos, fortunas reaes. O descobrimento de novas regiões mais ferteis, mais remunerativas do trabalho para o oéste de S. Paulo, para a região de Serra Acima, a diminuição consideravel na producção do café, enfraquecido por uma molestia especial, desviaram d'alli as actividades mais efficazes.

Depois vieram as leis successivas contra o trabalho escravo desanimar de todo os que ainda teimavam em luctar com a terra tornada ingrata, com as febres deprimentes. Arruinaram-se os fazendeiros, as varzeas se mudaram em pantanos, por falta do braço passivo e robusto do escravo negro, que as sangrava e expunha ao sol; as estradas largas e batidas de outr'ora, diminuido o transito, se transformaram em trilhos onde, annos atraz. elle pudera viajar de bocca cerrada e amarga longas milhas sem encontrar uma pessoa com que trocasse o bom dia ou boa tarde usado entre a gente do campo. De longe em longe vê-se uma casa em ruinas, de fachada fendida e tecto roto, janellas sem vidros, portas escancaradas sobre a solidão e o abandono. Marcando os limites do antigo terreiro, onde o matto cresce, a linha das antigas senzalas não é mais do que um lamentoso quadrado de entulho, que a vegetação cerrada e exuberante vae encobrindo piedosamente....

Nas proximidades da chegada a um grande porto de escala é raro que a bordo de um navio se preste attenção a discurso que tenha mais de tres phrases. A gente de bordo do *Nile* já conhecia o estylo do Dr. Libanio Rangel, que,

da sua carreira pública como advogado n'uma villa de provincia, guardára o habito das bonitas falas e longas. Chegado a esse ponto do seu discurso, elle notou que não estava mais alli nenhum dos seus ouvintes do principio, e calou-se.

Uma senhora se approximou:

— Que linda situação a d'aquella casinha branca no morro, á beira-mar!

Libanio olhou pelo binoculo. Por traz de uma penedia negra, rompendo em ponta pelo mar, ia-se agora avistando uma linha de collinas que, subindo da costa, prendia-se á grande serra do fundo. E a meia encosta de um outeiro mais proximo, acima de um campinho verde, que bordavam de um lado as altas dunas amarellentas e do outro a escuma das ondas, uma casinha brilhava ao sol, pequenina e branca, como uma garça que alli pousasse do seu vôo ao largo.

O advogado enguliu uma phrase bonita que lhe acudiu e, com os beiços tremulos e os olhos compridos, disse :

— Aquella casa era de uns parentes. Em pequenino alli passei dias de verão, quando á beira-mar era mais fresco do que em terra firme. Que bem pensava eu então que do outro

lado do mar havia mais terras e que eu as teria de ver um dia....

— A sua familia vive alli?

— Não. A minha familia vive no Rio ha muitos annos. As nossas terras eram ou são ainda lá para o fundo, para a serra. A nossa casa dá para o norte e não se vê do mar.

Libanio se enganava. A familia já não vivia no Rio. Quando desembarcou, disseram-lhe amigos que, depois da ultima revolução, sem recursos para continuarem a viver na cidade, os velhos Rangeis se decidiram a vender a chacara no Andarahy e voltaram para os paúes nataes da Manitiba. Não iam refazer a vida, iam acabar na pobreza antiga e no esquecimento.

Ao receber esta noticia, o viajante teve um frio. Viera ao Brasil com a esperança vaga de que lhe elevassem o consulado de terceira classe que tinha na Inglaterra a uma categoria mais rendosa. Mas bem sabia que lhe tinham dado Sheffield porque ninguem se sujeitava a ir para lá por tão pouco. E contava com difficuldades para a sua pretenção.

O que elle tinha mais directamente em vista um acerto de contas, que trazia como consequen-

cia um pedido de dinheiro ao pae. O inverno lhe tinha sido tão duro ao poker e ao baccarat! E a pobreza da familia, de que só agora positivamente o informavam, tirando-lhe a esperança de *acertar* as suas contas, o enchia d'esse vago remorso que vém da comparação da prosperidade propria com a situação infeliz dos seus proximos mais caros. Entre Sheffield com oito contos, e o Pindobal, com o *Deus dará*, Libanio sentia uma odiosa differença da fortuna em seu favor. Voltar para a desolada Manitiba, onde nem mesmo em tempos prosperos sobejaram alegrias e hoje tornada n'um baldio ingrato, parecia-lhe uma sahida tragica como uma retirada de vencidos.

Na mesma hora telegraphou para casa e de noite tinha a resposta :

« Velhos bons contentes esperamol-o domingo. *Maria.* »

Partiu no dia seguinte, sem attender aos seus negocios e aos convites.

Na estação do caminho de ferro local entregou a mala a um homem que lh'a levasse e alugou um cavallo em que fizesse as duas leguas que ainda o separavam dos seus. O cavallo não sahia do passo de marcha ou do meio galope

quando o estimulava, andaduras tão differentes dos seus bons tempos de trote ao longo d'aquellas estradas inglezas, que são como alamedas de um immenso parque. Aqui eram os conhecidos trilhos, marcados pelos cascos dos animaes, procurando sinuosamente as encostas e os logares enxutos. E a gente que encontrava, pobre, humilde e silenciosa, toda gasta de annos e trabalhos, parecia andar por alli como por terra extranha de degredo.

Libanio ia perdido no mundo de recordações desencontradas, várias de fórma e sentimento, que fazem cortejo ao peregrino dos logares onde lhe correu a infancia. Aspectos familiares da paizagem, aromas de flôres, pios e cantos de passaros, vibrando profunda e longamente na memoria, enchiam-lhe o coração com transposições e anachronismos de sensações, que o perturbavam.

A impressão definitiva era desagradavel : o homem novo antipathisava com aquellas sensibilidades antigas, vagamente amollecedoras da sua individualidade actual. Entretanto, não conseguia libertar-se do encanto de se mirar no espelho magico do passado, com a melancolia piedosa de quem suspira uma elegia.

Já começava a ver as grimpas da serra de Manitiba, por traz dos morros encapoeirados que a estrada contornava, quando avistou, subindo da baixada por um atalho, uma cavalleira que vinha direito a elle. Pendida para a frente e sacudida pelos arrancos do cavallo galgando o declive rapido, o seu busto magro dobrava-se e se indireitava, como n'um aceno insistente. Emergindo da sombra, o sol deu-lhe nos cabellos brancos em bastos tufos sob as abas do chapéu redondo. Tinha os olhos claros e amaveis e vinha sorrindo. Libanio levantou o chapéu e, meio desconfiado, ia tomando á direita, quando ella estacou o cavallo :

— E' então esta a voz....

Libanio deu um grito :

— Maria !

Largaram as redeas ao mesmo tempo e se abraçaram.

— E' então esta a voz do sangue, continuou ella, que o deixa passar por uma cavalleira na estrada sem reconhecer a velha coruja da sua irman ?

— Que bem podia eu pensar....

— Estou tão mudada assim ? Não fazem tantos annos....

— Na cidade era differente, Maria... Na cidade era differente. Lá passamos mais tempo e os sitios não eram interessantes. A gente vivia fóra dos logares...

— O que é que você está dizendo....

— Estou dizendo que ainda agora, ouvindo um duetto de capitães do brejo....

— Você ainda se lembra dos capitães do brejo tão trabalhadores, um que serra sempre e outro que rebate barris!

— Ouvindo os capitães do brejo, não sei por que lembrei-me de você....

— Pois não era natural?

— Lembrei-me de você, por qualquer coisa em que você entrava com elles nas nossas conversas do outro tempo. E menos me admiraria de vêl-a agora na sua saia curta e com os cabellos em tranças....

— Não. Soltos pelos hombros e louros. Louros é que elles eram, debaixo de uma grande touca branca. E os meus olhos eram azues, para ser completo o retrato da menina ingleza. Ai! Libaninho... pois algum dia você me viu que não fosse de cabellos brancos e assim montada n'um pangaré pelludo, para lhe vir ao encontro e você me não conhecer? Quantas Marias

tem havido em mim desde o tempo esquecido em que os capitães do brejo nos interessavam mais do que pessoas sérias? Agora só resta uma que aqui está, magra e secca, e pouco séria como sempre, e sua amiga *all the same.*

— E Papae e Mamãe como vão?

— Assim.... Bem.... Dormem bem de noite e de manhan começam a conversa pelos sonhos que tiveram. Falam de gente já quasi toda defunta e se divertem com as mesmas anecdotas. Estão ficando um pouco esquecidos.

— Os serões devem ser longos.

— Não muito agora. Papae anda interessado com a questão da Armenia. Palpita-lhe que vae voltar d'alli a questão do Oriente, que elle sabe tão bem. Quando você estiver com o correspondente do Jornal diga-lhe que nunca se esqueça de fazer umas considerações sobre a politica de Bismarck e de Gortschakoff. Nós depois discutimos tudo isso lá na Serra....

— Vocês foram para a Serra e não me preveniram.

— Para que affligil-o, se não havia remedio? Não podiamos continuar na cidade.... A gente que comprou a chacara ficou avisada para nos mandar as suas cartas.

Seguiram conversando. Quando deixaram a estrada pelo caminho da Serra, Libanio ia cheio de piedade e de respeito, commovido religiosamente. A irman, que o precedia, falando como quem abre o coração depois de um longo silencio, voltou-se um momento e viu que elle tinha os olhos rasos de agua. Sorriu affectuosamente:

— A tarde está bonita e esta solidão é melancolica, emquanto a gente se não acostuma....

Subiram calados o caminho ingreme que levava á casa, onde os velhos os esperavam no terreiro.

Passaram aquelle serão conversando, e o dia seguinte, e ainda o outro.

Durante essa aturada troca de noticias e de impressões, em vão esperou Libanio uma palavra da irman que revelasse o descontentamento d'aquella vida, o peso da solidão, a falta de conforto e o desespero de mudar de sorte. O silencio intoleravel de certas horas na casa sem vizinhos e sem creanças, perdida n'um recanto da serra e olhando para leguas de paizagem que o mar immenso limitava ao fundo, devia acabrunhar-lhe a antiga alegria corajosa, que n'ella era musical e activa como de um passarinho.

E Libanio considerava que ainda não tinha

ouvido a irman cantarolar sequer como n'outro tempo. Tambem lhe pareceu que seria desafinar.

Uma manhan, depois do almoço, os velhos conversavam na varanda e Maria, no lado de fóra, pintava sobre uma tira de seda um ramo de verbasco apinhado em botões e flôres côr de rosa. O sol subia no céu sem nuvens. O reflexo esverdeado de uma latada ao pé dava ao rosto da pintora absorta uma expressão de velhice triste nos olhos pisados, nas rugas miudas das temporas, na bocca que se ia murchando dolorosamente. Como o sol lhe começasse a dar importunamente sobre a pintura, ella levantou os olhos para o céu e murmurou pensativa :

— Cada dia sua vida....

Libanio sentiu o coração afogado de uma infinita piedade e sem saber o que dizia, pelo impulso de soccorrer áquella afflicção, perguntou :

— Maria, quer você viver commigo?

Ella teve um sobresalto :

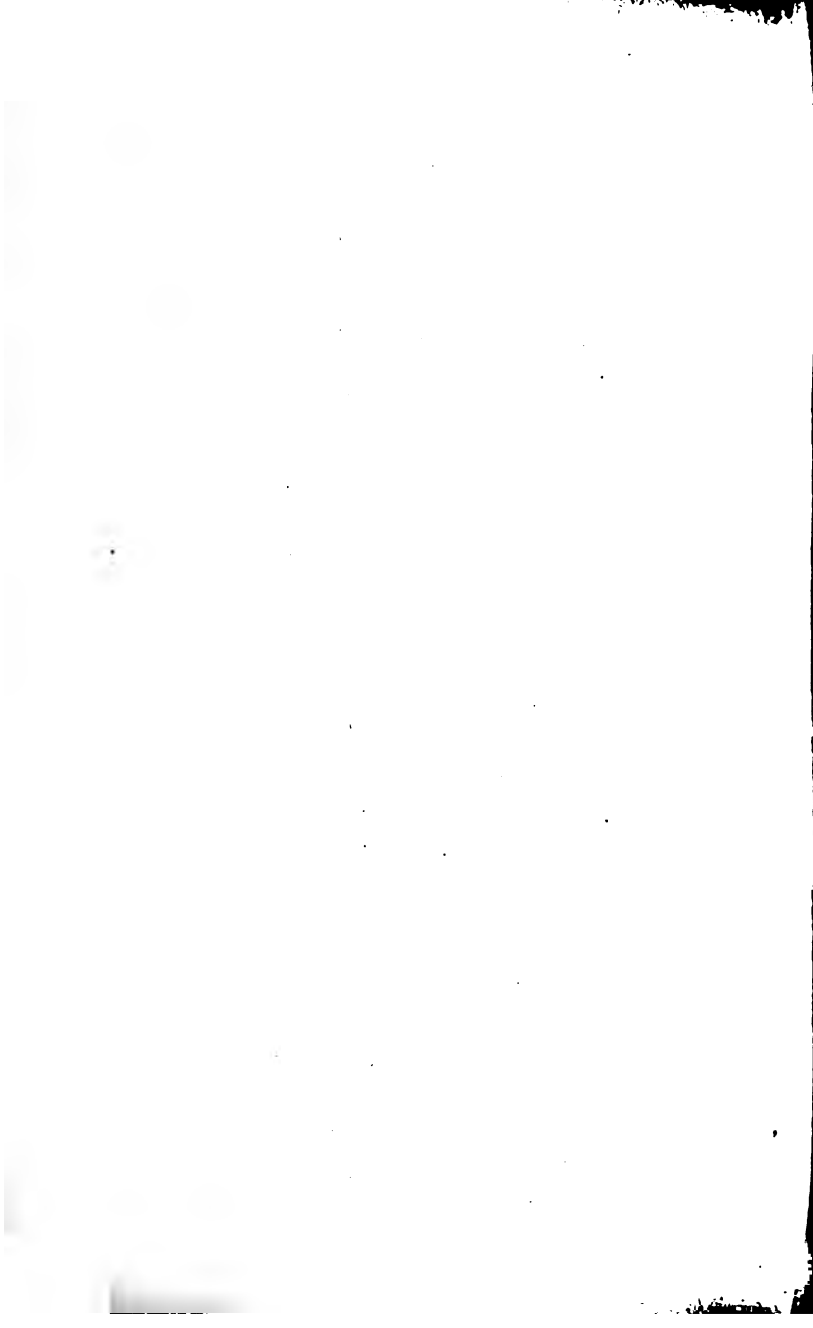
— Quem? eu? sahir d'aqui?...

Fez uma pausa e, mais calma :

— Aos quarenta e cinco annos! Eu tenho quarenta e cinco annos, Libaninho....

A solteirona atirava os seus quarenta e cinco annos á frente, com uma quasi vangloria de octogenaria. Depois, coçando o lóbo da orelha com o cabo do pincel, disse, pendendo a cabeça e abaixando a voz :

— E aquelles dois velhos alli para enterrar primeiro....

Rio, 13 de outubro de 1895.

MEU MOLEQUE TOBIAS

Certas historias têm só a graça de quem as conta, pelo sentimento vivo e pessoal da pilhéria das situações. Casos de pretos referidos por europeus liberaes e cultos são perfeitamente desenxabidos. Não ha como um antigo fazendeiro para exprimir o comico de negros tirados da sua condição. Tambem esta anedocta não vém senão como illustração do pouco que valem perante os appetites e impulsos da bestial natureza todas as considerações de raça, de apuramentos de civilisação, de nobreza e melindres de sentimentos finos. E fóra do que representa em comédia, ella tem o relevo e o pittoresco de um estudo violento em preto e branco, « em preto e branca », como diz o proprio Itapuca, com quem se passou o caso. Além de que é umas das tantas *coisas de Pariz*, de que não falam os

chronistas e os viajantes e que, se não contribuem para o prestigio poetico da cidade da arte e do prazer, tornam em todo o caso mais familiar e accessivel ao timido extrangeiro a sua physionomia.

O Barão de Itapuca é um filho de senhor de engenho, que, apezar dos seus trinta annos de Pariz, não perdeu os preconceitos contra a raça inferior de pelle escura e cabellos encarapinhados. E' um homem do mundo, de fina educação, extremamente polido e com as mulheres mais do que polido, cheio de galanteria. No emtanto nunca teve grandes successos por esse lado. Talvez o achassem pouco exotico ou não bastante natural. E' o caso que nunca lhe veiu o que se chama uma paixão feliz, uma intriga que não fosse venalissima e ordinaria. Homem intelligente, elle daria um geito á coisa, mudaria de rumo, entenderia que vinha de si o embaraço á sua boa fortuna em amores. Mas o Barão era mais vaidoso do que intelligente; sentia-se merecedor de melhor e só attribuia á estupidez ou á grosseria de sentimentos das mulheres a sua isenção para com elle. Quando o punham n'esse assumpto era inexgottavel. Dizia que tinha experiencia e documentos para

provar que a mulher é um animal vicioso ou doente. O que elle tinha era uma má ventura que chegava a ser ridicula.

Quando o conheci foi como requestador de uma linda mulher de meia virtude, a quem dava festas, joias e ás vezes mesmo o braço em publico. Para um homem do mundo, correcto e conveniente, era isso uma cegueira de paixão. Pois nunca ninguem soube se d'ahi passaram a maior intimidade as relações entre o barão bahiano e a bella impura.

De repente elle desappareceu n'uma viagem, por muitos mezes, um outomno, inverno e primavera. E quando voltou, para as ultimas festas da estação pariziense, não vinha mais gordo, como sempre acontece a quem volta. Os amigos lhe acharam mesmo um ar mais triste, como desanimado. Nas corridas do Grand Prix o elegante Barão tinha uma gravata absolutamente sem caracter. E falava inopportunamente das coisas que vira em viagem, do Oriente, da Grecia, de Constantinopla, com phrases velhas, surradas, desbotadas pelo uso dos Baedekers. Como não era eloquente, sentia-se bem que não era sincero. Uma noite um amigo de club declarou : « O pobre do Itapuca

tem uma mola quebrada. » E outro caritativamente explicou: « E' o que se ganha em ver coisas velhas e mortas; a gente visita ruinas e mette o coração n'um sarcophago, para entristecer os companheiros. »

Andava de luto o Barão. Jantando juntos no Ledoyen, elle me explicou que o luto era por um parente longe, mas que servia para justificar a sua apparencia triste e desconsolada. E antes que eu tivesse de ser indiscreto, n'uma necessidade de expansão imposta pela doçura do céu á hora do crepusculo, n'aquelle canto de jardim cheio de roupas claras, de arvores, de flores e de rumores alegres, o Barão confiou-me a sua pena secreta:

— Tive um grande desgosto em ser repellido por uma mulher que por fim de contas acabou preferindo o meu moleque.

E como eu mostrasse não entender:

— A Leonidia tomou-me o meu moleque Tobias...

— O seu copeiro?

— Sim, o pagem que meu tio creou para mim no engenho e que eu trouxe para a Europa ha cinco annos.

— E' uma bonita peça.

— Antes da abolição valia um conto e quinhentos, ou um conto e oitocentos. Hoje não tem preço para a Leonidia,

— Foi em sua casa que ella o conheceu?

— Não. Elles se conheceram sem apresentação. O moleque era pernostico, mas servia bem. Mandei fazer para elle um fato claro e dei-lhe um chapéu branco. Com isso e uns cobres para pagar um passeio ao Bois, em carro de *remise* e um aperitivo, o Tobias n'um dia de sahida conquistou a minha insensivel, no café da Cascata...

— O *coup de foudre*, então?

— Vicio da mulher... O moleque é pernostico; eu lhe disse : sente a integridade dos seus direitos de homem, de macho tambem. Nem admira que não tenha escrupulos; isso é bom para civilisados. Roubou-me a amiga, como me roubaria um luiz....

— Suppuz que elle fosse de confiança....

— Era, era.... Estou sendo injusto.... O moleque fez o que muita gente de bem faria.... E' preciso convir.... A preferencia da mulher é que se não explica.

— E então as affinidades electivas, seu Barão?

Elle sacudiu a cabeça, enervado, com

uma ruga de desprezo nos cantos da bocca.

— O peior foi que o moleque começou a sumir-se de casa, a sahir sem licença e ia perdendo a vergonha. Eu acabaria por lhe dar pancadas, suppondo-o mettido na calaçaria.... Até que uma noite me disseram no Nouveautés que a Leonidia estava n'uma *baignoire* gradeada com o seu novo senhor, um principe africano, o principe de Bahia. Esperei á porta do theatro e vi sahir o Tobias com a Leonidia pelo braço. Era elle o principe de Bahia....

Tinha-se aproveitado de sahir, para levar ao correio um convite á Leonidia para jantarmos juntos d'ahi a dias e ficara por lá, deixando-me sem resposta, e sem ter quem me servisse á mesa. Quando me appareceu no dia seguinte, eu; que não tinha podido dormir a noite toda, n'um assomo de ira, dei-lhe tres bengaladas.... Depois me arrependi, por que elle se humilhou e chorou muito.... Tomei então uma grande resolução : excepcionalmente, porque não trago mulheres para casa, mandei dizer á Leonidia que o jantar era em minha casa e que, para quebrar a monotonia do tête-à-tête, nós teriamos a companhia amavel do principe de Bahia.

— Então ella não sabia?

— Não sabia.... Veiu antes da hora. Conversou muito graciosamente, fez grandes gastos de amabilidade quasi terna.... E estava em belleza, animada, *en train*.... Quando eu pensava que tudo aquillo era só com a idéa de vêr o meu moleque, tinha um engasgo, que me cortava a palavra.... A conversação se resentia do meu engasgo.... Afinal abriram as portas da sala de jantar e eu offereci o braço á dama e a levei para a mesa. Assim que se sentou, ella não poude ter em si que não dissesse, muito desapontada « Mas eu pensava que seriamos tres.... — Pois somos tres, respondi-lhe. O principe de Bahia está atraz da sua cadeira. » Ella virou-se bruscamente e, reconhecendo o Tobias, de farda verde, com os meus botões, e luvas brancas de servir, teve um faniquito. Mas voltou logo a si, sentindo as mãos do negro, que a seguravam na cadeira. E desatou n'um pranto, hysterica, doida, pegando-se com elle, sem vergonha de mim, chamando-o de Ruy Blas e não sei mais que tolices.... Vê o senhor, seu Rodolpho; são os poetas que nos estragam a vida, com as suas patacoadas romanescas.... Para dar fim á scena, eu lhe disse que se acalmasse, que eu lhe emprestava o principe de

Bahia por uns mezes, emquanto eu ia viajar. Ella teve um grito de alegria; queria leval-o logo, para gozar d'elle, como se fosse a primeira vez. Pedi-lhe então que m'o deixasse o tempo de lavar a louça e limpar os talheres depois de jantar, que elle de resto serviu com muita diligencia e cuidado. Embebedei-a de champagne, para apreciar todo o descaramento da sua paixão, que ella me contou com expressões sinceras e sem preparo, d'essas que remexem a gente como nenhum romance o póde fazer. Entretanto, bem estudado, aquelle estado d'alma, que eu qualifico de monstruoso, dava para um livro interessante....

Por fim, arrumada a casa e o moleque vestido á burgueza, com algum dinheiro que lhe dei para sustentar por uns tempos a posição, levei-os ao carro e despedi-me d'elles nobremente. A ultima coisa que vi foi, no escuro do coupé, os dentes brancos do negro que brilhavam. Era ella naturalmente que lhe fazia cocegas....

Parti em viagem durante oito mezes, andei estudando coisas antigas para esquecer as coisas do presente; e afinal voltei, quando suppuz que estivesse curado do meu sentimento e a Leonidia do seu capricho, porque não queria

tomar outro creado, em chegando a Pariz. De Vienna mandei-lhe um telegramma, para que o Tobias fosse arejar a casa e preparar tudo para eu entrar. Tive uma decepção chegando. Ninguem me esperava. A casa cheirava a mofo. Não havia jantar prompto. Fui para un hotel, continuando em Pariz a viagem de longos mezes. E quando quiz tomar o Tobias á amante, ella o recusou e elle mostrou-se insolente. Como seria ridiculo insistir, deixei-os.... Mas fiquei sentido.... Nunca a gente faça o bem... E olhe, alli vêm os dois.

Voltei-me. Entrava a Leonidia, radiosa de belleza e de frescura, pelo braço do copeiro do Barão. Um *maître d'hôtel* foi guial-os á mesa que lhes estava reservada, n'um bom logar, meio escondida entre as flôres da varanda. Os dois sentaram-se amorosamente, ao lado um do outro, sentindo-se, risonhos, embevecidos.... O Barão olhava, com uma admiração melancolica, e não poude deixar de responder com uma mesura ao gesto amigavel que a linda creatura, descobrindo-o afinal, lhe enviou na plenitude de sua felicidade.

N'essa occasião eu explicava :

— Seu Barão, é talvez a catinga do preto,

cebola crúa pisada em vinagre, um fartum que entontece...

— Não, disse o Barão, meditativo — é o amor !....

E eu puz-me a pensar se seria a ultima viagem ou se seria o soffrimento que déra a sabedoria ao antigo dono do moleque Tobias.

Pariz, 4 de julho de 1892.

NHOSINHO

— Ha gente de imaginação preguiçosa, ha gente de espirito vazio, que diz que o mundo é chato e monotono... Quando, em vez d'isso, sem sahirmos de nós mesmos, de nós e dos que mais suppomos conhecer, quanto recanto temos cá dentro em que a alma verdadeira se esconde... E' grande o mundo interior; ás vezes não é voluntariamente que a alma se perde n'elle e demora em revelar-se ao nosso conhecimento. A senhora acredita que ha hypocrisia voluntaria, intencional, que dure annos?

— Lá sei... Você está dizendo tanta coisa que mal posso acompanhar, pensando em outras, differentes... Nem me disse ainda quando torna a partir...

— D'aqui a quinze dias, pelo vapor francez.

— E agora por quantos annos? quem sabe se nos tornaremos a vêr...

— Em oito ou dez mezes estou de volta, as viagens agora são faceis.

— Para quem quer bem aos seus! Eu já tenho medo de que toda a partida seja de uma vez, como aquella que me vai consumindo de pena, de saudade, de remorso... e de odio pela ingratidão, se eu pudesse ter.

— Nós andamos gyrando á roda do mesmo toco, e a senhora diz que me não acompanha, que pensa em cousas differentes. Era justamente do seu marido que eu lhe queria falar, D. Balbina.

D. Balbina parou meio minuto, enterrando os calcanhares na areia e pesando com força sobre o braço do companheiro. Accendeu os olhos e abriu a bocca para falar, mas logo apertou os beiços e, com um suspiro, retomou o passeio ao longo da praia.

Atraz vinham meninas e rapazes, alegres e ruidosos, brincando ás carreiras pela beira do mar, á hora doce do poente. O sol muito baixo no horizonte faiscava em cada grimpa de vaga, verde e ouro sobre o azul profundo e transparente. Ao largo, destacando-se em branco

brilhante sobre o céu esverdeado do sul, corria um barco á bolina, todo o panno fóra, deitado sobre a vaga, aproveitando o vento fresco de léste. As ultimas canôas de pescadores voltavam, espaçadas ao longo da costa como as garças que tambem áquella hora, manchas rosadas passando sobre a opala cambiante do crepusculo, recolhiam-se aos pousos.

E o par silencioso e pensativo — velhice desconsolada e gravidade prematura ou fadiga do mundo — caminhava para o nascente, sobre a areia secca e gemente a cada passo, precedida pelas sombras que se alongavam, desmedidas e informes, oscillantes. Ao fim da praia, sobre os primeiros degráus da escada natural, que pela penedia dava accesso ao morro, sentaram-se os dois. Do sol, que mergulhava no oceano, vinha até elles um immenso rastilho fulgurante. A curva praia arenosa córava toda á luz da hora. Para lá dos comoros e das lagôas còr de aço, ao norte, as serras muito limpas passavam do azul pallido ao violeta escuro. O mar zoava, estrondava, tinha pancadas e pausas, como se falasse contando alguma historia monotona e obscura, interminavel.

D. Balbina esteve uns minutos de olhos parados, scismando. E, finalmente, quebrou o o silencio oppressivo :

— Aqui n'este logar, uma noite de outubro, em que eu me queixava de o sentir sempre tão longe de mim, que era como se não vivessemos juntos, elle, beijando-me as mãos, n'uma grande ternura, jurou-me que não tinha outro pensamento que não fosse o de estar sempre ao pé de mim, que eu era o seu repouso e o seu abrigo, que no meu coração ia descançar de tanto que peregrinara pelo mundo, que ainda lhe não tinham sarado as maguas que trouxera lá de fóra. E parecia sincero, enganava-me tão bem que, escutando-o, eu chorava, de felicidade. Eu julgava cumprido o meu destino, sanctificada a entrega que de mim fizera em corpo e alma áquelle homem, completa, bemdicta entre as mulheres, eu... Foi talvez por tocar n'esse momento á absoluta felicidade, que não tardou para mim o acabamento de tudo. Menos de oito dias depois d'aquellas juras Nhosinho foi fazer uma viagem á Bahia e nunca mais voltou Quando se passou um mez sem carta d'elle, assustei-me pensando que lhe tivesse acontecido alguma desgraça. Mas depois

que soube, por um conhecido que o viu em Pariz, que elle nem sequer mais falava a nossa lingua, que nada do Brasil lhe interessava, nem mesmo a mulher que aqui abandonou e que nunca deixou de ser tão boa para elle, cahi n'esta desolação em que você me vê. Dizem que coração de mulher não se engana — e como é que o meu se enganou tanto, que ainda acaba um dia por perder a minha alma, de desespero?

— Não foi o coração...

— Tristãosinho, interrompeu ella resolutamente, onde foi que você o viu? O que foi que elle disse de mim ou para mim? Não é por esperança, que oito annos de agonia foram de sobra para me atormentar. Mas você sabe que o gozo da saudade é remexer em sepulturas : mostre-me o esqueleto da minha felicidade de um dia, da minha illusão mortal... Ah! Senhor meu Deus — terminou ella em um pranto — porque ha de haver mentira no mundo, para nos matarem com ella os que amamos?

— Não é de mentira o seu caso, D. Balbina, é de incompatibilidade de destinos, é de impossibilidade de conciliar aspirações. Nhosinho não era homem para se fixar n'uma fazenda, a

trabalhar como um sedentario. Ha fatalidades organicas, heranças ou não sei o que : o caracter d'elle é de nomade...

— E' de mentiroso... Não me convença não, Tristãosinho! Diga-me onde foi que o viu.

— Em Aschaffenburg, n'uma encruzilhada de caminhos de ferro na Allemanha. Eu vinha do sul, elle ia para léste. Sahindo do *buffet* da estação, ouvi alguem que cantarolava uma cantiga de tropeiro :

> Vou-me embora para Minas,
> Sete annos, por meu gosto,
> Para vêr a Dona Rosa
> Com que agua lava o rosto.

— Todas as Donas Rosas a que elle tem ido vêr lavar o rosto, por esse mundo... Eu conheço a cantiga que elle cantava á viola. Depois?

— Depois... elle me não conheceu. Estava com um joalheiro polaco de Campinas, e tomaram juntos um trem, que partiu logo. Mas no verão seguinte encontrámo-nos n'uma festa perto de Pariz, em Bougival. Eramos muitos brasileiros de varias edades. Emquanto os ou-

tros remavam, n'um grande alarido de risadas, cantigas e gritos, nós viemos pela beira do rio, conversando. Falámos de paizagem, de terras que conheciamos e, só quando referi-me a esta que ninguem póde esquecer elle se retrahiu e desviou habilmente a conversa. Mas de noite, depois do jantar, sentados a uma mesa da varanda do Bal des Canotiers, olhando as danças desordenadas dos outros, elle abriu o coração, explicou-me o seu caso. Nhosinho não póde viver n'um só logar. Desde menino teve a imaginação muito viva e, para contentar as curiosidades d'ella, sentia-se capaz de viver no mundo inteiro. E a gente de imaginação viva colhe o dia que passa e não póde edificar para o futuro. Elle me contou que, muito mocinho, fugiu da casa da mãe e foi pedir dinheiro emprestado a um tio para ir com prar mulas nos campos do Paraná e trazel as a Sorocaba. Era a vida errante e independente que começava. Até aos vinte annos rolou pelos caminhos longos mezes cada anno, para vir depois gastar no Rio o producto do seu trabalho, com as francezas, com as cantoras italianas e com extrangeiros. Do contacto com elles tirou Nhosinho a finura do tracto, que

captiva, e cultura para a imaginação vagabunda. Depois casou-se e foi fazendeiro. A senhora sabe como elle se arruinou em busca da vida de luxo na roça, com festas de estrondo, com emprestimos perdidos, com a desordem na administração dos seus bens. Pouco antes de entregar tudo aos credores, a mulher morreu sem deixar filhos. Era uma liquidação completa. Nhosinho, como se nada tivesse havido, recomeçou a negociar em animaes. N'uma das suas passagens por aqui, a senhora o hospedou, interessou-se por elle, pela sua vida errante, pela barba loura, pelos olhos azues, pelo falar macio do bandoleiro. E agazalhou-o carinhosamente, tanto que n'uma das suas idas e vindas elle achou tempo para pedir-lhe a mão, que a senhora se apressou em dar-lhe. Fixou-o de novo. Mas, logo que veiu a crise das migrações, a ave errante começou a alvoroçar-se e um bello dia, mais violentamente seduzida, aproveitando uma boa occasião, abriu o vôo para as terras sonhadas, da vida intensa e variada, solitaria na multidão. O peior é que no mundo a gente não possa viver á sua guisa sem ferir alguem. A nossa independencia é sempre paga com o soffrimento dos que nos

são caros. Alli em Bougival, n'aquella mesinha de taverna suburbana, entre a alegria dos bailantes meio ébrios, disse-me elle que o seu unico remorso era a senhora, que não ousara jamais escrever-lhe por sentir-se absolutamente culpado no seu ponto de vista, mas que a fatalidade era não poder justificar-se dizendo-lhe o que era, em definitiva. A mim explicou elle longamente o seu caracter, bohemio e inquieto na vida civilisada. Contou-me as delicias do viver sósinho, tranquillo entre as inquietações dos outros, sempre completo, como o sabio antigo, e mais feliz com a variedade dos contactos do que outros com a quentura do ninho familiar e patrio. Expôz-me desenvolvidamente a theoria d'esse orgulho de bastar-se a si mesmo, absorvendo ainda um pouco dos outros pela attracção de homem forte. E, se tinha feito mal á senhora pelo arrancamento affectivo, isso mais podia attribuir-se á fatalidade que a pôz no seu caminho. Porque Nhosinho é como o vento, que mais se sente quando mais forte sopra e perigosamente.

— Mentira! mentira! — gritou por fim D. Balbina — tudo isso é muito bonito, mas é mentira... Diga-me com toda a franqueza,

como se não se tratasse de mim: a companheira d'elle — Nhosinho não póde deixar de ter uma companheira — franceza, ingleza, d'onde fôr, era moça e bonita, pois não era?

— Era... era uma qualquer.

— Não, não era uma qualquer, meu filho, porque era a mocidade; não era como eu, que sou, que fui para elle a velhice. Uma vez que entrámos n'este assumpto, você me perdoará o impudor de contar-lhe intimidades, como a um confessor: — na noite das suas juras foi que Nhosinho sentiu-me velha, physicamente indigna da sua ternura. Elle tinha bastante pratica de mulheres para não sentir em mim, com a bocca e com as mãos, o desmerecimento dos quarenta annos passados. Mas como não hesitou, como a sua bocca continou a ser de mel e eu não podia vêr-lhe nos olhos a falsidade do coração, acreditei no que me dizia, pensei que a força da minha paixão o tivesse tocado, que elle não visse em mim senão o meu amor. E chorei, porque mais do que eu lhe pedia dava-me elle nas suas palavras, que faziam de mim outra. Era demais, enganou-me, era mentira!

— Mentira piedosa...

— Mentira criminosa, que foi a que me fez

infeliz. Não ha mentira piedosa senão para consolar alguem e eu queria ser entendida, correspondida, e não consolada. Hoje toda a minha pena, todo o meu desgosto é de ter remoçado n'aquelle minuto, porque elle soprou sobre mim um bafejo de presumpção, porque elle brincou sacrilegamente com o meu amor para deixar-me cahir depois n'uma velhice desrespeitada e humilhada. Alli vém os meus filhos, Tristãosinho, e eu não quero que elles me vejam chorar pelo vagabundo que lhes preferi um dia. Mas, com o meu conhecimento de mulher velha, experimentada e sua amiga, sempre quero prevenil-o contra a gente que se diz levada pela fatalidade, que tem a inconsciencia e a irresponsabilidade do vento na carreira, e que se arranja sempre para não soffrer com isso.

Tinha se ajuntado toda a meninada. Começaram a subir o morro á claridade do luar pallido do crescente. Tudo se aquietara e adormecera no escuro da noite fresca de maio. Só, do outro lado da calheta, o mar trabalhava offegando e resmungando na sua lide obscura e secular. A paizagem ainda mais se alargava na sombra, indefinidamente. Os peitos se dila-

tavam e o pensamento, n'uma molleza, oscillava indeciso.

A' entrada do terreiro, emquanto D. Balbina fechava a cancella, Tristãosinho, por completar a conversa, perguntou-lhe :

— E se elle voltasse um dia?

Elle respondeu, mansa e submissa :

— Se elle voltasse, é que eu teria de ter pena d'elle. Serva de Deus no céu e d'elle n'este mundo, — eu teria cumprido o meu destino...

Rio, 3 de Junho de 1893.

AMABO!

> « Tes yeux noirs sans fond où rien n'apparaît
> Sont entrés en moi comme deux folies,
> Et j'ai dans le cœur, oh! toi qui m'oublies,
> Un double vautour, un double regret. »

Uma assignatura illegivel seguia-se commentada eloquentemente por um *à toi pour la vie*, sobre o qual os olhos do João da Matta se aper-taram por duas vezes n'um piscar rapido e humido. E os beiços tremulos se lhe abriram n'uma exclamação compassiva: « 'tadinha da Jeannette! »

Ia beijando a carta, mas deteve-o um pensamento redigido na sua meia lingua de brasileiro estragado pela Europa. « Mas se eu assim *lui tiens au cœur*, porque era ella tão *rosse* quando estavamos juntos? Tem-me isto ares de.... *Oui, mais*.... »

Releu com muita attenção a carta, que se compunha unicamente de duas duzias de versos queixosos e amorosos, transcriptos sem duvida de algum jornal litterario de Montmartre, salvo os erros de orthographia, attribuiveis á copista. Para esses era o derretido leitor todo indulgencia, como um deus que não offende a desafinação dos hymnos votivos. O que elle não entendia era a subita explosão de ternura, que fazia a Jeanne, mal elle virava as costas, lançar-se á poesia e bombardeal-o com versos lyricos, ella tão pouco lyrica e tão refractaria a versos que se não cantassem em musica de café-concerto. Quem diria que tinha uma tal reserva de sentimento a estouvada e descuidosa Jeanne?

« De même en la nuit où mon bonheur crève
Je vois flamboyer, sans merci ni trêve,
Tes yeux noirs qui m'ont appris la douleur. »

— Ora vejam só.... Mas para que não dizia ella isso quando eu lá estava, que então não partia? Que, por fim de contas, se não fosse ella....

Se não fosse ella entra frequentemente como o mais poderoso dos motivos nas decisões de um varão e deve datar dos tempos prehistoricos, da primeira tolice sentimental do homem

da pedra lascada. Era rigorosamente o caso do João da Matta, homem de coração molle e de pouca firmeza na vontade, « em se achando em conflicto com mulheres », dizia a tia Joaquina, que o creára.

O conflicto com mulheres estava tão na massa do sangue d'aquelle rapaz, que foi mesmo percebendo isso que a tia sacrificou-se a mandal-o estudar na Europa, para o arredar das más companhias e da calaçaria fluminense. « Póde ser que com as extrangeiras elle seja menos relaxado », considerava ella.

A innocente velha confiava demais na timidez do sobrinho e ignorava os seus progressos na libertinagem cosmopolita. João da Matta, apenas percebeu que ao lado da trilha estreita e aspera dos estudos corría o campo largo e facil da vadiação européa, disparou por alli afóra, com uma alegria de poldro solto. Entre tantos brasileiros que por lá andam fazendo dynamometria amatoria e estudando biologia, era um prazer encontrar aquella flôr de vicio e de dissipação. Um pouco tolhido ao principio, emquanto se não familiarisava com o novo theatro, elle ganhou rapidamente a segurança e a graça do homem que se diverte de corpo e alma, como

o profissional que tem a paixão do seu officio. Escrupulos moraes que porventura o assaltassem emquanto viveu no meio relativamente austero do Rio de Janeiro, onde o vicio menos repugnante se esconde, seriam abafados em Pariz pela consideração de que o que é tolerado passa a fazer parte dos costumes e deixa de ser uma falta, para ser uma simples irregularidade. Mas não é provavel que o joven barbaro de sangue ardente e sensualidade exuberante attendesse mais ao respeito social do que os exhaustos e afinados descendentes de familias illustres, que o acompanhavam na caçada ao prazer, mais por falta de resistencia do que por impetuosidade juvenil.

Essa era a grande superioridade que sobre aquelles enervados tinha o nosso heroe, que a dissipação era para elle uma simples manifestação de actividade varonil e forte, o seu sport physico e sentimental ao mesmo tempo. Em taes condições, o vicio perde o seu caracter de artificialidade deprimente e passa a ser um phenomeno natural e espontaneo, que não chega a prejudicar á sociedade pelo espectaculo da degradação de um individuo. Parece que as proprias mulheres sentiam essa feição sympathica

da libertinagem do João da Matta. As irregulares e impuras o procuravam pela sua robustez, manifestada de varios modos, pela sua inalteravel alegria, pela segurança e doçura do seu trato. As outras sentiam a obscura attracção d'aquella natureza rica e comprehendiam vagamente que o homem muito amado era de certo amavel, senão amoroso.

João da Matta era as duas coisas. Bastaria acompanhal-o um pouco na sua vida irregular para vêr que a deshonestidade n'elle era uma simples questão de ponto de vista para quem fosse capaz de encontrar uma sequencia na desordem da carreira de um libertino. Verificado o emprego do seu tempo, dado balanço ás suas despezas, concluir-se-hia que o amor era a sua occupação absorvente e que o jogo e o vinho mal o distrahiam occasionalmente.

Uma vez um amigo escreveu-lhe uma longa carta dando-lhe conselhos, ralhando com elle :

« .... Não se comprehende como um rapaz limpo e intelligente, podendo ser ambicioso, tenha prazer em se acanalhar com gente ordinaria e mulheres de má vida.... »

E o libertino endurecido respondeu-lhe

14

com uma longa explicação, confusa de fórma, porém significando em resumo que a pandega estava-lhe na massa do sangue :

« .... O prazer não é a má vida, é a mulher que o dá. Eu não sou um grande abstractivo, mas na especie sei fazer certos descontos que tambem têm sua arte. Não me prégue mais moral, meu amigo, que por bem intencionada que seja a sua logica não é rigorosa. O senhor não conhece o lado esthetico d'esta minha apparente canalhagem. Não digo que não gostaria de sahir d'ella, se encontrasse n'outra roda mais fina, mais limpa e respeitavel o que me faz viver cá com a pandilha — sensação e sentimento á farta, mas naturaes, vindos da pobre e honesta carne, sem cheiro nem sombra de litteratura. Eu detesto a litteratura, porque é fundamentalmente falsa. Um livro de imaginação, um romance se compõe de typos, e todo o mundo sabe que o typo não existe, que nós o fabricamos, para certas necessidades logicas do nosso espirito.

« Ora, em se tratando de mulher, o meu espirito não sente necessidades logicas. Prefiro os retratos aos typos de belleza. Retratos ordinarios mesmo, comtanto que sejam sinceros. Ha

momentos em que uma mulher ordinaria é simplesmente uma mulher.

« Não careço de explicar-lhe o mundo que para mim representa esta palavra tão profanada e insultada. Quem não sente por si pensa que toda a explicação é litteratura tediosa. Ora digame se na sua vida de homem morigerado e sisudo tem encontrado muitas mulheres chorando por sua causa. Pois eu tenho. Não sei já quem foi que disse que o espasmo da belleza é a lagrima. A suggestão d'esse espasmo muitas vezes me tem remexido as entranhas.

« A primeira vez foi despertando alta noite n'um quarto de hotel e por ver a minha companheira de então debruçada sobre mim, mirando-me muito attenta e com o rosto lavado em lagrimas. Fazia frio, a neve cahia lá fóra, duas velas meio gastas ardiam sobre a chaminé, havia um grande socego : á minha interrogação ella só respondeu que não era nada, que *tudo* ia bem. E o divino sorriso que tinha....

« Outra vez foi em Versailles, n'um dia de *grandes aguas*, com uma mulher que me não queria para si, porque me achava cynico. Defronte do grande lago do lado do parque, ella sentou-se sobre a herva, a arranjar um ramo de

flôres, já quasi á hora do jantar. Estava uma tarde linda, muito quieta e muito clara. O grande espelho do lago reflectia o céu azul, umas nuvens brancas e o verão das andorinhas passando e repassando, aos gritinhos. As fontes tinham parado, um derradeiro grupo conversando mansamente subia a escadaria dos terraços. Aquella mulher, só, absorta na sua obra de belleza, alli ficou povoando-me a paizagem e bem no centro d'ella.

« De repente levantou a cabeça e deixou cahir as mãos entre as flôres no regaço : « Se continúa a olhar-me *assim*, eu choro.... » E os seus grandes olhos azues, rasos d'agua, sorriam-me n'uma ternura misturada de queixa — sem duvida o tal espasmo. O que ella viu que a fez chorar não fui eu, foi o meu olhar, que era certamente o amor e talvez a belleza.

« Agora me diga com que especie de mulheres se encontra a gente no mundo em taes condições, senão com as mulheres faceis, que são as impuras. As virgens honestas andam tão bem guardadas pelas familias que á menor facilidade logo suspeitamos uma cilada. As casadas... repugna-me o adulterio, uma baixeza ainda mais do que um crime. Não tenho coração para

andar estragando a vida dos outros. Além de que, é preciso ter um caracter especial para viver com amores escondidos. Os que se comprazem em intrigas criminosas ajuntam ao amor um picante de complicação e de sobresaltos, que, sobre ser perigoso, revela uma sensualidade doentia. As outras, que vivem sobre si, emancipadas pela morte, tambem o são geralmente pelos annos. Uma apertou-me um dia contra o peito, n'uma despedida, e beijou-me nos olhos e na bocca, tambem chorando. Era magra e molle : no abraço estreito eu sentia-lhe o esqueleto evocativos de outros pensamentos. Os olhos desmerecidos e encovados choravam lamentosamente, cheios de desolação e de vergonha. Fingi tomar aquillo por uma simples expansão de despedida, mas no fundo fiquei extremamente vexado e confuso. Achei que a scena era dos dramas que se não pódem representar e senti uma vaga impressão de sacrilegio. Um incidente d'estes nunca me poderia acontecer na minha roda impura, mas joven e forte, sem prantos de saudade e de impotencia.

« O senhor talvez ainda não tenha pensado que a vida impura é a mais simples, de uma

simplicidade que, violente a moral social embora, tem para um homem de impulsos animaes, como eu, a vantagem de não fingir. A civilisação encobre sob tantos véus a alma e o corpo da gente fina, que as desillusões acabam por amargurar o coração do que só trata com pessoas honestas. Na *minha* roda a mentira, as tricas profissionaes são descontadas e entram no commercio liso. Quem joga bem, joga com ellas á vista e não perde. O vicio só é traiçoeiro para os innocentes. A verdade é que este me satisfaz a sensualidade e a sentimentalidade ao mesmo tempo e que não ha outra vida que me convenha mais ».

Havia. Mudaram os tempos e as instituições com elles. A baixa do cambio e ambições politicas, isto é, o desejo de entrar na distribuição dos despojos do regimen derrubado, trouxeram o João da Matta ao Brasil. Aqui passou os primeiros quinze dias entre o atordoamento de uma primeira volta ao cabo de longos annos de ausencia e o fervor das esperanças que a fortuna rapida de antigos companheiros favorecia. Mal lhe sobravam tempo e attenção para apreciar a diversidade do meio em que andava lidando, como um explorador não extranha a dureza do

paiz novo que percorre, tendo em vista apenas o futuro d'elle e os resultados praticos da sua exploração. Os que o viam trabalhando por um posto de eleição chamavam-n'o de ingenuo. João da Matta tinha, porém, a sua idéa e esse não era certamente dedicar-se em corpo e alma á obra da consolidação da Republica.

Em taes condições veiu encontral-o a carta lyrica da Jeannette. Foi como um puxão na canna do leme ao barco que vae de rota batida, todo o panno fóra, sob o vento fresco. João da Matta quasi desarvorou, quasi voltou para a Europa sem emprego e sem a mezada da tia, que já lh'a não podia dar aos preços altos por que andava o franco. Mas, retomando-se, abandonou o caminho da politica e entrou a bordejar por uma commissão remunerada e inconsequente. Conseguiu-a. Encarregaram-n'o de ir estudar a organisação municipal na Prussia. Reafivelou as malas e partiu, de bolso cheio e o coração tumido de desejo, na sua maior ancia de paixão.

E' que a Jeannette ia quasi sendo o seu amor fatal, o *béguin* superior, que sublimisa um homem ou o faz estalar sob a pressão. Tudo

indicava, sem desprezar a sua theoria da immoralidade, que o sobrinho da tia Joaquina não resistiria ao arrocho. Foi, pois, uma fortuna que tendo procurado partir pelo vapor francez, elle só achasse logar no da Mala Real Ingleza. Alli encontrou, voltando para a Inglaterra, onde residia, uma familia conhecida, mãe, filho, uma filha, moça e attrahente. Chamava-se Galdina a menina, um nome que ao João pareceu afinado pela gentileza do seu porte, finura de perfil e viveza graciosa de maneiras. Durante uma travessia transatlantica a poesia do oceano, a approximação dos sexos, as comidas fortes, a ociosidade forçada desenvolvem e irritam a amorosidade entre a gente moça. Certo de que estava curado de paixão, saturado do veneno da Jeannette, João da Matta não se acautelou contra os perigos de um *flirt* innocente, para entreter-se em viagem e, gradualmente invadido pelo encanto da menina, achou-se um dia mudado de objectivação amorosa. Sentindo-se preso, sacudiu as razões que deviam leval-o a preferir Galdina a Jeannette, achou-as naturalmente mais pesadas e deixou-se ir.

Se João da Matta era um grande amoroso, Galdina era viva e sensivel : trocaram-se as ju-

ras ao sahir de S. Vicente, uma noite em que fazia um luar magnetico. Duas velhas inglezas, sentadas junto d'elles no convez, não entenderam o que diziam, mas viram bem o que era que assim os inclinava um para o outro n'uma troca de falas commovidas e graves.

O resto da viagem, os mezes do noivado, João da Matta passou-os arroubado, sem noção do tempo, calma e profundamente feliz. Um dia voltaram a Pariz e occuparam-se em preparar o ninho. Galdina descobriu a carta da Jeannette e, quando o marido confessou que essa fôra a razão da sua vinda pelo *Clyde*, não quiz que a rasgasse e guardou-a como o fetiche da sua felicidade.

— Talvez não fosse sincera, observou o João da Matta, com uma dúvida modesta.

— Essas coisas são quasi sempre sinceras. Só o que tem é que ás vezes a sinceridade não dura.... Que quer dizer isto?

Galdina, remexendo entre os papeis e *bibelots* do marido, encontrára um sinete emblematico com a palavra *Amabo* em lettras lapidarias entre uma rosa e um craneo. João da Matta explicou que tomára por divisa aquella palavra, que era uma interjeição, um grito das antigas

saturnaes e significava o reclamo urgente do amor insaciavel. A mulher escutava pensativa. E elle concluiu :

— Mas não posso mais usar esta divisa depois que cessou a minha anciedade, com a vinda da paixão unica e definitiva....

— E depois Amabo parece um nome feio, ponderou Galdina suspeitosamente.

Rio, 25 de setembro de 1895.

A FORÇA DO NOME

I

Durante as férias da Paschoa Pariz é invadida pelos extrangeiros e provinciaes, e os residentes que não vivem em casa são perturbados nos seus habitos, acham com difficuldade um fiacre, encontram os seus logares no restaurant occupados por figuras extranhas e desistem de passar pelos theatros depois do jantar, se não tomaram bilhete de vespera. As pessoas para quem o tempo não existe podem mesmo se aperceber por esse atropelamento periodico das migrações annuaes que é tempo de « olhar para um céu novo com olhos envelhecidos, » de bocejar á monotonia da vida que se repete, ou de festejar a perpetua novidade das horas que se succedem, maravilhosamente várias.

As festas da Paschoa trouxeram-me á casa este anno um amigo, um inglez com quem já vivi sob outros céus e que me não esqueceu. Com elle recapitulei os annos passados, renovei conhecimento com a sentimentalidade, a educação da outra raça, cruzei modos de vêr e arejei a curiosidade das outras existencias, que a cultura exclusiva da nossa nos faz perder. Andei por fóra, andando com elle, e o meu espirito, como as ruas, os restaurants e os theatros de Pariz pela Paschoa, tambem foi invadido por uma multidão de sensações senão novas pelo menos renovadas e o meu caderno de endereços se encheu de nomes novos. *Fiz* muitos conhecimentos, e como estava na crise da curiosidade, cheguei a aprender a vida de pessoas que não giram no meu circulo.

Um d'esses conhecidos da Paschoa foi o Inglez que chega tarde ao jantar, no Vian.

O Vian é um pequeno restaurant da rua Daunou, defronte da rua Volney, socegado e quasi familiar, com um vago ar de *table d'hôte* americana, muito frequentado por extrangeiros, britannicos pela maior parte. Tem tres mesas em baixo e em cima duas salas e varios gabinetes. Na sala maior, á esquerda da escada

quasi a pique, ha duas ou tres mesas habitualmente occupadas pelos jornalistas inglezes, correspondentes do *Times*, do *Daily Telegraph*, de agencias americanas : um escocez muito velho, pequeno e tropego, muito vermelho, de cara rapada, bocca fina e forte nariz adunco, que bebe *whisky* e fala sempre e ri como se soprasse para dentro de um garrafão ; um homem sem edade, sem voz, sem alegria, de oculos, grande barba castanha, que ainda mais lhe afina o rosto e que, com as suas mãos pequenas e o largo lombo curvado e triste emquanto lè, faz pensar n'um archiduque reporter; um typo á Stanley, de bigode grisalho, bocca firme e olhos duros ; um moço londrino, alto, bonito, claro, olhos e cabellos negros, ingenuo e affectado, falando como se tivesse febre ou se se levantasse para sahir pelo frio ás cinco da madrugada. O resto é mocidade sem bigode, que vém irregularmente e come ás pressas, continuando as conversas ou as scismas lá de fóra.

Com toda essa gente M. Léon trata em francez entremeiado de palavras inglezas ; com o Inglez que chega tarde fala rigorosamente a sua lingua, como convém a um recem-chegado.

No domingo de Paschoa, de volta de Saint-

Germain com o meu hospede, tambem chegámos tarde para achar logar nas salas do Vian, e nos deram um triste gabinete reservado, a que deixámos a porta aberta. Ainda não tinhamos combinado a lista, ouvimos o gerente explicando no corredor ao Inglez que chega tarde a affluencia anormal dos dias de Paschoa, e, como o outro respondesse resignadamente, o meu amigo reconheceu-lhe a voz e me pediu licença para o convidar a jantar comnosco.

Foi buscal-o e trouxe-o, de mão pelo hombro, affectuosamente. Cumprimentos, discussão da composição da jantar, considerações sobre a invasão de Pariz pelos extrangeiros, e veiu a sopa. Com o primeiro copo de vinho a suggestão dos nomes abriu o capitulo da geographia gastronomica. D'ahi se escorrega facilmente para as viagens e aventuras pessoaes, e fica estragado um jantar. Mas M. Fabius Bennett falou levemente e impessoalmente, sem parecer dirigir a conversa, mas facilitando a escolha dos assumptos em que não ha these a defender nem convicções a exprimir. Como todos os inglezes, pendia para o humour, os contrastes comicos, a caricatura sem satyra, isto é, sem

odio e sem depressão da humanidade que ha nos creaturas mais ridiculas. A anedocta vinha a proposito e caracteristicamente; fazia de illustração psychologica. E o que havia de informação secca no que dizia tinha o vigor e a nitidez dos algarismos de uma noticia bem dada.

De sorte que, sem falar de si, esse homem impressionava como uma força intelligente. A força intelligente é triste. Elle tinha o ar de quem acaba de fazer o giro das cousas e não encontrou o que esperava atraz d'ellas. Era de fatiga ou desencanto a sua expressão, não de amargura. D'ahi vinha que, sendo superior, era sympathico. Tambem tinha o physico que predispunha em seu favor : alto e fino, porte sem abandono, olhar direito e manso, corrigindo a expressão um pouco dura da bocca e queixo fortes. E a testa era alta, branca, lisa, como a testa dos que pensam muito e sem violencia. Sem esforço tambem lhe vinham as phrases inteiras, curtas e frisantes, de bom cunho, facilitando a emissão da voz calma e de timbre um pouco surdo, mas sempre afinado nas inflexões — uma eloquencia que se poderia chamar de bom estylo de chronista. A uma sen-

tença sua particularmente feliz, precisa e cheia de vibrações, fiz um gesto para interrompel-o e elle parou :

— Estava a pensar na edade que o Sr. terá....

Elle sorriu, comprehendendo, e sem insistir :

— Vinte e oito.... Antes do jornalismo fui secretario de meu pae. É o que me envelhece a prosa.

N'essa noite foi tudo o que disse de si. Estava de gravata branca. Tinha de ir a um saráu mundano, e nos separámos á porta, já quasi ás onze horas.

— Como está mudado o Fabius.... disse o meu amigo, quando nos achámos sós no boulevard des Capucines.

— Exquisito nome para um inglez — Fabius!

— O pae era um lettrado classico.... Se havia de chamar o filho Barney, Algernon ou Trevelyan.... O que não comprehendo é por que veiu elle trabalhar em Pariz, quando em Londres o seu nome de jornalista estava feito. E já é a segunda sortida que faz....

A noite estava linda e, andando pelo meio da multidão festiva, deixámos cahir a conversa para os espectaculos variados da rua franceza,

tão differente da rua ingleza, soturna mesmo nos dias de festa. E não falámos mais de M. Fabius Bennett e no dia seguinte o meu amigo voltou para a Inglaterra.

Mas eu continuei a frequentar o Vian e a conversar com o Inglez que chega tarde.

Uma noite, em que já ia sahir quando elle entrou, lamentei que o seu trabalho diario o obrigasse a vir jantar quando já a posta de roastbeef estava no fim e as salas tresandavam a tabaco, de mistura com o cheiro dos molhos fortes, na melancolia das mesas abandonadas e desfeitas.

Elle sacudiu a cabeça, sorrindo constrangido, e com alguma enervação na voz replicou :

— Não é o trabalho, que eu sempre acabo cedo. É a propria relaxação á suggestão do nome que me infelicita. Nas circumstancias em que só eu posso soffrer com o chegar atrazado abandono-me á fatalidade, com um vago sentimento de que a cultivo e lhe dou prestigio. Ás vezes mesmo penso que o meu caso é o dos negros da Africa que fabricam um feitiço e depois tremem deante d'elle. Mas toda a gente carece de um feitiço. Imagine, se poder, a treva sem phantasmas....

Fabius Bennett estava nervoso. Percebi que ia ter a historia e esperei que m'a contasse á sobremesa.

II

O pae de Fabio era diplomata. Rolando pelas capitaes dos dois mundos, ao acaso das combinações da Carreira, o menino cresceu e se educou sob as vistas do pae. Educação anormal, excessiva, deformante, imperfeita. Já a frequente mudança de horizontes predispõe para a inattenção ao mundo exterior. Os rostos differentes e sempre extranhos, as vozes, linguas e maneiras das aias, dos preceptores, dos *amigos*, o embotamento das sensações de novidade, crearam no pequeno a indifferença pelas pessoas que o rodeavam.

Cedo entrou na vida séria do espirito, e quando começou a pensar com fins determinados o seu raciocinio não soffreu a perturbação dos sentimentos. As generalisações lhe foram faceis, a falta de sympathia pelas coisas tomadas isoladamente clareando-lhe as linhas de formação dos typos abstractos. O pae, que

lhe dava a replica nas discussões, se desvanecia de vêl-o peloticar com palavras carregadas de abstracção e sem se esquecer do seu significado. « Fabio rasga um sophisma com a segurança de um cirurgião abrindo um abcesso », dizia elle. No corpo de uma argumentação ataviada e florida o menino percebia sempre o esqueleto da boa ou má doutrina : sabia logica como um bom cirurgião sabe anatomia, por necessidade, não por curiosidade ou presumpção. Nem satisfacções de orgulho por comparações de saber — vivia sósinho ou tratava com pessoas acima da sua edade, nem alegrias de descobrir campos novos de conhecimento — a vida lhe passava por deante dos olhos como uma paizagem vista pelas janellas de um trem expresso, fugitiva, desinteressante.

Nem sabia para onde assim corria n'essa desencantada jornada. Ia com o pae e o pae lhe era razão e fim da vida, presente e futuro, ternura e religião. E um dia o pae morreu. Tinha elle vinte annos. O primeiro momento foi de estupor, como de quem sobrevivesse á explosão de um mundo e se achasse de pé entre os destroços, apavorado e solitario. Depois veiu uma grande miseria moral — a incerteza dos des-

tinos, a necessidade de agir e a falta de objectivo, de ambição que o estimulasse. De grisalho que era tornou-se negro o seu horizonte. Por felicidade os nervos lhe obedeciam. Fabio não desatinou, deixou-se ficar quieto, dando tempo ao tempo.

— Unica vez em que o meu nome me protegeu, explicou elle. Meu pae, que ás vezes me chamava de Cunctator, não se impacientava com o meu desdem das horas, dos dias, das estações, que me não affectavam desde que para mim não havia obrigações de prazos, e, cuidando que era confiança, dizia que « il Tempo è galantuomo ». Nas grandes occasiões, sim. Mas bem se engana quem se reclama d'elle para as bagatellas da vida. Ahi elle é mesquinhamente tyrannico. E como quasi toda a vida é feita de bagatellas e pequenos prazos, o martyrio que me tem sido a tyrannia do Tempo!...

— E escolheu a profissão em que a contagem do tempo entra por metade no successo das carreiras.... Pois no jornalismo chegar a tempo não é metade do talento?

— Para um reporter, disse quasi orgulhosamente o inglez. Com esses certamente não concorro eu. Mas mesmo para os artigos de

critica e de previsão politica ou social a antecipação não me tira a agonia de os fazer dentro do prazo. Só a dignidade profissional.... Certamente não escolheria esta profissão, se pudesse....

Não trabalhara para ser jornalista. Quando o pae morreu, Fabio estava no Chile. Era em 1890 e, senhor dos elementos politicos representados na luta entre Balmaceda e o Congresso, elle escrevera a um tio resumindo a situação, « estabelecendo a partida », como dizia. O tio communicou a carta ao *Morning Post* e o jornal conservador fez uma ponte de ouro ao joven collaborador.

Quando terminou a guerra civil do Chile estava elle feito jornalista politico. Veiu para Londres e annos inteiros resumiu o mundo para os leitores do seu jornal. Tambem annos inteiros, como uma machina de vibração continua, não desamparou o seu posto e duas vezes por dia a lama eterna de Fleet Street e do Strand, o nevoeiro e o tisne das ruas tristes do bairro da imprensa á sombra do campanario de Santa Maria o viram passar rapidamente, portador de informações e noticias graves, conselheiro desinteressado e sem enthusiasmo, juiz

de querellas e apreciador de culpas communs.

Nascido e creado em cidades, o rumor e o tumulto das cidades era favoravel á expansão das suas faculdades naturaes. No meio das ruas apinhadas de povo elle se sentia no seu elemento, como o marinheiro entre o marulho das ondas, e, emquanto abria caminho por entre a humanidade sombria do Norte, no seu espirito se ia compondo a exposição dos problemas politicos, das aspirações nacionaes, das ambições pessoaes que se agitam perennemente nos longinquos paizes do sol.

Sómente, para sustentar em boa altura a producção jornalistica n'essas condições é necessaria uma excitação febril, que, continuada, gasta o corpo. Quando uma noite, antes de acabar o seu artigo sobre as pescarias de Bering, começaram a lhe zunir os ouvidos e a bater-lhe as fontes mais cedo que de costume, Fabio levantou-se da sua banca de escripta e foi mirar-se ao espelho da chaminé em cuja lareira ardia um fogo terrivel de carvão. Os reflexos do fogo combinados com a claridade mais forte das lampadas electricas lhe escaveiravam o rosto descorado, accusavam-lhe o pisado dos olhos, creavam-lhe rugas, mostravam-no envelhecido

e com um ar de fadiga immensa. Já de manhan o amargor da bocca e, longos minutos depois de abrir os olhos, a sensação pungente da inutilidade do esforço para viver eram um máu symptoma. O contemporisador receiou que já fosse muito tarde. Entretanto lembrou-se da proposta que lhe fizera o director de dar-lhe um substituto por um mez, emquanto elle ia espairecer um pouco pelo continente e telegraphou a um amigo em Florença, annunciando-lhe que acceitava o seu convite de ir passar com elle as suas primeiras férias, e que chegaria d'ahi a tres dias.

O amigo de Florença era Lello Mathey, o romancista, filho de um collega e amigo do pae de Fabio. Tinham vivido juntos em Bucarest e Fabio pôz-se a pensar que em dez annos as duas irmanzinhas de Lello estariam de certo umas lindas moças e que Mrs. Mathey, já tão apagada n'aquelle tempo, devia ser uma sombra agora.

Os Matheys moravam fóra da cidade, n'uma villa do lado de San Miniato. O sol de Dezembro já ia muito baixo quando elle chegou, e quasi toda a banda do Oltrarno estava em sombra. Entretanto nos altos as oliveiras cinzentas se

douravam aos derradeiros raios do crepusculo e os cyprestes pareciam mais negros de encontro á téla refulgente do céu. As casas semeadas pela encosta e todo o valle do Arno jaziam n'uma leve bruma transparente e fina como uma luz azulada, como se a paizagem fosse vista atravez de um immenso crystal colorido de violeta pallido. O carro tinha vindo á disparada atravez da famosa Porta Romana e pelas avenidas melancolicas, que foram a expansão da cidade no tempo em que era a capital da Italia, ha trinta annos. Mas, para subir as ladeiras, o cocheiro moderou o passo aos cavallos e Fabio teve tempo de se embeber do encanto da paizagem, de se amollecer para o repouso, senão para as sensações suaves. Já de antemão lhe agradava que a morada fosse longe da cidade e das suas festas.

A familia desceu toda a recebel-o quando o carro parou á porta do jardim. Lá estavam os olhos conhecidos, os sorrisos amigos, as palavras cordiaes e as mãos extendidas de Lello, de Rosa, de Mila e no quadro de uma janella emmoldurada de vinha a touca branca e os oculos e o rosto pallido e murcho de Mrs. Mathey.

Lello tinha engrossado, alargado de hombros e deixado crescer uma barba á italiana, que lhe não assentava, não dizia com a expressão amena e quasi simploria do rosto largo, dos olhos pequenos e socegados.

Rosa dera o que promettia a menina bonita e forte, de aspera cabelleira revolta, parecendo sempre prompta para um salto, como um animal arisco contido a custo. Amansara ficando moça e os cabellos de tinta mais escura agora se sujeitavam ao penteado, apenas mais tufante, desequilibrado logo que a gesticulação se exagerava. Os olhos eram os mesmos, mais seguros de expressão, mas sempre atrevidos, muito claros e direitos, olhando com uma segurança de quem entende tudo e não vê sombras na vida.

Mila é que mudara. O que elle viu primeiro foi o nimbo luminoso dos seus cabellos de ouro. No jardim em sombra elles brilhavam como se reflectissem o sol. Depois, no rosto de belleza quasi sevéra, de tão puras linhas, os olhos de um azul escuro e profundo, levemente quebrados, se adoçavam ainda mais com a côr dos cilios que os franjavam de ouro, e a bocca altiva e quasi dura em repouso tinha o sorriso

captivante, irresistivel, era pathetica de expressão. E os movimentos do seu corpo esbelto, bem talhado em todas as linhas, eram de uma harmonia graciosa e fina.

Entre os apertos de mão, os cumprimentos de boa vinda, os gracejos cordiaes entre gente familiar que se torna a vêr ao cabo de longos annos, Fabio começou a sentir formar-se em si um estado d'alma que lhe não era habitual, uma mistura de admiração pelo que via de novo, de saudade do tempo em que viveram juntos, de interesse mais forte do que a simples sympathia pela vida serena d'aquelle amavel grupo. Pela primeira vez n'essa noite foi distrahido á conversa no salão, onde outras pessoas se reuniram em visita depois de jantar. Os outros attribuiram a sua absorpção á fadiga da viagem. Elle estudava as causas da sua perturbação e emquanto animava com uma fingida e polida attenção a conferencia de um *fellow* recem-chegado a Florença e que não perdeu tempo em dizer o que sabia sobre os Medicis, Savonarola e Miguel Angelo, acabou por concluir que o interesse que tomava por aquella gente provinha de a ter conhecido n'um periodo anterior do seu desenvolvimento. Vêr sempre coisas

novas fatiga; as coisas velhas immoveis, monotonas, acabam por escapar á attenção. O que interessa é o que se transforma sob os nossos olhos, e a comparação dos varios estados de uma transformação, de accordo com as previsões que sobre ella fizemos ou as contrariando, é a determinante do nosso sentimento e o seu criterio. A theoria explicava pelo menos provisoriamente o seu caso. A jornada da vida deixava de ser para elle uma corrida sem rumo atravez de paizagens anonymas entrevistas fugitivamente pelas vidraças de um trem expresso.

Fabio pédiu que lhe mostrassem o seu quarto e foi dormir.

Dormindo sonhou com os cabellos de Mila, com o clarão dos seus olhos, um sonho em ouro e azul. No outro dia, pelo alvoroço e o meio constrangimento que sentiu quando a encontrou no jardim, verificou que estava ennamorado. Conversaram passeando pela estrada, ao sol claro da doce manhan de inverno, mas as palavras não pegavam. Ao cabo de dez annos de silencio parecem extranhas as vozes mais amigas. Os topicos antigos de conversa se desfaziam de inconsistencia e vetustez. E da vida nova ambos receiavam tratar, ainda sem pontos de par-

tida para commentarios e affirmações inconsequentes. A chegada de Rosa e de Lello, descendo para o passeio, foi um allivio para elles.

III

O que aconteceu depois é mais facil de contar e se diz rapidamente. Fabio passou o seu mez de férias n'um completo enlevo, amoroso, descuidoso, feliz. Mas nunca lhe passou pela cabeça falar a Mila em casamento. Nem mesmo em sentimento. Se ella o percebera e lhe correspondia, era espontaneamente. O resto lhe parecia que seria tratar a coisa como um negocio. A idéa de posse era absurda, pensava elle. Aquella planicie ridente que vejo do alto da montanha, a distancia, desapparece quando desço e d'ella me approximo. O seu amor por Mila era um sonho de poesia e de belleza. Não era coisa que os prendesse por outros laços. Tanto que ao lado da sua paixão começou a cortejar uma bonita mulher que conhecera em Londres, cantora no *Covent Garden* e que estava morando n'uma villa fóra de Porta San Giorgio. Era uma creatura alegre e intelligente.

Fabio gostava de encontral-a e um dia lhe pediu licença para a visitar. A cantora deu-lhe entrevista para o dia seguinte. Fabio sahiu a passeio com os Matheys e esqueceu a entrevista. Tres ou quatro dias depois montou a cavallo e se dirigiu para a casa da cantora. Ainda bem não tinha posto pé em terra defronte da entrada, ella desceu a escada correndo e muito assustada.

— Vi-o de longe que chegava e vim pedir-lhe que se vá embora.... Enganou-se de dia. Agora é tarde. Está cá o meu amigo!

Fabio pensou na fatalidade do nome, mas ahi se achou ridiculo e fez frente ao destino.

— Não é razão para que me enxote da porta.... E a chicara de chá que me prometteu?

A mulher levantou a voz involuntariamente e n'uma afflicção:

— Pelo amor de Deus, vá-se embora! Não quero uma desgraça por minha causa.. .

Uma janella abriu-se no primeiro andar e uma bonita calva e uns grandes bigodes falaram de cima:

— Chama o jardineiro, Lena, que deite fóra esse pelintra.... Que tens tu a conversar com um vagabundo?

A tenção era injuriosa; o homem era um

marquez siciliano, que conhecia o outro por lhe fazer a côrte á amiga. Fabio atirou-lhe uma pilhéria e o italiano lhe atirou um pote de flôres, que quasi o matou.

Quasi o matou tambem uma estocada de florete d'ahi a dois dias no duello que terminou essa ridicula aventura.

Lello foi uma das testemunhas e passou uns dias muito infeliz em quanto se não certificou de que a ferida de Fabio não era mortal.

Outra infeliz foi Mila. Entre traição e loucura preferiu attribuir a aventura do amado a uma perturbação momentanea da razão. E quando elle se levantou em fins de Janeiro deu-lhe o braço para os primeiros passos da convalescença, esperando que elle n'um minuto de abandono se excusasse, se explicasse, se declarasse.

Fabio falou sem vergonha da estralada, que fôra assumpto dos mexericos de Florença durante um mez, como se a coisa lhe não fosse pessoal. E terminou por communicar á desolada menina um telegramma da direcção do seu jornal, que lhe propunha uma excursão á America, como *special* para dar noticias da revolta de Cuba.

— Você agora não pode viajar... disse a menina anciosamente.

— Ha um transporte de guerra que parte de Barcelona levando tropas d'aqui a quinze dias. A minha passagem está arranjada n'elle por favor do embaixador de Hespanha que conheço. De Genova sahe um vapor para Barcelona a tempo. Porque não hei de partir?

Tinham chegado aos degráus da egreja de San Miniato e foram debruçar-se ao parapeito que circumda a pequena praça dedicada a Miguel Angelo. Em baixo a cidade se alastrava cobrindo a varzea com a sua casaria branca, cinzenta, rosada, de um lado e d'outro da facha espelhenta do Arno postejado pela sua meia duzia de pontes. O Duomo e o Palazzo Vecchio se destacavam da massa, com uma grandeza e vastidão que a distancia ainda mais parecia accentuar. Ao Norte eram os picos nevados dos Apenninos, e mais perto as encostas escuras das collinas que rodeiam o maravilhoso valle appareciam salpicadas de villas e aldeias, até aos confins do horizonte violaceo. Uma infinita doçura descia do céu puro ou subia da paizagem aos seus pés.

Mila tinha o coração pesado, a bocca se lhe

apertava patheticamente, e nos olhos lhe dansava a lagrima propicia, que, segundo as circumstancias, é de ternura ou de amargura. Olhava para Fabio. E Fabio discorria sobre a grandeza e a doçura da paizagem florentina. Rosa, que chegava inapercebida, commentou:

—Ai! o desastrado Cunctator.... Se ao menos perdesse o vapor!

Não perdeu o vapor, porque as malas para a America do Sul chegaram tarde a bordo do *Regina Margheritta* que o devia levar. Embarcou na lancha do correio, já á sahida do porto de Genova, e o commandante, que sabia que era um jornalista o retardatario, lastimou os assignantes do seu jornal.

Entretanto em campanha Fabio se conservava nas primeiras linhas da informação, por saber escolher as suas fontes. Em Cuba passou dois annos, interessado no primeiro e captivo do dever no segundo. Quando percebeu que a revolta não revelaria mais nenhum aspecto novo, pediu a sua retirada. Tinha perdido de vista os Matheys, sem os ter esquecido, sem ter esquecido Mila.

E no mesmo dia em que chegou a Londres voltando da City, o seu *hansom* cruzou-se deante

de Charing Cross com outro em que vinha Mila. Ella gritou-lhe um endereço, em Kensington. Lá foi n'essa mesma tarde. A creada respondeu que Mrs. Mathey não estava, mas que Mrs. Putnam recebia.

Entrou. Mila, sentada ao pé de um biombo japonez, que a resguardava da reverberação do fogo, levantou-se a meio para lhe apertar a mão e ficou olhando para elle com um livro no regaço. Fabio levantou o livro.

— Pensei que você já tinha lido Swinburne...

Um homem entrava na sala n'esse momento e Mila apresentou :

— Mr. Putnam. Cá temos de volta o nosso amigo, caro...

Fabio reconheceu no marido de Mila o *fellow* da noite da sua chegada a Florença. E quando o homem se distrahiu um momento, indo buscar uns papeis para lhe mostrar, o seu despeito de intellectual se manifestou mesquinhamente :

— Mila, logo o homem dos Medicis e de Savonarola! Aposto que é por causa d'elle que você está *estudando* Swinburne !

Mila corou muito e não respondeu.

Fabio creou odio a Londres e veiu para Pariz,

onde além das chronicas politicas para o *Morning Post*, o seu principal officio era cultivar o fetiche do seu nome, não tendo pressa, que é como elle chama o chegar atrazado. Um dia me fez uma exposição das obrigações fetichistas, substitutivas dos cultos, na irreligião do futuro.

Ah! não é um louco.... Nem um massante, porque a gente nunca o encontra quando chega cedo.

UM CONHECIDO

... Sentemo-nos aqui. Vamos vêr passar os conhecidos.

— Os seus conhecidos.

— E os seus, talvez.... Porque chegou hontem, imagina que não conhece ninguem em Pariz? Vae vêr que sim. Isto aqui é uma encruzilhada do mundo : quem anda pelas estradas durante annos, acaba conhecendo os tropeiros com quem viajou ou pernoitou nos pousos. E depois, os que viajam são menos do que os que ficam em casa : a gente lhes presta attenção, quando não seja senão por nos virem á memoria acompanhando impressões vivas de coisas unicas, de coisas raras, de coisas novas.... Insensivelmente vamos ficando reconhecidos á persistencia com que elles passam pelo nosso caminho, como para nos dar a illusão de que o

mundo é cheio de caras amigas.... Ás mais das vezes nem lhes sabemos os nomes....

— E são conhecidos!...

— Como os outros, como os amigos, de nomes sabidos e posição social e relações mundanas, que para nós têm sempre un canto escuro, um véu corrido sobre a alma, tão pesado que só o vento das paixões o aparta....

Deixo de attender á tirada misanthropica do meu companheiro e examino a scena, nova para mim, da praça da Opera n'uma tarde de primavera, á hora em que as ruas se enchem de gente voltando para casa, á hora melancolica em que nas outras cidades forçosamente nos lembramos de Pariz.

Ainda ha muita luz descendo do céu claro como de um tecto transparente de crystal azul cinzado. O ar é fresco e puro. Ha muito movimento de carros de luxo, de fiacres sujos, de omnibus apinhados de passageiros, de carros de annuncios, de velocipedes passando rapidos, E nas duas calçadas do boulevard das Capuchinhas formiga o povo n'um duplo cordão escuro, alegrado a espaços por um vestido claro, um chapéu florido, uma blusa branca de operario, um avental de creada.

O ruido quasi continuo se ensurdece e amansa, fundindo-se no ouvido, como a zoada do mar. Alli, na esquina do Café da Paz, tão bem como n'uma quebrada solitaria de montanha, sente-se a harmonia dos sons, das fórmas, da claridade, dos aromas. Uma mulher que passa, deixa um rasto de perfumes misturados, pelle e seda aquecidas na marcha, uma catinga vaga, combinada de flôres seccas com o fartum acre e quente de uma colmeia á hora dos enxames.... Tudo isto discriminavel para o olfacto fino de um recem-chegado dos tropicos. Um criado trouxe uma bandeja com bebidas. Sob o meu nariz levantou-se o perfume do vermuth, evocativo de hervas sylvestres pisadas, e logo toda a musica do boulevard de Pariz entrou-me no acompanhamento da canção da viagem imaginaria. Esqueci o Dr. Sampaio durante cinco minutos, tempo sufficiente para que elle concluisse o seu discurso sobre os conhecidos de que a gente não sabe o nome e que não deixam por isso de ser excellentes relações. Teve um máu remate :

— Com elles não somos obrigados senão a ser polidos, a amabilidade com que os tratamos é a estricta. A frieza não nos é levada a má conta. Assim eu, que apenas cumprimento de

chapéu a um gentleman, que póde ser um bandido, mas que é talvez um nobre lord e par de Inglaterra, sou obrigado a custosos rapapés áquelle homem da Jurujuba que alli vae, com quem não sympathiso... principalmente porque o conheço demais.

O homem da Jurujuba ia de proa feita n'outro rumo que o do Café da Paz. Saudou de longe e não parou, não veiu obrigar o meu amigo aos taes custosos rapapés. Ouvi-lhe um « Ainda bem! » surdo e quasi descontente. No mesmo instante chegou-se a nós um cavalheiro de maneiras um tanto faceis demais, que emquanto se fazia a troca dos cumprimentos, foi-se logo abancando e pedindo o seu aperitivo.

Entraram os dois a conversar em francez sobre coisas vagas, impessoaes, politica, tempo, artigos de jornaes, commentarios sobre o ultimo processo no jury. O homem falava bem, n'uma linguagem facil, de phrases feitas e idéas corridas, commum de fórma e sem relevo, mas tambem sem inflexões parizienses de pronuncia. De repente dirigiu-me a palavra em portuguez, pedindo-me noticias de amigos do Rio, mostrando-se pessoalmente informado das nossas coisas. Discorreu exuberantemente sobre os

encantos da vida fluminense, a nossa hospitalidade, a bonhomia e cordura das relações mais faceis do que em qualquer outra capital. Celebrou o encanto das nossas festas familiares, a poesia dos passeios nocturnos pelos arrabaldes, a belleza incomparavel da paizagem dos arredores do Rio.... Recordou nomes prestigiosos de mulheres, nacionalisou-as, para ainda mais encarecer a memoria de sua temporada entre as filhas da « Guanabara formosa. » E falava portuguez com a mesma fluencia com que falava francez, ajuntando mesmo um pouco da nossa languidez carioca á pronuncia mais bem syllabada do que a dos portuguezes da Europa.

Sem saber porque, desagradou-me aquillo. Parecia que o homem arremedava, que se afinava demais pela pronuncia dos seus interlocutores. Respondi-lhe laconicamente, perscrutando-lhe os olhos apagados e incertos, mostrando-me desconfiado. Elle sentiu a minha reserva ou se desinteressou do assumpto e passou a outro, sempre com a mesma polidez, com uma quasi bondade na approvação das idéas que exprimia o seu interlocutor. Por fim interpellou um grupo que passava e separou-se de nós para se aggregar a elle.

Interroguei o Dr. Sampaio sobre aquelle francez, que falava tão bem o portuguez.

— É um inglez ou um hespanhol. Chama-se Jorge Eggerton Morales. Tem muita facilidade para as linguas. Fala perfeitamente seis ou sete. Tambem tem viajado muito. Creio que é jornalista aqui em Pariz. Conheci-o em Roma. Vae a toda a parte. Vejo-o muitas vezes no theatro com mulheres estupendas. Toda a gente o conhece....

— Ou elle conhece toda a gente?

— Não é máu sujeito, com tudo isto. Tem mesmo algumas boas qualidades....

— Em summa, não é senão um conhecido seu?

— Simplesmente.

Foi já ha alguns annos este encontro e muitas vezes depois tive occasião de conversar com o tal Morales, sem lhe dar maior attenção do que a outro qualquer conhecido da rua. Só a sua prodigiosa adaptação á pronuncia das locuções particulares, dos idiotismos nacionaes, me faziam especie. N'uma das cartas de Fradique Mendes essa rara qualidade do polyglotismo vém discutida como um defeito, como un symptoma vehemente de falta de caracter. Symptoma ne-

gativo, que não definia o homem. Não basta chamar de cêra molle o espirito que recebe indistinctamente as impressões do mundo exterior, para lhe attribuir inferioridade pessoal, falta de persistencia, substituição successiva de consciencias ao sabor dos ambientes, que é a falta de caracter. Como se respondesse a essa accusação, que ninguem certamente se dava ao trabalho dé lhe fazer, escreveu Morales um dia, na chronica bibliographica do seu jornal, uma nota sentida sobre os livros de viagens que não dão através dos seus auctores a impressão de horizontes differentes :

« O auctor levou ás terras do Extremo Oriente a sua maneira de vêr franceza e, o que é peior, universitaria. Isto é, perdeu um grande esforço em apreciar as apparencias de povos extranhos de raça e de sentimentos á luz da civilisação greco-latina, que *póde ser* superior ás outras, mas que tem o defeito, capital na especie, de ser exclusivista. As conclusões doutrinarias dos livros de viagens dos francezes se resentem d'isso. Em vez de sentir dilatar-se a sua humanidade, o leitor acompanha o auctor como a um guia que lhe mostra as curiosidades de maravilhosas tribus animaes n'um musêu zoologico, tão fóra

de contacto lhe parecem esses seres longinquos e exquisitos. É que o viajante nunca se deixou influir pelo desejo de viver uns dias a vida dos povos que visita, nunca experimentou no coração inteiramente absorvido pelo amor estreito da sua patria a concurrencia de uma nova ternura ainda mais generosa pelos novos companheiros de prisão terrestre, que acaba de conhecer. Descobrir em si novas fontes de goso affectivo, extender a fraternidade além das fronteiras da lingua, da raça, da côr e da moral, reconhecer entre os traços dos caracteres exoticos alguns que em nós pareciam inexplicaveis e d'elles conjecturar filiações aventurosas no correr dos seculos e através do turbilhão da Historia, seriam resultados meritorios das viagens dos modernos, se elles soubessem viajar. Mas o homem civilisado é tão orgulhoso, que até pretende falar a sua lingua em terra alheia, como para escapar á suggestão da força e da belleza das outras nacionalidades, que nos vém com a prática familiar dos idiomas locaes, com o conhecimente profundo da sentimentalidade, com a adopção das toadas nativas de pronuncia, que nos abrem os corações insuspeitosos do indigena reconhecido e encantado.... »

Era este o trecho capital do artiguinho, mal composto e sem estylo, muito abstractivo, cheio de idéas obscuras, como de quem não tem o habito de escrever com reflexões pessoaes e originaes. Depois que o li, acreditei que a falta de caracter linguistico do meu conhecido não correspondia a uma plasticidade moral absoluta. Tanto mais quanto, independente de considerações interesseiras, elle era reconhecido aos beneficios que lhe fizessem, e era antes indulgente para com as fraquezas alheias, como se uma longa experiencia do mundo lhe tivesse ensinado a precariedade da virtude e as atenuantes provaveis dos vicios sociaes.

Tambem não eram aggressivos os seus vicios. Todo o seu esforço parecia consistir em se fazer admittir á partilha dos gosos materiaes da vida, cuja esthetica tão voluptuosamente professava. Fóra d'isso vivia mysteriosamente, de recursos pouco precisos, de que ninguem indagava, como se fossem forçosamente vergonhosos, e se abrigava por traz de mentiras multiplicadas, defensivas do recato da sua pessoa verdadeira.

Os jornaes do boulevard noticiaram um dia que, victima de um desastre, o bem conhecido

« nosso collega » Morales sahira de um encontro de carros todo esmurrado e com um braço quebrado.

D'ahi a tempos explicava elle aos amigos, isto é a todo o mundo, confidencialmente, que o seu desastre não tinha sido mais do que uma formidavel tunda que lhe dera o director do jornal em que trabalhava como secretario da redacção, por causa da commissão tirada por elle de uma subvenção que obtivera para a folha, commissão que o duro director achou exaggerada, quando veiu a saber, e castigou com mão severa, como um roubo.

Acharam que a revelação de Morales, feita com a mesma voz mansa e egual, sem exclamações, sem amargura nem odio, era um acto de cynismo. Podia ser outra cousa, podia ser a sublime humildade, que lhe dictava a confissão publica. Em todo o caso era singular.

Morales andava muitas vezes com bonitas mulheres, que o procuravam, dizia-se, pelas suas relações com o mundo extrangeiro, na tribu nomada dos Rastaquères. Ninguem olhava para elle então, que assim o julgavam incapaz de ser querido por uma mulher ordinaria? Era, senão bonito, ao menos regular de feições, de bom

porte, elegante, polido, amavel e serviçal: não raro ellas se contentam com isso. Evidentemente era um amoroso: transfigurava-se quando dava o braço a uma mulher. Estando de villegiatura em Pierrefonds, vi-o entrar na sala do Hôtel des Bains ao lado de uma bella creatura. Ia contente, altivo, respirando com o desafogo de um homem livre e digno. E no meio da turba desconhecida de parizienses *en ribote*, a mulher não tinha sorrisos e attenção senão para o seu companheiro de vida escura e vergonhosa. De tarde, emquanto abria penosamente com o meu bote uma passagem entre os nenuphares do lago, ouvi-os que conversavam perto sob as arvores da margem, com palavras de carinho e ternura. Era um casal de namorados como outro qualquer, aquella rapariga de cabellos tinctos de ruivo, aquelle homem de monoculo e bigode frisado, que, escapos por umas horas de Pariz, alli passeiavam pelas alamedas do parque, esperando o jantar, n'um calido domingo de verão. D'ahi a dias, no Jardim de Pariz, a mulher ia ao braço de outro homem e Morales ao lado conversava animadamente com os dois, gracejando, fazendo espirito. O casal sahiu e Morales foi annexar-se a outro grupo de amigos.

O incidente me desnorteou completamente na apreciação do seu caracter. Morales me escapava a uma classificação decente.

A mentira, que tão facilmente descobrimos no olhar de um homem honesto, forçado a usar d'ella, embebia de alguma sorte toda a individualidade do nosso conhecido. As suas affirmações raramente mereciam a pena de uma prova. Apanhado em uma mentira, elle passava a outra imperturbavelmente. Assim é que desistiram de saber a sua nacionalidade. Era de Cosmopolis, do bairro suspeito.

Morava em um quartinho miseravel, n'um quinto andar rua Greneta, sem sol e quasi sem ar. Era a porteira quem lhe fazia a cama e arrumava a casa, quasi por caridade, por lhe querer bem, que elle invariavelmente se esquecia de lhe pagar os servicos. Ainda para essa humilde creatura elle não tirava a sua mascara de fingida alegria, não mudava da inalteravel doçura de trato. Apagada a vela, fechadas as portas, talvez praguejasse, rezasse, pensasse na lingua da sua infancia, reintegrasse a personalidade esfarellada aos attritos do mundo. Mas das descidas aos mysteriosos desvãos da sua consciencia nenhum signal restava quando de manhan dava

os bons dias á porteira, ao descer para a lide da mentira.

Um dia não se levantou e a boa velha foi encontral-o de tarde, extendido na cama, tolhido de movimentos e sem fala. A mulher entrou a chamar por elle, a sacudil-o para que lhe dissesse o que tinha, e, compassivamente, affligindo-se com a miseria d'aquelle homem moço e forte, alli morrendo no abandono, tentava dar-lhe coragem, falava-lhe carinhosamente, para que fosse razoavel, não se deixasse ir assim entregue ao desanimo, que estava a se fazer mal pensando que ninguem olhava por elle... Morales mirava-a como já de muito longe, com um vago sorriso penoso, de uma tristeza infinita, e ia esmorecendo cada vez mais. Por fim chamou a velha com um gesto e, pegando-lhe na mão com muito esforço, levou-a aos labios já coloridos com as violetas da morte. Duas lagrimas lhe borbulharam nos olhos, que se moveram uma derradeira vez para as expremer, e o desconhecido expirou.

Os jornaes noticiaram a sua morte, sem affeição nem odio, como quando se escreve pela ultima vez sobre um typo curioso. E alguns dias depois, no terraço do Tortoni, que Morales tanto frequentava, vindo-se a falar d'elle, um jorna-

lista o classificou como um simples cavalheiro de industria. Mas houve reclamações e um dos defensores do conhecido anglo-hespanhol cosmopolita concluiu assim o seu breve discurso :

— ... O que não soffre duvida é que aquelle homem tinha um coração. E senão me expliquem como um canalha, ladrão de jogo, alcoviteiro, covarde e sem escrupulos póde morrer de uma lesão cardiaca, beijando a mão da ultima creatura humana que lhe fez bem desinteressadamente....

— Era um enigma, disse outro.

— E entretanto nós todos o conheciamos....

Paris, Junho de 1892.

MISS EPAMINONDAS

Era grande e graciosa e muito linda a loura Annie. Mas, alta e viçosa como era e apezar dos seus dezoito annos, não passava de uma menina de cabeça pequena e coração ingenuo, propensa ás illusões. Até na boquinha de rosa sempre entreaberta como n'uma expressão admirativa e nos olhos azues muito apartados, cheios de scisma, era visivel a sua alma innocente, vivendo na serenidade da ignorancia. A ignorancia da gente inquieta e curiosa é cheia de suspeitas e conjecturas, que são como as frestas incertas por onde entra na alma a claridade do saber: Annie não era curiosa e os seus olhos tão limpidos e claros como dous lagos azues só reflectiam o céu vazio e calmo. Como quem mal acabou de ser creança, gostava de ser alta e bella, para vestir-se e fazer de dama. Os sentimentos da

edade lhe faltavam e com elles os seus tormentos.

Apenas uma sombra enturvava por vezes o luzimento dos seus dias de moça : achava fria a deferencia cortez com que a tratavam mesmo os que a conheciam dos tempos de menina ; parecia-lhe demasiada a reserva das formulas e maneiras do respeito mundano. Só a mãe ainda a tinha por menina, ralhando com ella quando a cabecinha inexperta lhe desajudava a tenção de bem fazer, ou, nos bons momentos, pegando-a ao collo e amimando-a, com as mesmas caricias das effusões antigas.

Da outra gente : as mulheres tinham ido gradualmente diminuindo de familiaridade, com esse receio vago de offender os adolescentes nos seus melindres de grandes pessoas; os homens, uniformizados n'uma amabilidade exagerada, que a constrangia, tentavam fazel-a rir com tolices, ou então lhe falavam com descabida gravidade de coisas profundas e obscuras, que ella mal podia perceber que tinham subentendidos ; todos lhe pareciam desafinados e extranhos, muito longe da sua sympathia. Com as creanças era ella quem desafinava, se ainda as procurava para brincar. Com o crescimento

tinha mudado de gostos e já lhe não interessavam as peripecias simples e faceis de prevêr dos jogos, nem mesmo a violencia dos que outr'ora mais lhe davam a febre do movimento. Sómente, d'esses guardara a excitação quando dansava. A cadencia e o rythmo ainda a embriagavam, quando não era um homem que a pegava pela cintura. As precauções ceremoniosas dos seus pares masculinos lhe desagradavam; faziam-lhe cocegas aquellas mãos sem firmeza. Ainda n'isso preferia a decisão brutal das creanças. E com essa facilidade de generalisação propria dos ignorantes, concluiu que na verdade não valia muito a vida da gente grande.

Como era saudavel e robusta, despreoccupada de reflexões, pouco lhe alterou o modo de vêr as coisas essa conclusão pessimista. Nem mesmo a conclusão foi bem formulada. Continuou a sua vida descuidosa de futuros, resumida de aspirações, agazalhada entre a affeição sufficiente da familia.

Uma tarde, entrando de sopetão na sala, que suppunha vazia, encontrou a mãe conversando com um extrangeiro. «Minha filha, Sr. Campos». Essas quatro palavras de apresentação ficaram na memoria de Annie para sempre. O extrangeiro

levantou-se e, cortejando, disse palavras amaveis, phrases galantes que ella não entendeu, desattenta do seu sentido, para só lhes gostar o som. Elle falava lenta e cuidadosamente, com essa escolha de expressão que têm os que não são familiares com a lingua. A pronuncia rigorosa tinha um sotaque extranho, ao mesmo tempo surdo e forte, como voluntariamente constrangido. Mas em certas réplicas mais calorosas a emphase, que devia ser o fundo da sua lingua natal, soprava lhe na garganta em syllabas rugidoras e prolongadas, em notas de buzina de caçador perdido, retumbantes e doces. Annie olhava para elle e para a mãe alternativamente e corava e sorria, cheia de confusão, e por fim sentou-se defronte d'elle e bebeu-lhe as palavras, já captiva.

O extrangeiro dizia as suas impressões de recemchegado, com a viveza e a justeza de quem traz na memoria ainda fresca o vulto nitido das coisas lá familiares e aqui extranhas. A Sra. Brooks, que tinha viajado, ouvia-o com indulgencia, ria nos parallelos pittorescos, accentuava as differenças das coisas que o viajante achava novas e que a Annie pareciam tão naturaes e universaes como o sol brilhando de dia

e os bicos de gaz durante a noite. De outro ella facilmente tomaria por injuria ou irreverencia a critica dos seus usos e costumes; não d'aquella bocca sonora e varonil, em que o riso não podia ser de escarneo. Elle era grande e forte e tinha as mãos brancas e finas. Tinha o gesto sobrio e apropriado, sem hesitações, e o olhar direito e franco dava a impressão de que fossem claros os seus olhos pretos, profundos e sombreados, como olhos de aguia.

Terminou a visita, o extrangeiro despediu-se, emprazado para logo, pois era um recommendado da familia na Europa; e mal atraz d'elle fecharam a porta da entrada, Annie dizia para a mãe, n'uma explosão de enthusiasmo:

— Que homem encantador, maman!

A Sra. Brooks pôz-se a rir:

— Ora graças! que a minha Annie começa a enamorar-se.

E' que a isenção da filha até tão tarde a affligia como um signal de estupidez mais do que de reserva de coração. N'esse ponto preferia ter de ralhar com ella e reprimir-lhe os desmandos de sentimento a vêl-a perpetuamente creança de vestidos compridos e olhos innocentes.

O extrangeiro voltou, fez-se de casa, acompanhou as senhoras ao theatro e a festas na sociedade, onde ellas o apresentavam. Para a gente de fóra que os via frequentemente juntos elle era o *beau* de Annie. Esta mesma para considerar-se d'elle nem sequer pensava que jámais tinham conversado senão de coisas divertidas ou sem interesse, nunca sériamente pessoaes, tratando d'elles directamente. Campos, porque não era fatuo e não via na menina nenhum signal de affeição mais terna do que a simples amizade e imaginava que o abandono confiado em que ella vivia fosse usual entre a gente da sua nação, nunca pensou em se retrahir nem em levar a um desfecho aquella situação deliciosa. Sómente, um dia veiu em que, tendo conversado longamente sobre um concurso hippico e as mulheres elegantes e as modas novas da proxima estação mundana, que alli se estreava, foi preciso falar na separação breve, na sua volta á terra, e, gracejando imprudentemente, elle perguntou se, para se não separarem, Annie quereria casar com elle.

Annie respondeu "Quero" como se dissesse "Naturalmente". Campos, que ia sahir e não se lhe dava de ter a sua companhia até á região

das lojas de modas e armazens de luxo, pegou no chapéu :

— Pois ha uma egreja catholica alli no canto da rua 23. Venha commigo.

A menima não pareceu entender a brincadeira. Muito séria, empallidecendo e corando, e sem se mover da cadeira, declarou :

— Agora não, que não estou prompta.

Campos sahiu e não pensou mais n'isso. Não assim a Sra. Brooks, a quem a filha contou n'essa noite que o seu namorado era tão impaciente que já a queria levar á egreja, sem prevenir ninguem. O gracejo, sem importancia para qualquer outra rapariga experta, lhe pareceu imprudente para aquella, que era tão sensivel e lhe parecia em caminho de se apaixonar sériamente, como a sério tudo fazia. Mas logo se tranquillisou quando os viu juntos continuando a mesma vida de passeios e festas, sem mais apparencias de ternura que a natural entre amigos de sexos differentes. Só quando, passado o inverno, veiu o momento em que Campos não poude mais adiar a sua partida e tomou passagem n'um pequeno vapor da linha hollandeza, lhe voltaram as apprehensões, vendo a filha diminuir de alegria e mais frequen-

temente se lhe escurecerem os olhos claros com a sombra das reflexões penosas. Depois, na manhan do máu dia, a menina, muito pallida e fatigada da sua noite de insomnia, disse :

— E' bem preciso que a gente soffra pelos e ama.

Era a resignação salutar.

O extrangeiro partiu e Annie ficou pensando n'elle. « Toda a vida », ella dissera no aperto de mão da despedida, que foi muito simples. sem choro nem juramentos.

Foi em Hoboken, na Gamboa de New Jersey, que Annie viu entrar o seu sol, quando puxaram a prancha de communicação do barco ao caes e a espia da proa veio açoutar a agua suja da doca, onde a helice do *Maasdam* começava as suas rotações, que só cessariam d'ahi a dez dias, no outro lado do mar. Entre a longa fila de cabeças arrumadas sobre a amurada já ella não poude distinguir de terra os olhos negros que lhe tinham trazido a luz e agora lh'a tiravam. O vapor dobrou a ponta do molhe, pequenino contra os immensos paquetes allemães. entrados de manhan ou tambem se preparando para sahir, e a Sra. Brooks notou a differença. Annie disse então a sua grande phrase de paixão:

— Pequenino como é, ainda assim cabem n'elle as minhas alegrias e todas as minhas esperanças.

E como a mãe, sem reprochar-lhe a amargura do lamento, se inclinasse para beijal-a, a rapariga colheu-a pelo pescoço e, com o rosto escondido no peito materno, chorou longamente.

Voltaram para casa lentamente, através das ruas estreitas e sujas de Hoboken, opprimidas entre a fumaceira das fabricas e a lama negra das sargetas, sob o mormaço já ardente de Maio, sem falar ou falando de coisas indifferentes. Na barca ferry uma cigana leu nas mãos de Annie uma fortuna brilhante de rainha, longas viagens e longos tormentos de amor, de que sahiria afinal triumphante. A Sra. Brooks aceitou a boa predicção como um pretexto para se desafogar do desgosto da filha. Mas esta continuou amortecida, de olhos perdidos, scismando profundamente. Tinham um convite para jantar e theatro n'essa noite. Annie conversou sem tristeza, mas ouviu a peça distrahidamente e ao abrir a porta da casa, á meia noite, declarou como conclusão das suas reflexões:

— E' preciso fazer alguma coisa por mim, melhorar a minha sorte.

A mãe sorriu :

— Melhora-te primeiro, filhinha. Assim em ti mesma encontrarás consolo.

No dia seguinte a menina entrou para um curso de linguas e trouxe para casa uma lista de livros em que todas ou quasi todas as sciencias se achavam representadas. Annie explicou aos amigos e parentes que ia estudar litteratura e com tanta seriedade o disse que ninguem escarneceu de seu proposito. A Sra. Brooks approvou o projecto, como uma diversão salutar, e pensou que, em vindo o verão, os divertimentos da beira-mar e da montanha substituiriam e acabariam a cura começada pelos livros. Era mal conhecer o caracter da filha. Esta puzera os olhos n'um objectivo longinquo e para lá caminhava através da enrediça das grammaticas e das montanhas de noções scientificas, que por vezes a fatigaram sem desanimal-a Houve desordem no seu trabalho emquanto não percebeu — era preciso que percebesse por si mesma — que não basta adquirir noções, é preciso fazel-as render. E no dia em que ambiciosamente architectou o seu primeiro « systema do universo », em que fez a primeira generalisação e sentiu o prazer do estudo productivo, concluiu que estava no bom

caminho para se melhorar. Essa segurança lhe tirou um pouco da sua graça submissa de menina ignorante. Ella passou a ser muitas vezes affirmativa, para discutir e aprender com a gente sábia. Ainda não sabia o que era uma convenção politica, já discutia os programmas dos partidos em luta. Apenas um professor lhe deu os primeiros lineamentos da etymologia, aventurou a unidade das linguas, conduzindo á affirmação da origem commum das raças. Passava facilmente do particular para o geral, como é de costume entre os aprendizes de philosophia. Mas a cada rebatimento das suas ambiciosas generalisações, a cada facto novo que lhe era revelado em conversa ou em lição, Annie alargava o seu programma de estudos, até que, consultando a materia dos cursos, descobriu com terror que estaria velha antes de os ter completado. Foi isso na occasião de partir para a montanha, e entre a fadiga da arrumação das malas e o enervamento do calor intenso de Junho a pequena philosopha teve uma crise de desalento e cedeu ao conselho da mãe, de que deixasse os livros na cidade.

Lá em cima, porém, os pic-nics, o tennis, as dansas do hotel e a conversa raza e repousante

dos veranistas lhe pareceram insupportaveis. E menos supportavel ainda a côrte que entrou a lhe fazer um rapaz elegante e intelligente, mas presumido. Annie maltratou-o quando elle, sentado no chão junto da rêde em que ella se aninhava sob os carvalhos á beira da torrente, chegou á declaração, que suppunha esperada e aceita de antemão.

Era uma noite linda de luar e da sombra das arvores, parecia ainda mais mysteriosa a claridade phosphorea que lavava os relvados pertos e as florestas ao longe, e fundia as montanhas na leve bruma azulada subindo das grotas e embebendo toda a paizagem no ambiente magico dos sonhos de encanto. Annie pensava no *Sonho da noite d'estio*, no canto de Ariel, na voz de Campos, repassava o seu sonho de poesia no coração tumido de suspiros de saudade, quando o companheiro lhe dirigiu uma phrase galante, que lhe pareceu já sua conhecida. Deixou-o continuar. Era uma tirada de romance francez, que provavelmente o moço pensava que ella não lera. Preparava-se para se divertir á custa da sua eloquencia de segunda mão quando o sentiu que pontuava o discurso com um beijo na mão esquerda que ella deixara pender. Levantou-se

bruscamente e, pondo os pés no chão, disse encolerisada :

— Eu me estimo demais para consentir em ouvir declarações que não sejam feitas pela minha medida. Certamente não me servem as que assentam ás heroinas de Octave Feuillet.

O moço tambem se pôz de pé, embaraçado.

— Peço perdão, a situação é a mesma.... As palavras....

— Não são as palavras que me offendem, é a comédia de sentimento, que não admitto que se queira representar commigo!

O tom era desabrido; o namorado repellido balbuciou, resmungou uma explicação e por fim retirou-se.

Annie tornou a se recostar na rede, perturbada, irritada contra si mesma, por ter dado tanta importancia ao incidente insignificante e commum nos namoros de verão. Mas de repente a sensação do beijo na mão, do beijo falsamente respeitoso, porque era um simples gesto obrigado da comédia, feriu-a de novo nos seus melindres, nas suas repugnancias de virgem, e ella sentiu a miseria do primeiro contacto consciente com a mentira e a maldade. O grito que então deu pela mãe foi realmente um grito

de soccorro. A Sra. Brooks, que conversava n'um grupo de senhoras sob a varanda do hotel, respondeu inquieta, e a rapariga, cahindo em si, não soube senão propôr-lhe que se fossem deitar. E no quarto, ainda muito excitada e commovida, referiu á mãe o incidente da declaração.

A simples senhora começou se divertindo e acabou por se assustar com a exaltação da filha. Em vão lhe quiz explicar que não era um crime em materia de sentimento adoptar um namorado a tirada de romance que lhe ficara na memoria e que lhe parecia melhor exprimil-o do que a que lhe dictasse a propria inspiração. Mas que, além d'isso, mesmo admittindo que o rapaz não fosse sincero, as mentiras na comédia do namoro fazem quasi sempre parte do processo que tantas vezes leva ao casamento. A nada quiz Annie attender, e, com a ferocidade do coração cheio pela paixão absorvente, declarou que, sincero ou não, ella odiava esse homem que lhe fazia a injuria de lhe falar de amor com phrases feitas.

— Odeio disfarces, imitações de maneiras alheias, odeio a mentira sob todas as formas, seja qual fôr a tenção; mas odeio sobretudo o

homem bastante estupido para não vêr que estou apaixonada, que dei o meu coração a outro.

— Tu cuidas que isso se vê?

— Deve se vêr! Pois eu não tenho mudado tanto desde o outomno passado! E, se não se vê, vou começar amanhan mesmo a dizel-o a toda a gente, para que me deixem em paz.

A Sra. Brooks calou-se, aterrada com aquella explosão do sentimento, que a diversão dos estudos não tinha atenuado, antes parecia ir crescendo temerosamente no silencio. E só se tranquillisou quando viu a filha, na manhan seguinte, sentada á secretária, escrevendo a Campos.

Elles se carteavam espaçadamente, como por simples obrigação de cortezia, para conservar as relações entre pessoas que têm de se tornar a vêr. Comparadas com as da rapariga, breves e apenas noticiosas, sem grandes mostras de ternura, as cartas de Campos, progressivamente mais expansivas, como se fosse ganhando confiança com a reserva d'ella, eram quasi amorosas, e a derradeira, que falava de um passeio ao campo nos arredores de Pariz, parecia escripta á sombra amorosa dos choupos de

High Bridge, onde ambos tinham inaugurado a primavera.

A essa, n'um prolixo e confuso desabafo da affeição longamente reprimida, respondia Annie. Depois de contar o caso da vespera, com simplicidade e sem insistencia nem odio, já acalmada pela reflexão e, mais ainda, pela preoccupação do seu problema sentimental, ella passava ao ponto essencial :

« Meu querido, careço do seu conselho, careço da sua palavra para serenar o meu coração, que está inquieto. Sabe que o amo, ainda que nunca lh'o dissesse : sempre vi nos seus olhos que o sabia desde os primeiros tempos, quando eu ainda não pensava que já andava tão por longe de mim mesma. Hoje lh'o digo, sem vergonha de ser a primeira, porque necessito de saber se sou paga do meu amor. Isso me daria a segurança que o miseravel incidente de hontem me tirou, desde que maman me disse que a mentira é de regra nas relações entre homem e mulher. Eu não posso imaginar que V. fosse capaz de mentir á sua Annie. Seria o mesmo que eu mentir á maman. Entretanto ha as brincadeiras, as brincadeiras imprudentes que pódem quebrar um coração que crê. Per-

doe-me a suspeita, que não é injuriosa e nasceu apenas agora da minha afflicção, — e eu só desejo que ella seja infundada — tenho medo que não falasse sériamente quando me propôz casamento e me quiz levar á egreja da rua 23. Eu de certo lhe respondi mal n'aquelle momento, se lhe respondi : devia ter ido, devia me ter deixado levar, que já era sua. Mas não tive forças para me levantar, fiquei acabrunhada de ventura, e dentro da claridade que começou então a me rodear na vida eu só desejei ficar quietinha, immovel como uma santa no seu altar, ouvindo a prece, a musica da sua voz. Se eu tivesse morrido então.... Sou louca! Teria perdido o goso dos dias que ainda passámos juntos, dias sem sombra, sem aurora nem crepusculo, em que vivi n'um clarão, mergulhada no esplendor de um meio dia radioso. O passeio a High Bridge, com aquelle sol de ouro nas folhas novas e a alegria dos passaros cantando e a felicidade da terra com a volta da primavera e as montanhas longe e o mundo tão grande, que eu sentia pela primeira vez.... O vento ia e vinha, sem pressa, passeiando como nós, brincando, perfumando-se com as flôres, cochichando ás vezes e outras vezes

sussurrando alto essas coisas que nós não entendemos e que os poetas adivinham. Você me disse as terras d'onde o vento vinha, as paizagens, as scenas que tinha visto em caminho e que, bem contadas, são a poesia. E eu pensei que o vento era como o extrangeiro, encantador, mysterioso e vagabundo, falando em lingua desconhecida, envolvido no prestigio dos céus extranhos, e não podendo parar sem morrer. Foi n'esse dia que a minha alma se dilatou com o desejo de o acompanhar, de se dispersar pela terra que illuminasse o clarão dos seus olhos, que povoasse o canto da sua voz. E me preparei para as durezas das separações, para os tormentos das ausencias prolongadas. Mas, ó meu amor, não podia me preparar para o horror da mentira, e essa primeira que descubro tentando me tocar bastou para me envenenar o ar que respiro! Por isso lhe escrevo, para me certificar. Tenho medo, não que me enganasse, mas que eu me enganasse, e que a sua tenção não seja de me tomar para si. Note que a palavra casamento para mim não representa a ceremonia realizada e a vida de casados, os direitos e os deveres de que fala o padre. Não, ella seria apenas uma promessa, a

esperança ineffavel, o signal de que eu sou a sua escolhida, sem que eu possa reclamar jamais o cumprimento da promessa. Entretanto, por mais virtual que ella pareça, não quero que a minha esperança seja van e infundada. Eu tenho o culto do meu amor, e, coroado ou infeliz, não soffro que a mentira o toque. D'ella sempre ficaria o tisne nos longos veus, nos botões brancos da minha grinalda de noiva, que sua noiva hei de ser toda a vida. »

Quando acabou de escrever Annie tinha quasi recuperado essa segurança que pedia ao amado. E tanto que, vendo passar pela varanda o desastrado adaptador de Feuillet, o namorado da vespera, chamou-o com um amavel bom dia e os olhos risonhos. O rapaz parou, embaraçado, depois entrou na sala, de chapéu na mão e ar confuso :

— Miss Brooks, peço-lhe humildemente perdão....

— Vamos, vamos! quer que fiquemos amigos? não falemos mais n'isso....

E deu-lhe um energico aperto de mão, como de homem a homem.

Ficaram amigos. Além de intelligente, o rapaz era instruido : trocaram idéas e con-

ceitos e ella estimou a honestidade e precisão do seu juizo, a linguagem clara e firme do homem de estudos, tão differente da do galanteador, e elle conheceu a generosidade do seu coração, que lhe dominava e conduzia o espirito á descoberta prompta das verdades moraes, como por presentimento ou por intuição poetica. Uma tarde elle resumiu os seus pensamentos de moral applicada áquelle caso particular :

— Na vida ha duas coisas sempre novas, sempre interessantes, de que a gente se não fatiga nunca, porque não são um fim, são um modo de ser, o gesto familiar de um caracter : são ellas o amor, e a lida pela verdade. Uma não exclue a outra, mas é raro que se possa accumular. Ha os santos, mas sem duvida não convém que haja muitos santos, para não desanimar a gente modesta ou mal aquinhoada em virtudes. Não se case, Miss Brooks : não encontrará de certo o homem que a ame como deve e que mereça o seu amor. Mas funde um jornal, para exercer o apostolado de cuja vocação eu fui o primeiro a conhecer o ardor, quando tão duramente repelliu a minha infeliz declaração. Funde um jornal para a defesa da causa

unica e multiforme da revelação da verdade. Os seus olhos claros sabem vêl-a melhor do que muitos que parecem bem preparados para descobril-a sob os disfarces. O material, em breve adquirirá pelo estudo, que a armará para a campanha. O estimulo, se d'elle precisasse, encontraria no trabalho de cada dia, que lhe parecerá afinal a sua unica razão de ser. Agora, uma observação : não faz objecção aos oculos? elles são fataes. Eu vejo-a encantadora assim; mas póde ser que essa lhe seja a provação mais dura....

O joven conselheiro se enganava : o que mais ia custar a Annie era a perda da sua esperança de amor.

Posto á vontade pela situação que se lhe fazia, deante da largueza illimitada do prazo e encorajado pela distancia, Campos respondeu á carta da que se dizia sua noiva com uma carta inflammada e sem commedimento. Depois passou elle a ser o que falava de amor, variando de fórmulas e phrases ardentes e ternas, como se lhe quizesse entreter e avivar a paixão. A falta de sinceridade o fazia deshonesto. Mas a menina, cégamente confiada, não mudava de tom. Escrevia-lhe simplesmente, brevemente

sem phrases, dando noticias, mesmo dos estudos, que a absorveram, desde que voltaram para a cidade, durante o outomno e todo o inverno. Apenas uma vez ou outra lhe falava nos oculos de professora que usaria quando tivesse um diploma, uns oculos redondos e pesados, de vidros fortes, d'esses que consomem os olhos, a pretexto de os ajudar, e acabam por ser os parasitas do rosto, addidos permanentes á physionomia.

Antes, porém, que fosse obrigada a usal-os, a exacerbação nervosa dos excessos de estudo lhe impôz um repouso forçado. Os médicos lhe aconselharam a diversão das viagens por mar, a mudança de clima e de vida, e a Sra Brooks propôz a viagem á Europa.

Annie aceitou com a condição de irem primeiro fazer uma surpreza a Campos, que se installara em Pariz, como agente de negocios incertos com a Hespanha e as duas Americas, e, no perpetuo provisorio da sua vida, tomara uma companheira tambem provisoria. A viagem pareceu interminavel á menina e cada vez mais lenta á medida que se approximava do fim. O trem expresso do Havre a Pariz se arrastava pesadamente, em vez de voar como o seu desejo.

E apenas chegadas ao hotel, depois de um leve almoço, partiram á procura de Campos. Elle morava n'uma rua triste e pouco transitada, nas faldas de Montmartre. A escada era ingreme, escura e sem tapete. No quarto andar tocaram várias vezes a campainha. Por fim veiu uma creada abrir.

— Mora aqui o Sr. Campos?

— Sim, senhora. Mas não estão em casa. Foram almoçar a Saint-Germain....

— Elle mais quem?

— Elle e a senhora.

— O Sr. Campos é casado?

— E' casado....

Annie recebeu o golpe em cheio no peito, no seu peito de virgem robusta, e ficou um momento calada, meio atordoada, pensando que se podia ter enganado de casa e que moraria alli outro Campos. Mas o olhar vagando pela pobre salinha de visitas, que tambem servia de escriptorio, deu com o seu retrato ao lado do do *seu* Campos, feito n'um photographo da Quinta Avenida.

Teve uma ancia, que logo reprimiu. E procurando na carteira o bilhete de visita da mãe escreveu n'elle o seu nome, a data e um P. P. C

bem claro. Depois, entregando-o á creada :

— Pois diga ao Sr. Campos que aqui estiveram as suas amigas da America, que o vieram vêr entre dois trens e ralham muito com elle, por se ter esquecido de lhes dar parte do seu casamento.

Conservou a firmeza até ao quarto do hotel. Ahi desatinou, n'um grande pranto, chorou a sua miseria, quiz morrer. Mas de repente olhou para a mãe, que não sabia como a consolasse, inteiramente desamparada na terra extrangeira, deante de um soffrimento que ella bem comprehendia e avaliava. Annie teve remorsos. Lembrou-se então da predicção da cigana e dos conselhos do moço que plagiava Feuillet. E, se inteiriçando contra a dôr dilacerante, fez ao seu futuro de apostola e á sua dignidade de mulher o sacrificio do amor incompativel :

— Vamos amanhan para a Italia, maman. Na volta eu lhe prometto que estou curada. Depois, n'este outomno, iremos para Boston. Vou estudar com ordem e moderação. Em dois annos quero estar jornalista.

Cumpriu a promessa. O *Brooks' Weekly*, fundado e dirigido por ella, é um dos mais massadores jornaes para familias que ha na

America. E' austero, intransigente e secco. Trata muito de educação, de religião, de hygiene e de grandes questões insoluveis do desequilibrio necessario das massas sociaes, da desigualdade na repartição da riqueza, dos destinos das raças e das nações. Tem uma secção amena confiada ao homem que plagiava Feuillet, o qual se quiz associar á empreza de Annie Brooks, diz elle que para assistir á inauguração dos oculos. Ella, porém, ainda se não decidiu a passar do *face-à-main* e isso mesmo no theatro ou nas exposições de bellas-artes, por impostura de critica. Por vingança da sua rude sinceridade de apreciação, entre o mundo das lettras e artes a chamaram de Miss Epaminondas. Mas só a mãe se offende com isso.

Durante a ultima guerra Annie falou em conferencias publicas, fez parte de comités patrioticos, deu combate á iniquidade e á mentira hespanholas.

Esqueceu-me dizer que Campos era hespanhol.

Pariz, 7 de Dezembro 1898.

JOÃO CHINCHILLA

PARA A MARIA D'EÇA DE QUEIROZ

A historia de uma vida inteira é sempre triste, por feliz que tenha sido. Ha no correr d'ella as mortes, as separações em caminho, os desencantos do que se desejava e que sahiu differente do sonho, ha sobretudo a fadiga que desce sobre a gente com as sombras da velhice. Assim é melancolica a tarde do mais bello dia, por comparação com a frescura e o esplendor das madrugadas de esperança. Por isso, para que a Maria se não entristeça lendo-a, eu corto a historia de João Chinchilla pelas tres horas, quando ainda lhe vae alto o sol da vida.

João Chinchilla nasceu em terra americana, sob os divinos céus resplandecentes, que tiram á creatura o desejo de ser alguem. Nasceu á beira das lisas praias « onde o mar suspira e

chora, onde na areia sonora brinca de noite o luar », e, desde os primeiros passos no caminho da vida, pelos olhos pasmos, pelo ouvido encantado, pelos sentidos todos captivos lhe entrou n'alma a admiração que humilha o espirito, a adoração da Divindade nas suas obras, que não é o mesmo que adoral-a em si mesma. E a adoração, que é o grande enlevo, o arrebatamento na contemplação dos grandes espectaculos da Natureza, supprime todo o desejo de aprender. João Chinchilla quiz ficar um ignorante, e pôz mais força de vontade n'essa tenção de humildade e renuncia do que outros em adquirir a sabedoria e o poder. Mas não lh'o consentiram os que tinham commando sobre elle e se diziam responsaveis pelos seus destinos, os velhos, os parentes, os que se não contentavam com saber e queriam que elle soubesse.

Ensinaram-lhe immensas coisas excusadas e insensatas : que a terra é uma bola e róla, que o céu não existe, pois que está *cheio* de estrellas sem conta e que não ha alto nem baixo ; que o vento é o proprio ar que se move e ninguem o sopra ; que existem forças que ninguem sabe o que são e que tomam sobre si

tarefas ridiculas, que uma laranja não póde cahir de madura sem vir a força de gravitação puxal-a ou empurral-a, que não se molha um pedaço de assucar nem se embebe de tinta um pedaço de papel-chupão sem se incommodar a capillaridade, que quando a gente não está bem segura e leva um boleu de um balanço é a força centrifuga que nos faz sahir pela tangente. .. E outras brincadeiras d'este quilate, a que João Chinchilla achava graça pela curiosidade ou pelo destempero da explicação, mas que não podia tomar a serio.

Elle bem via com os seus olhos avisados e claros que o sol que se accendia todas as manhans por traz da serra e de tarde se apagava no mar era todos os dias differente, mais quente, mais frio, amarello ou vermelho, sem falar nos dias em que não havia sol, quando a chuva o apagava ou não havia com que o accender. E os ventos, mais fortes, mais brandos, rugidores, sussurrantes, abrazadores, glaciaes, macios ou violentos, os ventos infinitos elle bem sabia que não andavam á toa pelo ar, mas que tinham a sua origem e destino e uma grande historia pelo menos tão curiosa como a das nuvens, que nunca são as

mesmas e, com a sua fragilidade e vida incerta de formas ephemeras, são a povoação maravilhosa do céu. Depois havia a Agua tão vária de modos, de gestos, de vozes, de caracter, desde a fresca fonte crystallina, a menina das aguas, que canta dia e noite, descuidosamente, no fundo sombrio das grotas, até á massa immensa do mar mysterioso e solemne, sempre inquieto, trabalhando n'uma lida obscura, com repousos suspirosos e frenesis de colera insensata. E o espelho azul da laguna, lilaz de madrugada e purpura ao crepusculo, onde se mirava o céu faiscante de ouro das noites estrelladas, e os diamantes da orvalhada nos campos ao amanhecer e a agua vinosa e morna dos paúes traiçoeiros e as estrias da chuva desoladora, que de longe se annuncia pela zoada e pelo cheiro, então tudo isto não é mais do que protoxydo de hydrogeno? E o perfil dos montes e a physionomia das coisas, a linguagem dos seres sem vida, o olhar dos animaes, o canto dos passaros e a dansa das lavandiscas nos remansos, os perfumes e as vozes da noite, os deslumbramentos caritativos do Sonho, unicos que contentam a gente sem as ancias do desejo e as fadigas da conquista, nada d'isto explicavam ao menino

pensativo. Explicaram-lhe, sim, que 2 e 2 nunca pódem fazer mais de 4, que uma roda é um circulo *porque* todos os seus pontos se acham á mesma distancia do centro, que em cinco sextos de *x* não ha meio de se encontrar um *x* inteiro e que quem de 14 tira 17 *não póde* e pede um emprestado ao vizinho.

Recebeu todas essas noções encolhendo os hombros — moralmente, porque sendo humilde era polido e não queria ser desagradavel aos que lhe ensinavam —, sentindo que nada d'isso levava á sabedoria, que todo o esforço por accumular conhecimentos d'essa qualidade era perdido e o tempo que assim gastava poderia ser mais bem empregado em viver feliz a seu modo. Nunca, porém, formulou as suas objecções contra o que considerava a phantasia dos mais velhos, por medo de que lh'as rebatessem com sentenças e abuso de autoridades. Ha casos em que mais vale não discutir, quando a divergencia de opiniões vém desde os principios. Elle não admittia os principios, nem a utilidade de saber, nem os meios para chegar ao conhecimento. João Chinchilla resolveu esperar a sua monção, a hora do mofino.

Emquanto esperava, os annos passavam, o menino se fazia homem e o homem, sempre aprendendo para fazer a vontade aos outros, achou-se um dia sabio segundo a noção corrente, sabio recalcitrante, que a si proprio chamava de theorista, desdenhosamente, para significar que toda a sciencia absorvida por noções avulsas e descosidas ou por systemas inteiros não lhe tinha aproveitado practicamente, melhorando-o, desenvolvendo-lhe a alma, isto é, transformando-a no sentido da felicidade absoluta na adoração da grandeza e da belleza ambientes. Então, como aos outros parecesse aproveitavel o seu conhecimento das linguas, da historia, da vida dos outros povos, applicavel essa propria theoria que elle desprezava, mandaram-no para o extrangeiro como representante diplomatico do seu paiz.

João Chinchilla, sempre cordato e paciente, partiu sem discutir a phantasia do seu destino e viveu longos annos em terra extranha a vida machinal que levara junto dos seus desde o dia em que lhe impuzeram o jugo do A B C. O olhar vago e desattento, a bocca sem sorriso e o coração fechado, o apagado da expressão e a reserva extrema de sentimentos deram-lhe

prestigio, ameaçaram de fixar-lhe o destino, fóra da sua missão na vida. João Chinchilla via com tristeza accumularem-se as condecorações sobre à terceira ou quarta farda bordada da sua carreira diplomatica e já pensava morrer ministro, quando o incidente inesperado e providencial veiu libertal-o e restituil-o á independencia civil, facilitar-lhe a realisação dos sonhos de menino.

Foi por occasião de um piquenique informal entre collegas, n'uma capital á beira-mar. Estavam alli homens e mulheres de várias nações, representando raças, civilisações, tendencias e interesses contrarios, alguns mesmo adversarios inconciliaveis, figuras, apparencias, maneiras, almas diversas formadas sob céus diversos e ao acaso reunidas, vindo dos confins da terra. A lingua que falavam os não approximava, que a poucos ella acudia espontanea e natural, traduzindo impressões sinceras. Inflexões, sotaques extranhos, fallencias do termo proprio, barbarismos, a mascaragem das phrases feitas, aprendidas de ouvido, os isolavam de sentimentos, ainda que juntos se achassem. E por momentos, surgindo irreprimivel nas agrupações instinctivas, restabele-

cendo distancias, quebrando a etiqueta da lingua geral, Babel falava.

Como tinha por costume, parecendo preso á conversa, respondendo, commentando, palrando, João Chinchilla gozava acima do logar, além do momento, fóra da realidade presente, na recurrencia do passado que assignala a vida, na symbolica das physionomias que attribuia ás coisas e ás pessoas, na excitação da musica, da claridade, das formas moventes e graciosas, da côr e dos aromas. O sitio era um terraço n'uma altura, d'onde, por cima de copas de arvores, apenas solicitado por longas ondulações de collinas cinzentas, embebidas na luz, simples indicação da terra supina, o olhar se desafogava no espaço. Entre as flôres vistosas de um chapéu e a claridade de um sorriso no primeiro plano, vinha de longe ao poeta a brancura diversa de velas pousando no mar, de nuvens errantes no ceu azul. Na turvação do gozo o horizonte subia-lhe e descia, como lhe acompanhando o arfar do peito e o latejar das fontes. E a mesma libração inebriante balançava-lhe o pensamento de deante para traz vertiginosamente. João Chinchilla entendia as vozes: o choro dilacerante de uma rabeca, ao lado da queixa lyrica, hesitante

e tremula da harpa, emquanto o contralto pensativo da clarineta considerava.... Os perfumes se separavam, seguindo cada um o seu rumo no ar divino. Essa individualisação infinitesimal das coisas, essa discriminação analytica da vida, que desde menino lhe tornara differente, independente a visão do mundo, pareceu-lhe alli tão sensivel e evidente que, obedecendo á Ordem, resolveu dizel-a aos companheiros. E no momento em que um homem practico falava do mar como caminho de conquistas e vehiculo de riquezas, o poeta-ministro levantou-se solemne, de olhos vidrados e faces pallidas, para a revelação.

. . . .

Mas o episodio da libertação, a volta á terra natal e os colloquios de João Chinchilla com o mar são materia para longas paginas e encheriam e escureceriam impropriamente o livro de menina da Maria. No seu album de senhora — que sempre virá cedo demais — prometto escrever um dos pensamentos da sabedoria do nosso já então velho amigo. A primeira parte da sua historia apparecerá dentro em pouco em lettra redonda. O resto vae elle preparando vagarosamente na sua solidão contemplativa,

que povoam doces memorias do passado e os phantasmas do futuro, espectador feliz e divertido da representação continua aonde toda a gente imagina que chegou tarde e d'onde sempre sahe cedo demais. João Chinchilla que não veiu á festa pelo seu pé, espera tranquillamente que o venham buscar n'um carro de gala com quatro cavallos empennachados e muitas flôres e musica e bellos cantos em latim e gente respeitosa acompanhando o triumpho do homem a quem foi dado viver sem pensão nem cuidados.

Pariz, 16 de Janeiro de 1899.

INDICE

Nota para o meu melhor leitor I
A Bacchante 1
Estudo de feio 11
Conto de verdade 25
Só 35
Uma religiosa besta 43
Consul! 59
Outr'ora 69
A canção do Rei de Thule 85
Obsessão 99
Possessão 109
Maria sem tempo 121
Um poeta 135
A psychologia corrente 149
Contente 159
Recapitulando 169
Meu moleque Tobias 183
Nhosinho 193
Amabo! 205
A força do nome 219
Um conhecido 243
Miss Epaminondas 257
João Chinchilla 283